

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

RUY BARBOSA da Academia Brasileira	Oswaldo Cruz 271
HELIO LOBO do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro	Brasil—Estados-Unidos . 322
MEDEIROS E ALBUQUERQUE da Academia Brasileira	Livros... 334
F. BADARO'	A Ema 346
FIRMINO COSTA	Vocabulario analogico . 354
GODOFREDO RANGEL	Vida Ociosa (romance) . 361
JOAQUIM MANOEL DE MACEDO	Martius 370
COLLABORADORES	Resenha do mez 378

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 19 - ANNO II

VOL. V

JULHO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 62
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Amadeu Amaral — Os Andradas (*Martim Francisco*) — Bibliographia — A Argentina e Oswaldo Cruz — O Darwinismo e a guerra (*J. D.*) — Na Academia Brasileira — A pintura no Brasil (*Laudelino Freire*) — **Notas de Sciencia** (O alcool e a energia humana — A distribuição da população na China — As sciencias biologicas e a agricultura nos Estados Unidos) *M. P.* — A Laura do Petrarca de Villa Rica (*Nelson de Senna*) — Sobre a nossa literatura (*João Ribeiro*) — O industrialismo argentino — O ministerio da caridade — Alimentação e saúde — O medo entre os soldados. — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: Oswaldo Cruz e Amadeu Amaral, retratos por *Wasth Rodrigues* — Um autographo de Carlos Gomes — Instituto Oswaldo Cruz — Uma carta de Affonso XIII.

As assignaturas começam em qualquer tempo
e terminam em Junho ou Dezembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica tabalhos inéditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelândia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abri-la por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travesa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. **Condes.**

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Guebena e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13.30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças** — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos:
Praça da Republica, 23. Teleph.
258. Caixa, 107.—**Rio:** Rua Can-
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,
881. — **S. Paulo:** Rua Boa Vista,
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.
Telegrammas: "Belli", Genova
(Italia), Piazza Scuole Pio X —
Casella 1.459. End. tel. "Bel-
lico".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO — Emi-

lio Rocco — Novidades em case-
mira inglesa. — Importação di-
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
5151 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cau-
telas de casas de penhores e do
Monte de Socorro de S. Paulo
— **A CASA MARCELLINO** com-
pra e paga bem.—Praça Antonio
Prado, 14 — Telephone 4.692 —
S. Paulo.

CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

OS ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

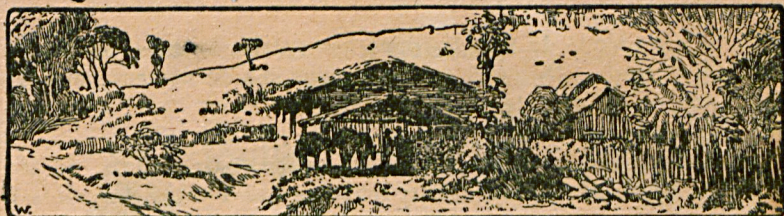
Loteria de São Paulo

PARA 10 DE AGOSTO

50:000\$000

POR 4\$500

**Os bilhetes estão á
venda em toda a parte**



OSWALDO CRUZ

CONFERENCIA REALISADA A 28 DE MAIO
DE 1917 NO THEATRO MUNICIPAL DO RIO
DE JANEIRO, NA SESSÃO SOLEMNE EM HO-
MENAGEM A MEMORIA DE OSWALDO CRUZ.

Minhas Senhoras:

Meus Senhores:

Embora, nas homenagens desta natureza, tudo imponha ao ora-
dor a norma de se apagar e sumir-se a si mesmo, deixando a scena
inteira ao vulto illustre, para quem se volve a curiosidade e espe-
ctação de todos, destes estylos me leva a discrepar, hoje, uma dessas
circumstancias, que abrem excepção ás mais apertadas regras da
môdestia e do bom gosto.

RECTIFICAÇÃO PRELIMINAR

Nem é destes que me arredo, ao exordiar, occupando-me commi-
go; porque o bom gesto e a discreção é que me não consentiriam re-
vestir aqui uma dignidade, que não me assiste, assoalhar galas, que
não são minhas entretendo, calado, o equivoco de que eu vos venha fal-
lar hoje "em nome da nação", como annunciaram os mossos jornaes,
ao darem, coom o seu programma, a noticia desta solemnidade.

Por menos que valha um homem, senhores, ainda menos fica-
rá valendo, quando tente ou lhe queiram engrandecer o tamanho com
o emprestimo de qualidades estranhas. Toda a absorpção do alheio
nos abala no goso tranquillo do nosso. Não pôde estar seguro na sua
propriedade quem a dos outros usurpa; e, se não mentem grande
mentira os anexins, que mentir não costumam, uma figura que se

atavia com o espolio do guarda-roupa dos outros, na praça despirá o que a furto vestiu. Não serei eu, pois, quem me dê por emissario da nação, no que ora me ides ouvir os que me honraes com a complacencia do vosso concurso.

Nenhuma delegação ou autoridade tenho, para fallar de tão alto. Pela nação não podem fallar, senão os que reconhecidamente a representam, ou os que, em nome della, della dispõem: os que lhe resolvem os actos, os que lhe decretam as leis, os que lhe traçam os destinos. Do numero desses eleitos ninguem estará mais longe do que o individuo, que ora vos dirige a palavra.

O diploma de senador me dá um logar numa das casas do Congresso e o direito de lhe occupar a tribuna. Mas a tribuna parlamentar é hoje em dia, uma cratera extincta, e as camaras legislativas mera sombra de representação nacional. Por essas cadeiras, em uma das quaes, naquella angusta camara, ha um quarto de seculo, tenho a honra de me sentar, resvalam camadas e camadas successivas de varões eminentes, descambado ao nada, sem deixar o mais leve rasto da sua passagem; e não será, de certo, ao que, menor de todos, não tem alcançado senão baixar constantemente, até se inscrever, hoje, entre os seus pares, no derradeiro grau da escala, não será, por certo a esse que ha de caber a distincção, não lograda jámais plos outros de ser o instrumento em cujas cordas vibre o espirito de sua terra.

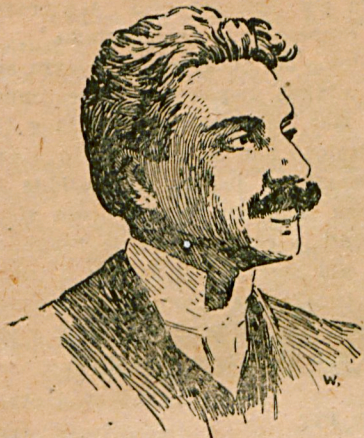
OS QUE REPRESENTAM A NAÇÃO

Não basta, senhores, para encarnarmos uma nação, havermos conseguido, algumas vezes, reflectir-lhe, por momentos, no animo as nossas idéas, os nossos sentimentos, os nossos desejos. Essas coincidencias passageiras, que têm occorrido na minha vida, entre as crenças, as aspirações, as esperanças do povo e as de um individuo, são, as mais das vezes, episodios accidentaes, que não traduzem verdadeiras relações de representação espirital entre a nação e o homem, de quem ella transitoriamente se approxima.

Só os que possuem o condão extraordinario, a bem poucos reservado pela natureza, de mover as massas humanas, de lhes communicar a energia, a vontade, a perseverança, de as incendir na paixão das suas resoluções, só esses dynamos vivos, cujo poder de influencia electriza nacionalidades inteiras, receberam do Creador o privilegio divino da personificação real da sua raça, e trazem nos labios inspirados a voz da sua patria. Não assim os que, como eu, se matam, quasi sempre debalde, em prégar de idéas, que a multidão acclama, que as urnas abraçam, que uma impressão de geral assentimento recommenda, mas que, ao passarem do circulo do apostolado ao da acção pratica, ainda quando aureoladas pela victoria legal, naufragam de encontro ás conspirações dos interesses, sem achar,



nas maiores que as elevaram, a resistência popular, onde se encontram para a reivindicação do triumpho burlado.



Das nações que se desnervam, desmendem e descerebram, que renunciam ao próprio juízo, á propria força e á propria actividade, os genuínos representantes devem ser os que a ellas se substituem no goso e exercício desses attributos. Da personalidade colectiva, que absorveram, são elles os senhores, como o tutor o é dos menores, que rege, ou o zagal do gado, que apascenta. Os demais, como eu, como eu são apenas átomos da poeirada raciocinante, que remoinha num raio de luz, tomando as côres do iris, mas

desapparece ao sopro dos que manejam o sol ou a chuva, a bonança ou a tormenta, as decisões irremediáveis e as medidas soberanas.

Só aos que nellas, pois, têm parte, só a elles seria dado fallar-vos em nome da nação, dessa nação ausente e absenteista, que se apartou dos seus bens sem animo de volta, outorgando, por abandono, aos que delles se metteram de posse, carta branca e procuração em causa propria, com clausula, sem reserva, de substabelecer, dispor e alienar..

VOX IN DESERTO

Da nossa arraia miuda apenas me distinguiria eu em não haver sido aquinhoado, como ella, com o dom da resignação, e, dissidente por experiencia, convicção e vêsso, me terem parado as coisas na condição ingloria, ociosa e triste de vox *clamantis in deserto*.

Clamando assim, quasi sempre no êrmo, desde que a nação não conclama commigo, não me posso considerar com o direito de abrir a bocca em seu nome. Apenas me seria licito, como ao commum dos que não padecem de surdez ou cegueira, testemunhar, com inteireza, dos sentimentos, que se ouvem rumorejar, comprimidos, nas consciencias, como a lava nas profundezas da terra.

Creatura de tal feitiço, com esta vocação de importunidade, que a parou no fadario de atravessar uma vida inteira em quasi perenne combate com o seu meio, não poderia, claro está, ser a melhor escolhida, para o representar no que quer que seja.

Verdade é que, na camara de que sou membro solitario e inutil, a lei me permittiria orar em nome da nação. Mas a mesma anomalia da minha solidão naquella egreja assembléa deve ser, se não

falha a lógica, o signal mais certo de que eu, alli, corpo estranho, hospede impertinente, não represento em coisa alguma o Brasil, e já me tenho demorado sobremaneira em despejar esta censuravel situação de representante, que não representa o representado.

Para que legitimamente, vos pudesse eu, endereçar a palavra em nome da nação, era mister que as minhas disposições, preocupações ou convicções fossem as suas. Mas, se existisse identidade tal entre uma e outras, a nossa constituição não se acharia tão longe do regimen, que proclama; a democracia, a justiça, a legalidade já estariam começando a estampar o seu sello em toda a nossa vida, e a minha não teria sido, nestes vinte e cinco annos de republica promettida e adiada, a maldição de um ingrato duello com o irrealizavel. "Chefe de idéas", como, por irrisão, me chamaram, convenci-do estou, já hoje, de que acabarei, sem que as minhas tenham o seu dia, porque a minha patria ainda as não quiz, nem lhes quer.

ACTO DE FÉ

Mas, embora acabe eu, a minha fé não acabará; porque é a fé na verdade, que se libra acima dos interesses caducos, a fé invencivel naquella que nos disse: "Habete fidem Dei", a fé miraculosa do bem, que vinga oceanos e transpõe montanhas: Amen dico vobis "quia quicumque dixerit huic monti: Tollere et mittere in mare, et non hesitaverit in corde suo, sed crediderit, quia quodcumque dixerit, fiat, fiet ei". Em verdade vos digo que quem disser a este monte: Levanta-te, e lança-te no mar; e não duvidar no seu coração, mas crer que se faça o que elle diz, assim lhe será feito". Tanto vale a fé, no coração do homem sósinho. Quanto não poderá no coração das nações?

TESTEMUNHA E NÃO REPRESENTANTE

Por mais, porém, senhores, que de tudo me dispa, ou me dispam de tudo, sempre me ha-de restar o que nem eu a mim mesmo, nem todos os poderios humanos, juntos e conjurados, me logriariam tirar: uma alma de homem, um coração de patriota, uma tempera de veterano do trabalho. E, se tanto bastasse, para honrar o varão illustre, que hoje celebramos, para testificar a grandeza da sua obra, para o evocar aqui revivo numa visão bemdita, não teríeis errado tão de todo na escolha da testemunha, que nomeastes.

INCOMPETENCIA

Nem por isso, entretanto, deixou de me parecer temeridade o commettimento. Como descrever os trabalhos de Oswaldo Cruz, ca-



racterizar-lhes a expressão, medir-lhes o alcance, tomar-lhes o relevo, estimar-lhes os resultados, sem entrar pela região dessas sciencias, em cujo serviço viveu e ganhou os loiros da sua vida?

Medico era meu pae, ainda que tambem politico e homem de letras; e as minhas leituras de creança e moço, já então affavoradas pela sede insaciavel desta curiosidade, a que ainda estou por descobrir sedativo, não distinguiam, na variada e abundante bibliotheca de casa, entre os volumes de literatura, os livros de politica e os tratados de medicina, em todos os quaes, ora uns, ora outros, consoante me affectava o appetite, bebia eu a pasto, sem ordem nem regra, o que o ensejo me deparava, e o entendimento, ainda verde, ingeria, de ordinario sem digerir. Dahi, porém, só me terá restado, como era natural, quanto ao conhecimento das sciencias do organismo humano, um grosseiro começo de cultura, um amalgame sedimentario de noções vagas, incorrectas ou mal assimiladas.

Não era com estes recursos toscos e rudes que eu me havia de atrever ás delicadezas de um estudo sobre o introductor da pathologia experimental no Brasil. A tarefa é das que só aos iniciados se podem reservar. Submitter-me a ella era pôr-me, evidentemente, dado que o mal me viesse de mãos amigas, em risco de provavel desastre. Devia relutar. Reluctei, mostrando-lhes a decepção, a que se aventuravam. Atalharam-me á bocca as objecções com elogios e finezas. Insisti, allegando o excesso dos meus encargos, crescentes na razão directa dos meus annos e na inversa das minhas forças. Persistiram, encarecendo a minha capacidade singular de trabalho. Não faltou senão dizerem-me, como o outro, que isso de ter descanso é bom para moços: "C'est bon pour les jeunes gens, le repos." Mas, se o não disseram, é o que sentiam. Com a medicina não se briga. Calei, obedeci, e aqui estou.

Não sou eu, pois, o que hei-de ser julgado e condemnado pelas audacias desta submissão a uma contingencia de força maior. São os amaveis algozes da minha incompetencia, que a trazem, vencida e rendida, a esta exhibição do seu arrojo e fraqueza. Liquidae com elles a culpa, e relevae-me da pena.

A E'POCA DO NASCIMENTO

Mereceu Oswaldo Cruz á Providencia a graça de nascer numa época, em que a medicina, passando pela maior das suas revoluções, tomará uma direcção, a que o ajustavam de modo extraordinario as suas qualidades nativas, terreno admiravel para a germinção e desenvolvimento ulterior das qualidades adquiridas, que com aquellas se haviam de entretecer em tão fecunda harmonia.

A' obra de Claudio Bernard, com que a medicina se tornou physiologica, e experimental a physiologia, começava a succeder a



obra pastoreana. **A Introdução á Medicina Experimental**, evangelho da renovação desses estudos, abriu o pórtico immenso, por onde se viu entrar o genio da experimentação, que encarnou em Pasteur, e deu o nome deste á nova era.

PASTEUR

Pasteur encontra o mundo scientifico dominado pela theoria de Liebig, reinante desde 1839. Segundo ella, as fermentações não seriam mais do que phenomenos meramente chimicos, relações lentas entre certas materias organicas e o oxygenio do ar. Mas Pasteur estabelece experimentalmente uma concepção opposta, introduzindo nesse domínio a noção da vida.

Aos olhos da nova interpretação, estribada na evidencia experimental, revela-se o fermento uma entidade viva, de natureza vegetal ou animal, susceptivel de se desenvolver num meio propicio, sobre o qual chimicamente actua, mas como ser vivente, segundo as acções chimicas de que, por sua vez, é objecto, operando, assim, o phenomeno, a um tempo chimico e biologico, da fermentação.

Começa, dest'arte, a rasgar-se o véu, que até ahí occultara o papel incalculavel, attribuido, na obra da criação, a esses germens microscopicos, disseminados, em variedades innumeraveis, por toda a natureza, e, juntamente, a sentir-se a extensão das consequencias praticas ligadas a esse descobrimento. Conhecida a verdade acerca das fermentações, determina Pasteur immediatamente a maneira de as regular, de as accelerar, de as fixar em um dado ponto do seu curso, atalhando-se a corrupção ulterior. A industria, na maturação dos vinhos e na produção das cervejas, estava renovada, e, deste modo, augmentada em proporções consideraveis a riqueza das nações productoras.

A DOUTRINA PASTOREANA

Mas a doutrina pastoreana tem outros lances de vista. Já se está percebendo que não se circumscreve aos meios chimicos a acção dos organismos microscopicos. Doenças ha, em cujos symptomas se não pôde negar a mais clara analogia com as fermentações; e esta semelhança guia o irresistivel renovador á invenção da vida microbiana em todos os dominios da pathologia animal.

Ahi é que se tem de realizar a criação de Pasteur, verdadeira criação; porque, senhores, bem o disse, em expressões lapidares, um dos mais eminentes escriptores francezes, e não haverá blasphemia em o repetirmos, "Pasteur operou á semelhança do Creador, suscitando por um acto inicial as leis, donde havia de sair o desenvolvi-



mento progressivo do Universo". A differença está em que o Creador as extraiu do 'chaos para o regimento do mundo, e a creatura as desentranha da ignorância para benefício do homem. O Creador é o agente da sua mesma omnipotencia e o sabio o instrumento do Creador.

Em 1847, quando o grande successor de Magendie e Claudio Bernard começava a entremostar as suas temerarias aspirações, houve quem dissesse, com os sobresaltos de uma sincera sympathia: "Pasteur não conhece os limites da sciencia, e affecta os problemas insolúveis". Mas o tempo veio a desmentir os receios de Verdet, provando que não havia esphinge capaz de resistir a esse *Œdipo*. Diriei que a natureza o elegera para confidente dos seus mais intimos arcanos. "A gloria o procura, sem que elle a vá buscar."

Já era para contentar os mais ambiciosos a que Pasteur colheira, com os seus primeiros trabalhos, na chimica, arrancando-lhe um dos seus mysterios mais secretos, quando lhe descobriu a dissymetria molecular, ponto de inserção, na chimica organica, de um ramo inteiramente novo, a estereochimica, destinado para logo aos mais preciosos resultados. Mas onde o aguardavam triumphos inauditos, era nessa estranha sciencia do invisivel, em que o microscopio, conduzido pelo senso experimental de um observador de genio, ia descortinar, aos nossos olhos, incriveis surpresas e portentos assombrosos.

O NOVO REINO

Não é que "esse novo reino da natureza", de que Pasteur foi o descobridor, não fosse antes d'elle, presentido e entrevisto por outros. Já no seculo IX houyera quem assimilasse a variola a uma fermentação e, no seculo XVI, quem ottribuisse á transmissão de corpusculos a contaminação de certas doenças. Já Van Helmont, Sydenham e Bressy haviam tido lampejos da concepção microbiana. Já Rayer e Davaine, em 1851, tinham dado com a bacteridia carbunculosa.

Mas todas essas intuições, que preludiaram ás conquistas definitivas de Pasteur, estão, para com a theoria donde nasceu a medicina moderna e as suas experiencias demonstrativas, como os vagos presentimentos e os mallogrados tentames dos precureores da invenção do nosso continente para com a inspiração de Colombo e a apparição da America á proa das suas naves.

Disso a que, vae por uns quarenta annos, se deu o nome de microbios, havia, primeiro que Pasteur os estudasse, antevisões e prenoções. Mas mal se suspeitara o papel incommensuravel, que elles desempenham na criação. "Ha quarenta annos", dizia, em 1877, Gaston Paris, na Academia Franceza; "ha quarenta annos não se



considerava senão como objecto de curiosidade o mundo desses entes microscopicos, dotados de uma vida puramente elementar. Hoje elle se nos representa como o substracto e a condição de todo o mundo animado, como o oceano sem fundo, donde sae e aonde volve toda a vida. Aos microbios se devem as fermentações e putrefacções, que transformam a materia organica. São elles os que fertilizam o solo, e permittem aos vegetaes cobrir-lhe a superfície, elles os que, invadindo os tecidos, geram as doenças contagiosas. Povoa o ar, enchem as aguas, saturam o chão, habitam os animaes e plantas, envolvem-nos a nós, e nos servem, e de toda a parte nos ameaçam. Que digo? Nós mesmos não somos senão elles."

UM NOVO MUNDO

Todo esse mundo, até então ignoto, emerge, como por encanto numa série triumphal de hypotheses immediatamente verificadas, ao contacto da vara desse magico da experimentação: o mundo infinitamente minimo, dos microbios e parasytas, das toxinas e antitoxinas, das vaccinas e sôros, dos fermentos e anticorpos, que, ha cincoenta e tantos annos, não cessa de crescer, rasgando á humanidade inesperados horisontes.

Nos seus passos iniciaes, o conhecimento das maravilhas que a microbiologia entrou a revelar-lhe, começa por eliminar para sempre o erro da geração espontanea. Embora apparentemente primitivos, esses organismos rudimentares não existem senão por descendencia de outros organismos, seus germens, seus ascendentes. Tão em todo extremo são minimos elles que só aos milhares encheriam o logar de uma ponta de agulha, tão prolificos que, em horas, pullulam aos milhões e milhares de milhões.

Pasteur começou mostrando como se podem semear nas culturas de laboratorio, á semelhança dos grãos de fermento nos sulcos do arado, esses germens invisiveis, em cada um dos quaes se encerra, como a espiga e a seara na semente, um poder incalculavel de reprodução, desorganização e morte. Depois, em 1863, a experimentação pastoreana, lhe demonstra a omnipresença em todo o campo da observação humana: no ar, nos corpos animados ou inanimados, no fundo e á tona de tudo. E, dahi avante, os gloriosos achados se succedem numa carreira vertiginosa.

Em 1865 é o micrococco da colera das gallinhas, aeróbio de virulencia tal, que, para matar o animal inoculado, basta um centesimo de millesimo de uma gotta do caldo onde se encerra, uma picada de agulha embebida no liquido fertilizado. Em 1867 é o microorganismo, de cuja pullulação resulta a doença do bicho de seda, epidemia animal de consequencias arruinadoras, que se aprendeu então a extinguir, discernindo-se-lhe a origem. De 1877 a 1881 é a demons-



tração, estritamente scientifica, do papel pathogenico dos microbios, coroada pelas experiencias sobre o bacillo do antraz.

A PATHOLOGIA GERAL

A gotta de sangue carbunculoso, com que o immortal experimentador se realiza, veio salvar a nossa especie de males tremendos, pondo a pathologia animal ao serviço da pathologia humana, e cre-ando essa pathologia geral, que, do seu estado até então inconsisten-te e nebuloso, passou á situação de sciencia solidamente estabelecida em bases experimentaes.

Nessa maravilhosa serie de revelações as experiencias funda-mentaes são as que, encerrando-se no terreno de uma doença das gallináceas e uma doença do gado, alcançaram verdades e institui-ram princípios, onde hoje se depara ao genero humano um dos seus maiores thesouros. Estudando o parasyto da cólera das gallinhas, descobre Pasteur que esse microbio vae diminuindo em virulencia, com o atravessar de culturas successivas, que se attenua, envelhe-cendo, e que o virus attenuado adquire a propriedade maravilhosa de tornar refractario o animal innoculado. E ahi estão as noções es-senciaes, renovadoras, a attenuação da virulencia, a vacinação e a immuidade, que senhoreiam, actualmente, a pathologia geral, e donde vão resultar, dia a dia, novos assombros.

A nova sciencia corre a passos agigantados, generalizando, por meio de revelações successivas, a evidencia de que, na medicina ou na cirurgia, "a doença é o parasytismo". Pasteur encarna em si a gloria suprema nesta renovação. Delle emana, como disse Richet, to-da a sciencia medica de hoje, do mesmo modo como a physiologia e a chimica emanam de Lavoisier.

A ESCOLA DE PASTEUR

Mas a epopea pastoreana já não é sómente Pasteur: é a sua doutrina em evolução, é a sua escola em actividade, são os seus discipulos, que o genio do mestre, as suas lições, a sua disciplina fecundam, animam, enthusiasmam. E' elle, ainda quem, depois da vaccina contra a raiva, encontra o microbio da septicemia. Já a ter-rível diphteria patenteou o seu mysterio sinistro. Já se não igno-ra a pathogenia da peste e da febre amarella, da colera e do impa-ludismo. Mas tudo são transformações, adaptações ou desenvolvi-mentos da idéa do grande originador, suas leis, sua influencia, seu ensino, seus processos technicos, generalizados hoje na medicina, ci-rurgia e hygiene.

Dahi procederam as conquistas capitaes da sciencia medica no



Paris regista cincoenta, Londres cem mil óbitos. A Italia perde metade da sua população, e dos cento e cinco milhões de almas, que viviam na Europa, vinte e cinco milhões, pelo menos, desapparecem. E' ainda a mesma furia espantosa, que seculos antes, sob o reinado de Justiniano, se diz haver arrebatado ao genero humano cem milhões de vidas.

PANDEMIAS

O nosso seculo já não conhece a antiga violencia dessas pandemias monstruosas. Mas a sua revivescencia não seria impossivel, se, presentemente, a sciencia não dispuzesse, para as conter, debellar ou prevenir totalmente, dos recursos maravilhosos, que ao mundo contemporaneo deu a revolução iniciada pelo genio de Pasteur na etiologia e therapeutica das doenças de contagio e infecção.

AS NOSSAS EPIDEMIAS

Ainda existem, porém, contagios de acção pavorosa e molestias despovoadoras, entre as quaes sobresaem as que, antes de Oswaldo Cruz, nos dizimavam, empobreciam, e infamavam sem esperanza de remedio capaz.

DOENCAS DA GUERRA

Os beneficios, porém, da orientação dada á medicina e á cirurgia pelos princípios que Pasteur estabeleceu e pela escola que fundou, não se limitaram a desarmar os grandes flagellos naturaes: desarmaram tambem o grande flagello da maldade humana, o flagello dos flagellos, desarmaram a guerra de metade, talvez dos seus inenarraveis horrores.

Pelas molestias de que é mãe ou nutriz, a guerra foicava mais vidas humanas do que as que juncam os campos de batalha, e a putulencia dos ferimentos militares condemnava á morte, as mais vezes, os que a não recebiam logo das armas inimigas. No cerco de Sebastopol, durante os derradeiros mezes de 1855 notabilizados pelas acções mais decisivas do assedio, o exercito francez teve 21.957 feridos, ao passo que o numero dos accomettidos de febres ascendeu a 101.128. Durante a guerra sul-africana perdeu o exercito inglez, em victimas de doenças acautelaveis, entre as quaes, sobre todas, a febre typhoide, o dobro do numero, em que o desfalcaram as baixas occorridas nos combates. Na guerra dos Estados Unidos com a Hespanha essa molestia abateu vinte mil homens; o que montava um sexto das forças americanas. Dahi a noção, já ha muito comesinha

entre os medicos, de que as doenças matavam muito mais gente nas expedições militares do que o fogo do inimigo. Dahi o velho ditado inglez de que a doença, e não a guerra, é o coveiro dos soldados: "Disease, not battle, digs the soldier's grave."

GUERRA e MEDICINA

Mas, depois que a medicina preventiva e a hygiene transformada sanearam os acampamentos e immunizaram com as inoculações preservativas o organismo dos combatentes, a guerra já não tem, nas infecções que d'antes com ella se multiplicavam, as formidaveis collaboradoras, cuja contribuição duplicava a colheita da morte.

As medidas sanitarias adoptadas pela administração japoneza, de 1886 a 1893, chegaram a varrer inteiramente dos seus navios de guerra o beri-beri, que, antes disso, reduzia a cincoenta por cento a capacidade activa dos seus marinheiros; de sorte que, na lucta do Japão com a Russia, não se deu nem um caso dessa temivel infecção entre os vinte cinco mil homens, que lhe tripulavam as esquadras, e, naquella extraordinaria campanha, as mortes provenientes de enfermidades baixaram a um quarto das resultantes dos instrumentos de guerra.

Na campanha actual, a mais medonha de toda a historia, a mortandade por doenças, nos exercitos da Grã Bretanha, da França e da Allemanha, desceu a proporções menores, sem comparação, do que nas mais benignas das guerras anteriores; e o methodo preventivo das inoculações contra o typho banii quasi de todo essa molestia devastadora dentre as forças belligerantes, onde o soldado se sujeita com rigor á disciplina da hygiene.

A NOVA SCIENCIA E A CIRURGIA

Ao mesmo tempo, a cirúrgia se revoluciona sob a influencia das demonstrações de Pasteur, cujo tino infallivel oppõe as suas pesquisas acerca do vibrão ás idéas vulgares sobre a pathogenia da infecção purulenta.

Mas, já antes, Lister, inspirando-se nas doutrinas do mestre dos mestres, ia buscar a origem dos estados inflammatorios, putrescentes e febris, devidos aos casos traumaticos da guerra, na presença de germens infecçloso, cuja existencia destróe mediante os processos da mais rigorosa desinfecção.

Desde os seus primordios este systema opera maravilhas. Os primeiros annos de experiencia habilitam o seu autor a consignar, de 1867 a 1869, a salvação de oitenta e cinco por cento na sua clinica de amputados. O asseio absoluto, a sequestração do contacto



com o ar, o emprego de germicidas cada vez mais seguros introduzem na cirurgia a antisepticia, e da antisepticia a levam á perfeição na asepticia.

Graças a ella, vão-se multiplicando sem damno as mais arroçadas tentativas operatorias; os instrumentos chirurgicos devassam, sem receio, as mais reconditas visceras do corpo humano, os seus mais delicados orgams vitaes; a purulencia, com a inflammação e a febre, desapparecem dos hospitaes de sangue, e, ao terminar o seculo dezenove, ha quem, sem exaggero, possa dizer que o listerismo, adaptação do pastoreanismo á cirurgia, salvava, em vidas humanas, nos cinco ou seis lustros anteriores, numero maior do que o das arrebataadas pela guerra em toda aquella centena de annos.

Mas não é só no conflicto das armas e ao fragor dos canhões que o genero humano se utiliza dessas bençãos. Cada mãe que transpõe illesa os riscos do puerperio, depois de render as graças a Deus, lhe dirigiria uma oração por esses bemfeitores ignorados, se soubesse o que lhes deve. Elles emanciparam da morte a maternidade. As casas a esta consagradas eram, outr'ora, devastadas pelas infecções puerperaes. Pasteur descobriu a procedencia dessas contaminações funestas, identificando o microbio, que as determina, e, mercê desse invento, um systema de cautelas protectoras, moldadas nas leis da medicina preventiva, acabou para sempre com esses desposorios sinistros do nascimento com a morte.

OSWALDO E A E'RA DE PASTEUR.

Nascendo em 1872, nasceu Oswaldo Cruz, por feliz coincidência, ao alvorecer da era de Pasteur, quando, no oriente do pensamento humano, sobre as alturas luminosas da França assomava esse astro de immensuravel grandeza, cujo signo ainda não cessou, nem cessará de presidir aos destinos da medicina; porque foi pela sua iniciativa, ou debaixo da sua influencia, que se acharam as leis da observação experimental adaptadas á sciencia das lesões da vida organica, seu character, sua origem, seus remedios, e esta alliança cabal da observação com a experiencia é o estado normal e definitivo no conhecimento das verdades naturaes.

PRIMEIROS PASSOS DE OSWALDO CRUZ .

Votado á medicina, que já era a profissão de seu pae, e em que se laureou doutor, ultimando, precisamente aos vinte annos de idade, o curso medico na Faculdade do Rio de Janeiro, a sua these inaugural sobre **A vehiculação microbiana pelas aguas**, trabalho notado com distincção pelos competentes, começa a dar a ver a propensão das sympathias intellectuaes do joven medico para a microbiologia.



Já então o papel pathogenico dos microbios está scientificamente averiguado pelas experiencias de Pasteur, que desde 1877 o deixaram absolutamente demonstrado; e de anno em anno se alargava o ambito desses estudos com progressos cada vez mais deslumbrantes.

Natural era que para ahi se sentisse attrahido o futuro "reformador da medicina nacional", cujo pendor neste sentido entrara a revelar-se desde os bancos da academia, onde, servindo como ajudante de interno de preparador no Instituto de Hygiene, deu á estampa o seu primeiro tentamen scientifico, estudando, no "Brasil Medico", "um microbio das aguas putrefactas encontrado nas aguas de abastecimento da nossa cidade".

Extincto um anno após a sua graduação medica o Instituto de Hygiene, a vocação, nascente, mas já notavel, do joven bacteriologista o leva a estabelecer á sua custa um esboço de laboratorio, onde se entregue ás lucubrações que o absorvem, e principiam a lhe caracterizar a individualidade scientifica aos olhos dos seus collegas

O meio, porém, não bastava á cultura das suas grandes faculdades em um ramo de estudos até então entre nós escassamente explorados. O seu grande centro de attracção está em Paris, na pleiade dos investigadores suscitados pelas lições de Pasteur e por obra do seu espirito creador reunidos na instituição que primeiro delle recebeu o nome.

Alli vae o novo alumno, ainda mal iniciado nos arcanos da grande sciencia, desalterar a sêde na matrix, que o mestre animara com o seu contacto, deixára immortalizada com a herança da sua tradição. Durante mais de tres annos, de 1896 a 1899, a sua vida mergulha no Instituto Pasteur, onde esse demorado tirocinio na companhia dos successores immediatos do excelso iniciador lhe retempera as qualidades nativas na austera disciplina daquelle nucleo de altas investigações experimentaes; e dalli regressa documentando a proficiencia adquirida com a sua memoria sobre as alterações histologicas num genero de envenenamento ainda não estudado a esse aspecto; producção essa já de valor consideravel, que lhe abriu as portas da nossa Academia Nacional de Medicina.

OSWALDO E A PESTE

No mesmo anno da sua volta ao Brasil começa o paiz a utilizar os trabalhos do consummado bacteriologista, em que a madureza de saber tanto precede á dos annos Já o seu nome entra a chamar a attenção do governo brasileiro, que o incumbe de ir estudar, em Santos, a peste alli declarada, e traçar o plano de combate á formidavel epidemia, cujos terrores principiam então a nos amea-



car. Oswaldo Cruz reconhece para logo o microbio de Versin, certifica a presença da epidemia, e, num relatório cabal, com o desembaraço, a presteza, a segurança de quem pisa em terreno conhecido, formula o systema de providencias, a que deve obedecer a debellação da temerosa enfermidade.

Mas a sua capacidade vae ser posta á prova em theatro maior. A peste, que em 1899 nos entrara o territorio por Santos, já em 1900 lavra nesta cidade. Vae-se crear, no Rio de Janeiro, o Instituto Sôro-therapico, e a Directoria de Hygiene, commettida então ao barão de Pedro Affonso, necessita de um profissional, a quem se entregue missão tão ardua quanto a de nacionalisar entre nós os methodos e processos da medicina pastoreana, encetando a produção, no Brasil de sôro contra a peste.

OSWALDO E O INSTITUTO PASTEUR

Não se acredita que se possa encontrar o homem abalizado para inaugurar aqui essa melindrosa especialidade, senão no proprio Instituto Pasteur. Quem o dirige, é Emilio Roux, o auxiliar de Pasteur nos estudos sobre a etiologia e a vaccina do carbunculo, sobre a attenuação dos virus, sobre a prophylaxia da raiva, o descobridor, com Bhering, do sôro anti-diphtherico, o collaborador inextinguivel de Metchnikow, de Vaillard, de Borrel e tantos outros em trabalhos magistraes sobre a toxina do bacillo virgula e o sôro contra a colera, sobre a serotherapie tetanica, sobre as injectões intra-cerebraes contra o tetano. Que especialista nos indicará essa autoridade tantas vezes consagrada? Escutae-lhe a resposta: "Entre o pessoal technico que tenho a honra de dirigir", diz Emilio Roux, "ninguem possui maior competencia do que o dr. Oswaldo Cruz, cuja capacidade e idoneidade scientificas pessoalmente conheci durante o tempo em que lidou no nosso instituto."

O INSTITUTO BACTERIOLOGICO

Está Oswaldo Cruz, pois, nomeado para fundar e reger o nosso instituto bacteriologico, nomeado aos vinte e oito annos de idade, e nomeado pelo instituto Pasteur, por Emilio Roux, em quem delegamos a incumbencia de o designar. O encargo não podia ser mais grave; erigir uma construção exotica em chão de areia nua e rasa. Nem coooperadores a que recorrer, nem elementos de que se utilizar. Cultores da bacteriologia ou das sciencias a ella annexas, quasi não os tinhamos. Curiosos ou dilettantes haveria no assumpto; mas quem de veras o conhecesse, não. Força era, dest'arte, que de si mesmo extrahisse tudo:



a instalação material, a direcção technica, a educação do pessoal. Esta, sobre todas, a mais embaraçosa parte da sua tarefa, a criação de todos os seus auxiliares, o inicial-os, adestral-os, consummal-os nos variados misteres de uma instituição como essa, bem se avaliará quanto lhe vae custar.

Todo esse cargo, entretanto, esse peso todo, elle o tem, e não verga. Os collaboradores de que necessitava, do seio lhe vão saindo cabaes no officio delicado. Respiraram a sua sciencia, a sua devoção, o seu enthusiasmo. Abrazaram-se no contagio da sua energia, do seu desinteresse, da sua tenacidade. Já com elle se parecem. Já o reflectem. Já o completam. Poder maravilhoso do mérito, quando os homens o não esbulham do logar, a que a Providencia o destina. Louvado sejaes vós, Senhor, por terdes logrado, em caso tão grave, que tão estranho pheromeno se visse no Brasil.

Desde a sua estreia o novo estabelecimento se assignala como um orgam de accentuado progresso. Não se limita a manipular satisfactoriamente os productos conhecidos. O seu sôro pestifugo desenvolve o mais energico poder curativo, rivalizando com os melhores do mundo.

COMBATE CONTRA A PESTE

Aqui e em várias outras cidades brasileiras a intensidade epidemica era então assustadora. A proporção dos mortos para com os doentes se elevara até a setenta por cento. O hospital de Jurujuba, onde se internavam os acommettidos, recebia quotidianamente trinta a quarenta enfermos em gravissimo estado, e, desses, rarissimos se salvavam. Entra em acção o sôro, dobrando-lhe a força o processo clinico da sua applicação, modificado por Oswaldo, com as energicas inoculações endovenosas desse producto, que elle introduz na pratica hospitalar. Logo após a mortandade cae de sessenta e setenta por cento a dez e doze. Desce assim a um sexto da sua crueza anterior; resto este que representando os doentes, a quem se acudia tarde, teria de todo o ponto desaparecido se a medicação os soccorresse a tempo.

Nunca se viu improvisação de exito mais decisivo. O serviço que se monta quasi de um repente, desenvolve efficacia inesperada. As modificações introduzidas pela technica allemã na vaccina de Hafkin recebem agora, victoriosamente, a sua primeira applicação. O sôro de Yersin, redobrando em vigor mediante o recurso ás doses macissas por via intravenosa, arrebatá á morte os casos mais desesperados. Tudo obra do arrojo duma consciencia segura do seu saber e inabalavel no seu querer.



A DESRATISAÇÃO

A prophylaxia contra os germens fataes estende systematicamente as suas operações rigorosas. O piso terreo dos predios se impermeabilisa. Osapparelhossaneadores desinçam da pragaria das cevandijas os esgotos, os canos d'agua, os vãos inaccessiveis das casas. Em terra e no mar, dos porões e das galerias pluviaes se rechassa e extermina a rataria, perseguida a cosso em toda a parte.

Não ha nada mais nobre do que a sciencia, nada mais vil do que o rato. Mas ha vilezas, capazes de acarretar horrores.

Esta é das que mais nos repugnam. Mas, com ser uma rasteira e abjecta familia, cobre o globo, e em mais de oitentas generos e novecentas especies enxamela pelo mundo. Vive este a desprezal-a sempre. Eis senão quando nos vem a sciencia provar que não a deviamos ter em desdem e nojo, mas em medo e inimizade irreconciliavel. Dessa pestis inquinaria, que, emergindo, no meio da civilização chaldaica, entre o Tigre e o Euphrates, tem atravessado, até agora, debaixo de tantos nomes, todas as épocas, percorrendo todos os climas e todos os continentes, estampando a sua medonha passagem nas letras de todos os tempos, desde Thucydides até Bocacio, desde Bocacio até Manzoni, tragando vidas humanas ás dezenas de milhões, das excursões dessa eterna e tenebrosa matadora chegou o homem, finalmente, a saber que os mensageiros e vehiculos são esses vilissimos roedores objecto ordinario da nossa indiferença ou do nosso asco. Estava reservada ao nosso tempo reconhecer-lhes essa dignidade infernal, e contra elles pregar a cruzada scientifica da hygiene. A desratização passou a ser um programma. Com a necessidade veio o neologismo, criação de Oswaldo Cruz, e, ao mesmo tempo, a reacção, que esse nome designava.

Então se viu que a sciencia está sobranceira em poder a todos os demais poderes, inclusive o dessa especie roaz, ralé innumeravel com que ainda se não encontrara adversario capaz de se medir. Bom era que o exemplo valesse, e o mundo se começasse um dia, de véras, a desratizar, noutras paragens, onde a raça insaciavel dos murideos em generos e especies ainda por classificar, não medra menos vasta nem menos valentemente. Seria preciso extinguir, não só a peste que se acaba desratizando-se os exgotos mas tambem a que se eliminará, quando se derratzarem as sociedades, as republicas e as nações contaminadas. O mesmo Hercules, porém, talvez se não atrevesse a tanto e Oswaldo Cruz, atrevendo-se ao a que se atreveu, não se abalançou a pouco.

A EPIDEMIA TRAGICA

Lembrae-vos do horror, que entre nós se generalizou com a apparição da peste indiana. Da minha memoria não se desluzirá jamais o quadro tragico da morte de Francisco de Castro e o terror que envol-



veu esta cidade, á noticia de que o oraculo da nossa medicina calra fulminado pela tenebrosa doença. Dirieis que o horrendo mal, para retransir a todos com a impressão do seu poder irresistivel, deixara cair o raio funesto sobre o mais sagrado cimo da sciencia brasileira.

Temia-se, não sem razão, que a hospeda truculenta nunca mais se desquitasse do solo brasileiro. A tendencia, nella habitual, de assentar vivenda, onde uma vez acampou, autorizava o receio de vermos perpetuada a sua odiosa visita e seriamente aggravado o mau nome do Brasil côm a nacionalização de mais uma doença, das peiores que o homem conhece.

O VENCEDOR DA PESTE

Graças a Oswaldo Cruz, removemos esse perigo, vencemos o mais sinistro dos contagios pestilentos, e o Brasil não se inscreveu no rol dos paizes pesteados. Para encher uma vida, não se ambicionaria maior colheita de bençãos e gloria. Mas essa existencia singular começava já transbordando em honra e beneficios inolvidaveis.

A FEBRE AMARELLA

Outros ainda maiores lhe estava reservado por Deus espalhar entre os seus semelhantes e prodigalizar á sua terra. Na campanha contra a peste era de rebater um assalto que se tratava. Outro commettimento ia seguir-se a esse, em que tínhamos, não de nos oppor ao esboço de uma invasão, mas de reagir contra uma conquista consummada: o domínio do Brasil pela febre amarella.

Endemia com surtos epidemicos quasi periodicamente renovados, ou epidemia periodica tendente a estabilizar-se com a perennidade regular das endemias, como quer que se considere (e os autores divergem), reinava esse flagello sobre nós, extorquindo-nos todos os annos um tributo consideravel de vidas, exacerbando-se de quando em quando em vastas erupções, e representando ao longe as maravilhas da nossa natureza como traçoeiros encantamentos armados por uma perfida Circe ao incauto estrangeiro.

Das praias africanas veio ao mundo a escravidão negra. Não se sabe se dalli tambem procedeu a febre amarella. No seculo XV era ella quem, nas costas de S. Domingos, fazia as honras da primeira hospedagem a Christovam Colombo, quando, alli desembarcando em 1493, perdeu a maior parte dos seus mareantes, levados pelo que hoje se considera "a mais terrivel das doenças epidemicas do nosso tempo". Já então senhoreava ella o Golfo dô Mexico e as grandes Antilhas, que, ainda hoje, compartilham, com o Golfo de Guiné, a Serra Leoa, o



Senegal, a triste distincção de entre si disputarem o titulo de berço do flagello, e constituírem os focos permanentes da sua irradiação perniciosa.

Os nossos medicos contestavam que elle tivesse entre nós a continuidade característica das verdadeiras endemias, e por isto estão não poucas autoridades estrangeiras. Outra opinião, porém, adoptada por competencias não somenos, pretende que a febre amarella reinava com endemicidade nas costas do Brasil, donde a miude se propagava epidemicamente ás nações convisinhas.

PAIZ DE FEBRE AMARELLA

Como quer que seja, embora o Brasil não estivesse na região xanthogenica, circumscripta, ao que parece, no littoral das aguas antilhanas, entre as costas meridionaes da America do Norte e as costas septentrionaes da America do Sul, o facto é que, irrompendo entre nós desde 1849, o vomito negro nunca mais deixou de manchar com a sua nódoa atroz esta parte do continente americano. Nos mappas organizados em 1817 pelo dr. Gama Lobo a estatistica assignala, anno por anno, durante os vinte e oito anteriores, a presença incessante da invasão, que, num espaço de cincoenta e sete, até 1908, só nesta cidade matou 59.069 pessoas, roubando-nos, annualmente, aqui só, mais de mil vidas. Calculem-se, agora, as centenas de milhares, devoradas no resto do paiz.

E' um mal de que só a raça negra logra a immunnidade, raro desmentida apenas no curso das mais violentas epidemias, e em cujo obituario, nos centros onde avultava a immigração européa, a contribuição das colonias estrangeiras subia a noventa e dois por cento sobre o total dos mortos. Conservadora do elemento africano, exterminadora do elemento europeu, a praga amarella, negreira e xenophoba, atacava a existencia da nação na sua medulla, na seiva regeneratriz do bom sangue aryano, com que a corrente immigratoria nos vem depurar as veias da mestiçagem primitiva, e nos dava, aos olhos do mundo civilizado, os ares de um matadouro da raça branca.

Mas não é só aos nossos hospedes que ella ameaça, não são elles só os que dizima. Por varias vezes, em 1857 e 1858, em 1860, em 1864, em 1869, o Brasil a transmite a Portugal; e, na America, declaram os hygienistas que elle pode vir a converter-se em foco de contaminação para o Rio da Prata, para o littoral do Pacifico, até para as Antilhas, além de a projectar, atravez do Atlantico, ora á costa occidental africana, ora aos portos da Europa. Dorme ás vezes, tem periodos, mais ou menos largos, de calma, mas renascendo, após essas remissões, intensa e brava. E quem sabe de que violencia não seria susceptivel, numa das suas erupções inesperadas, se na Europa mesma, em climas não tão propicios ao seu desenvolvimento, epidemias



suas houve assoladoras, como a do começo do seculo dezenove, que só na Hespanha matou mais de cento e quarenta mil pessoas.

Já não ha como escondermos o estygma desastroso, a sua perpetuidade, a sua irretractabilidade. O convenio sanitario, negociado, sob a presidencia Campos Salles, entre nós e a Republica Argentina, estipula as medidas, que, com o nosso consentimento, a devem assegurar na estação quente, contra a infestação do contagio brasileiro. A nossa Academia de Medicina protesta, os nossos medicos se insurgem. Mas a patriotica indignação não occulta a verdade. O mundo vê no Brasil um paiz de febre amarella. O governo brasileiro o confessa. A medicina brasileira não o pode negar. "Se decia que ir a Rio de Janeiro era suicidar-se"; é o nosso consul no Uruguay quem, agora mesmo, o attesta. Da etiopathogenia do mal ainda nada se sabe. A prophylaxia official debate-se quasi toda na rotina das quarentenas e desinfecções. Tudo ou quasi tudo são palliativos, recursos illusorios do antigo empirismo. Ninguém acredita na extirpação, pela qual todos ançetam desesperados.

QUEM E' ESTE OSWALDO?

Masahi vem, com a presidencia Rodrigues Alves, inaugurada em Novembro de 1902, uma administração, que, entre os objectos capitaes do seu programma, encarece o saneamento do Rio de Janeiro. O ministro do Interior, o dr. Joaquim Seabra, á cata de um director para a saúde publica, offerece o cargo ao dr. Salles Guerra, que o não accelta, e tem a inspiração de indicar Oswaldo Cruz. O ministro o não conhecia. — "Quem é este Oswaldo Cruz?" Não era difficil mostrar-lho. As informações, de tão autorizada origem, convencem o ministro, que por sua vez, submete a proposta ao chefe do Estado, Nova pergunta. Elle tambem o desconhece. — "Mas quem vem a ser este Oswaldo Cruz?" O seu secretario lho diz, e o presidente acolhe, convencido, o nome preposto.

Não vos admireis de que os nossos homens de sciencia nem sempre sejam conhecidos aos nossos homens de Estado. "Quem é Cuvier?" contam haver perguntado Luiz Felipe, quando lhe deram noticia da morte do celebre naturalista, cujo genio creara a anatomia comparada e paleontologia. "Monsieur Cuvier?", respondeu o corteção de Sua Magestade. Creio que é um dos senhores empregados no Jardim das Plantas". Napoleão III dizem que tambem perguntou quem era Claude Bernard, quando um professor allemão lhe solicitava a honra de ser apresentado ao grande medico francez. "Claude Bernard? Quem é Claude Bernard?" — "E", responderam-lhe, é o sabio mais eminente nos dominios de vossa Magestade".

Oswaldo Cruz não era Cuvier, nem Claude Bernard. Mas já me-



recera a menção honrosa de Emilio Roux, e carregava os tropheus da lucta victoriosa contra a peste indiana. Foi, provavelmente, com estes documentos que o seu collega persuadiu o ministro, e o ministro o presidente de que esse era o homem da oportunidade.

Esse homem tinha o senso da sua vocação, e esta lhe não consentiu hesitar. Aceitou a comissão, e se cômprometteu, se lhe facultassem as medidas necessarias, a extinguir a febre amarella, no Rio de Janeiro, em tres annos. O de 1903, em que se estipulou esse pacto, deve inscrever-se em caracteres immortaes na nossa historia como um dos mais aureos fastos desta nacionalidade.

PREDESTINAÇÃO

Decididamente uma especie de predestinação acompanha esta existencia privilegiada. Pela segunda vez, na carreira de Oswaldo Cruz, se desmientem os nossos habitos administrativos e governativos, provendo-se num cargo relevante do Estado, não a mediocridade apadriñhada, mas o merecimento notavel. Em terra onde, nos governos, o cumprimento dos deveres elementares assume grandezas de verdadeiro heroismo, não ha medir louvores ao ministro e ao presidente, que, de modo tão extraordinario, souberam acertar em occasião de tão rara gravidade. Quando mesmo no resto da sua administração não houvesse senão erros, o preço deste serviço e suas consequencias os descontaria todos, ainda com margem.

O COMPROMISSO

Inspirava-se o arrojo de Oswaldo Cruz, precisando termo tão breve á conclusão da sua tarefa, no exemplo da victoria, que logrou, contra o mesmo flagello, na ilha de Cuba, a hygiene americana, durante a primeira intervenção dos Estados Unidos. Elle mesmo o declara, quando no anno inicial do seu exercicio, dando conta dos primeiros actos ao ministerio do Interior, lhe diz que resolvera dar amplo desenvolvimento á prophylaxia especifica da febre amarella, accommodando este serviço á orientação adoptada em Cuba pelos medicos americanos.

A extinção da febre amarella, dizia elle nesse papel memoravel, é uma questão "resolvida". O problema está "posto em equação por experiencias decisivas". "A solução já foi obtida pelos americanos em Cuba". "Nada mais resta, senão seguir-lhes as pisadas" áquelles, que em cerca de dois annos, extirparam dalli uma epidemia, cujo açoit, ha muito seculos, dizimava aquella população. "Não se trata de um ensaio; não, é uma experiencia"; trata-se "de um facto consummado", da "execução de um plano", que, seguido outra vez "dará fatalmente o mesmo resultado". E' "uma idéa victoriosa", que já passou "de hy-



pothese" a "facto positivo". O que os americanos conseguiram, não ha razão para que não consigamos". Dêem-nos, pois, os recursos materiaes, "dinheiro e leis, que garantam a execução das medidas", e, necessariamente, iremos ter "ao mesmo fim". Numa palavra: "A febre amarella cessará no Rio de Janeiro, desde que o Congresso forneça os meios, que d'elle dependem. Disponha o governo do dinheiro e das leis que julga necessarias, e a febre amarella, no Rio, será, em breve, um mytho".

Tal a fé inabalavel e a segurança absoluta, com que elle advoga o seu programma de administração, vasado em moldes exemplares, desde o momento do seu accesso ao temeroso posto, em março de 1903. E' que não se trata de velleidades ou imposturas ageitadas, sem base, e uma improvisação apparentosa, mas de convicções robustas, maduras e definitivas.

Quando o chamaram, não lhe passava pela mente possibilidade tal. Mas o seu amor da sciencia e da patria não havia mister de outros incentivos, para que esses estudos o attrahissem, dominassem e absorvessem. Entre os seus collegas não era menos inesperada a nomeação; mas isso porque não são actos dessa natureza, actos inspirados unicamente no bem publico, os que, em geral, entre nós, se esperam dos governos. A classe medica já o conhece, já o admira, já o designa como o especialista distincto, entre todos os nossos, no assumpto. No seio della uma corrente de sympathia lhe saúda a escolha. Não lhe é desconhecido o cultor apaixonado e indefeso de um ramo da medicina tão exigente e severo nos seus requisitos, e austero trabalhador, que, desde a sua volta da Europa, abriu, com as portas do seu laboratorio, rigorosamente montado, as da sua sciencia solidamente aparelhada a quantos o buscaram. Estes não são poucos; são todos os que aqui têm creditos de autoridade nessa bacteriologia, cuja sciencia mal haurida então pelos outros nos livros, só elle bebeu e traz viva das grandes matrizes europeas.

Muito antes de assumir a direcção da saude publica, já exerce Oswaldo uma propaganda ardente das idéas da prophylaxia americana e lhe grangela proselytos entre os moços de então, hoje abalisados clinicos ou mestres consummados, em cujas reminiscencias vibra e reluz ainda o sulco da impressão daquellas convicções acendradas no foco interior de uma consciencia accesa no lume da verdade e abrigada do erro pela solidez de uma disciplina severa.

Não é que entre os medicos brasileiros não se conhecessem as theses essenciaes da experimentação havaneza: a proveniencia microbiana da febre amarella; a incommunicabilidade immediata do seu germen entre homem e homem; a sua evolução em um organismo intermedio, a sua transmissão exclusiva por esse incubador e a resistencia especifica desta função num insecto, o *Stegomyia fasciata*, o mosquito rajado.



Theoricamente, já não eram, talvez, de todo novidade essas noções. Praticamente, parece que ellas já haviam, até certo ponto, actuado, nos ultimos annos, em algumas providencias da prophylaxia administrativa, manietada, paralysada e esterilizada então, nas suas melhores intenções e nas suas resoluções melhores, pela dualidade, que a scindia em hygiene federal e hygiene municipal, condemnando aquelle serviço, pelas divergencias, pelos conflictos e pelos antagonismos dahi resultantes, a uma verdadeira anarchia, a que poz termo Oswaldo Cruz, consummando assim um dos mais inestimaveis melhoramentos da sua administração incomparavel.

Mas ninguem aprofundara esses conhecimentos, que, theoricos, livrescos e indecisos como se achavam, não podiam inspirar resoluções, nem determinar actos, e, não tendo recebido a devida tempera na technica escrupulosa, na sabia disciplina, na cultura experimental da nova escola, eram incapazes de modelar um plano de acção, organizar um systema e conduzir uma campanha. Esta precisava de assumir vida, precisava de encarnar, no mais estrecto rigor da palavra, em um homem, todo elle feito dessa convicção e rigorosamente impulsado a realizal-a pela chamma interior, pela inedstructivel energia das vocações apostolares. Oswaldo Cruz era o eleito, que Deus saturara dessa energia, e que se sentia arder nessa chamma, quando, senhor do problema em todos os seus elementos, em todas as suas soluções, annunciou com a mais categorica cêrteza a immediata abolição da febre amarella, pelo systema com que a hygiene americana a banira de Cuba.

A EXPERIENCIA DE CUBA

Essa orientação, alli estabelecida e seguida, em 1901, sob a administração bemfazeja do governador Wood, estribava em tres normas cardeaes; extinguir os agentes vehiculadores do virus; prevenir contaminações ulteriores, insulando os doentes; preservar os sãos da infecção propagada pelos seus transmissores. A execução dessas regras, encetada, em março de 1901, com as providencias essenciaes á sua observancia rigorosa, deu em resultado não se assignalar mais naquella ilha, desde esse anno, um só obito da epidemia, que até ao começo d'elle a devastava.

As experiencias do medico norte-americano Finlay e da expedição franceza commetida a Marchoux e Simond, haviam determinado, de modo exacto, o mechanismo de transmissão da febre amarella. Antes disso Sanarelli em Montevideo e no Rio de Janeiro havia insulado um bacillo caracteristico que reproduzia no conceito do sabio italiano, quando inoculado em animaes de experiencia, os symptommas habituaes, e as leções anatomicas da febre amarella; verificações posteriores, porém, recusaram áquelle bacillo o papel especifico que lhe attribuiu o descobridor.

Nenhum outro veneno, a não ser o das serpentes ou o dos escorpiões, se compara, em intensidade, em rapidez, em acção degenerativa sobre o protoplasma celular, com a toxina icteróide, mais energica ainda que a da diphteria.

Mas o que, sobre tudo, inundou em luz a etiologia do typho americano, foi descobrir-se o papel representado no desenvolvimento do germen e suas qualidades malignas pelo seu transmissor. E' o que já se entrevira desde 1848, mas só acabou de se averiguar cerca de quarenta ou cinquenta annos mais tarde, após successivos estudos, nas Antilhas, em Vera Cruz, em São Paulo, no Rio de Janeiro, coroados aqui, pelos de Marchoux, Salimbeni e Simond, chegando-se então á evidencia de que um insecto hemophago, o *culex fasciatus*, incubando no proprio organismo o germen amarellico, o communica, do individuo doente ao individuo são, na plenitude e madureza da sua pernicioso actividade.

Essa theoria da molestia, do mosquito digo, reputada hoje "uma das maiores conquistas da hygiene pratica nos tempos modernos", é a que, no primeiro anno do seculo actual, guia a campanha das autoridades do serviço sanitario militar dos Estados Unidos, em Cuba, contra o *stegomyia*. E de tal maneira esse rumo corresponde á verdade na ordem real da natureza, que, inaugurada a exterminação do perigoso insecto, em fevereiro, logo em março, abril, maio, a estatistica regista apenas dois, tres, quatro casos, expirando a febre então por uma vez até hoje.

OS OBSTACULOS

Oswaldo Cruz confiava tranquillo na eloquencia dessa experimentação capital, corroborada pela do Panamá. Mas aqui, numa immensa metropole de cerca de um milhão de habitantes, onde a tenaz endemia enraizara a sua infecção havia sessenta annos, o empreendimento ia arrastar-se com embaraços incomparavelmente maiores, tanto mais quanto, em Havana e na America Central, estava, real ou virtualmente, em acção a lei marcial, ao passo que, entre nós, as condições normaes da legalidade e da justiça apenas deixavam ás autoridades sanitarias um arbitrio limitado pelas garantias individuaes.

Basta considerar na topographia desta cidade, com a sua agglomeração de montanhas e valles numa extensão de mais de mil e cem kilometros, com os seus suburbios enormes, com a sua viciosa construção, com a sua natureza tropical, e nos costumes da gente que a povoa em certas camadas sociaes, para medir o atrevimento da empreitada a prazo curto e certo, em que se empenhava o ousado hygienista.



A TORMENTA

Foram mares verdes, como diziam os nossos antigos navegadores, e ceus de tormenta assanhada os a que se aventurou o bravo domador da morte, o vencedor brilhante de uma peste, agora a caminho da victoria sobre outra. A reacção dos interesses, ignorancias e preconceitos não conhece limites. No paiz classico da resignação e docilidade, no paraizo da servilidade e indifferença, ronca, desfeita, a procella em bravos estampidos, revolvendo o povo, sacudindo o parlamento, abalando o elemento militar.

A lei a que está ligada a sorte do projecto de saneamento, combatida com indignação, desabrimento e fanatismo, cae no odio das camadas menos cultas da opinião, indigitada aos rancores populares como o *Codigo das Torturas*. Era um desses temporaes da energia civica, do amor ás liberdades individuaes, do zelo pela dignidade humana, que nas crises nacionaes aqui sempre se invocam de balde, mas que, neste momento, por singular ironia das coisas, desencadeia os seus sopros saneadores contra o saneamento scientifico da cidade.

O caso é de esmorecer os espiritos mais convencidos e arruinar as temperas mais rijas. A imprensa e a tribuna parecem conspiradas contra as audacias da empresa. No proprio seio do governo, a ella sinceramente associado, mas abalado pela violencia desses contrastes, se estimaria que o joven reformador, attenuie os seus methodos, e modere o seu zelo. Até entre os medicos e no seio dos seus alumnos já se não encobrem apprehensões de que as circumstancias do meio venham a burlar, na pratica, o systema das medidas combinadas, não obstante a excellencia dos principios, onde estriba, e o valor dos precedentes, que allega.

NEM QUEBRAR, NEM TORCER

Alma, porém, de "antes quebrar que torcer", Oswaldo Cruz nem torce, nem quebra. A doçura do seu semblante, dos seus sentimentos e do seu trato envolve um coração intrepido, uma vontade acirrada como a lamina do montante de um capitão de cruzadas. Ceder, não cede. Transigir, não transige. Recuar, não recua. Temer, não teme. Confia, persiste, assegura e quer. Um triennio lhe basta; e, se dentro desse breve espaço não estiver desempenhada com honra a palavra da sciencia, a todos os castigos se offerece: "arrastem-no pelas ruas, entregando-o aos insultos da multidão como o mais vil dos impostores, e o enforcuem numa praça".

Estas palavras exaltadas não lhe exaggeram a situação, antes pintam com exactas côres a atmosphaera da epoca, os perigos reaes do commettimento e as qualidades heroicas da indole, que o esposa



com serena galhardia. Uma convicção talhada assim na rocha, não ha maretas, que não desfaça, nem opposições, que não vença. Está confiança, esta placidez, esta bravura desarma as objecções, as duvidas e os medos. O governo, convencido, já lhe não tolhe a bemfazeja dictadura.

EXTINCCAO DA FEBRE AMARELLA

A experiencia de Havana reproduz-se, com toda a sua severidade, no Rio de Janeiro, melhorada no trabalho de adaptação dos processos prophylacticos ás novas condições ambientes, aos elementos da epidemia peculiares á nossa terra, e com o mesmo desenlace, a praga declina, e se esvae para sempre.

Em 1902, não se tendo aberto ainda a campanha sanitaria, o obituario da febre amarella subia a 984 casos. Encetada a sanificação em 1903, já nesse anno descendem os obitos a 584; em 1904 baixam a 289; reduzem-se, em 1906, a 39; em 1908 não passam de 4; e dahi avante não ha mais rastro da terrivel doença.

A descenção de 984 em 1902, a 39 em 1906, importa, virtualmente, no cumprimento á risca do formidavel compromisso. No contraste destes 39 com aquelles 984 e na celeridade prodigiosa do curso descendente entre o anno de 1903 e o de 1906 está claramente desenhada a extinção total, que apenas em dois annos mais de baixa quasi a zero acaba de se consummar.

ANTES E DEPOIS

O que era a capital brasileira antes da obra de Oswaldo Cruz, o que é depois della, dois factos inolvidaveis o mostram numa antithese da mais eloquente solemnidade.

Em outubro de 1895 aporta ao Rio de Janeiro o caça-torpedeiros Lombardia, da marinha real italiana, elegendo surgidoiro nas nossas aguas, a cerca de oitocentos metros do littoral. Dois mezes mais tarde, em janeiro do anno subsequente, adoecce de febre amarella um dos seus tripulantes, dahi a dias outro, no seguinte mais tres, posteriormente quinze. Aos 11 de fevereiro enferma em Petropolis o commandante, expirando cinco dias depois, e o navio contaminado, levantando ferro deste ancoradouro, faz-se na volta da Ilha Grande, onde poja em terra, e ao lazareto se recolhe toda a gente de bordo.

Mas o toque da infecção, que está com elles, não os poupa. Os golpes vão-se amilhando, cada vez mais numerosos, de modo que, aos 16 de março, os doentes são já duzentos e quarenta, e, destes, cento e trinta e quatro mortos. Na deserta nave apenas estão de guarda vinte homens, no começo incolumes, revezando-se a custo no serviço. Mas



já em 24 de fevereiro só ha onze indêmnos, dos quaes cinco, inclusive o medico, perdem a vida. Tremenda hecatombe, em que de uma guarnição de trezentos e quarenta pessoas, mal se salvam cento e seis, e, destas, apenas sete evitam o contagio homicida.

Correm annos, não muitos, o nosso porto recebe a grande esquadra norte-americana, que perlongando as nossas costas, de rumo ao Japão, aqui surge e dá fundo. Dezoito mil homens abriga a soberba frota no bojo dos seus navios. Reina em cheio o verão, e, com elle, o calor tropical de janeiro, lembrando a época, ainda tão visinha, em que esta era a quadra certa da visita fatal. Mas os marinheiros americanos demandam sem sobresalto a nossa bahia, dormem tranquillos no nosso ancoradouro, desembarcam na grande cidade, curiosos das suas maravilhas, seguros na hospedagem com que ella os acolhe.

Oswaldo Cruz asseverou, em Washington, ao presidente Roosevelt que a metropole brasileira está saneada, e que as forças navaes americanas, aqui, não correrim o menor risco. Não correram. A grande armada entrou e saiu illesa, atravez das intensas calmas do estio. Nem um caso de febre amarella nesses dezoito mil homens, entre os quaes bem se pode avaliar o horror do morticínio, em que se não exerceria, annos antes, a tremenda malfeitura, que, dos duzentos e quarenta mareantes do Lombardia, sepultou cento e trinta e quatro.

OSWALDO E CAYRÚ

Já houve quem o notasse. Mas convem que hoje o rememoremos. A obra de Oswaldo Cruz completa, se não restaura, a do Visconde de Cayrú. O veto da febre amarella derogava o acto do ministro da côroa, que descerrara ao mundo as portas maritimas do Brasil. Não basta estabelecer por decreto imperatorio a abertura dos portos de uma nação. Se nessas entradas uma calamidade exterminadora aguarda o forasteiro, para o sobresaltear, e carneal-o, não são portos o que alli se lhe depara, mas emboscadas e matadeiros.

Desde 1849, o accesso naval ás nossas capitães não estava senão entreaberto. A especie de dragão, muito mais formidável do que os monstros mythicos, que dahí em diante as aguarda, mal lhes deixa semiaberto o ingresso debaixo da comminação de morte. Só no começo do seculo vinte é que a salubrificação do Rio de Janeiro, obra do nosso grande hygienista, patenteia realmente este paiz ao commercio dos outros.

UMA PARCELLA DO DEBITO A OSWALDO

Quando os Estados Unidos, em uma epidemia do typho americano que por elles grassou no derradeiro quartel do seculo dezenove,



perderam, levados por ella, vinte mil homens dentre cento e vinte mil accommettidos, o congresso nacional, estimando em valores pecuniarios a somma do damno infligido á republica, o orçou em duzentos milhões de dollars, ou cerca de oitocentos mil contos em nossa moéda. Ora, adoptada para o calculo a mesma base de preço, tendo-nos morrido, só aqui no Rio, desse mal, em cincoenta e sete annos, cerca de sessenta mil doentes, havemos de concluir, segundo a estimativa americana, que o Brasil, no curso desse periodo, só nesta cidade, perdeu, em vidas humanas, sorvidas na voragem da febre amarella, não menos de dois milhões de contos de réis.

Este o contingente apenas desta capital. Addicionae-lhe, agora as parcellas relativas a todas as outras no immenso littoral do Norte brasileiro, desde o Amazonas até ao Espirito Santo, pelo interior desses Estados, e, no sul, através dos mais populosos, como S. Paulo, na metropole estadual, em Santos, em Campinas; addicionae-lhe, e apurae onde não irá parar o total dos milhões de contos de réis, que essa devoradora calamidade nos trago, só em existencias humanas immoladas nas suas matanças.

Isto posto, lança os olhos sobre a vossa conta corrente com este bemfeitor da patria, mettei a mão na consciencia, escutae em quanto vos ella está suppütando o nosso débito a ésta memoria abençoada, considera se o poderemos jamais resgatar; e, na insolvencia a que deante della estamos condemnados, vede se, ao menos, do nosso reconhecimento não lhe saberemos erigir um padrão, não banal, não mudo, não regelado, como os marmores, os bronzes, as inscrições mortas, mas traduzido em benevolencia, em ternura, em carinho para com os restos superstites da sua vida, os pedaços sobreviventes de sua alma, os caros destroços do seu coração, mutilados e esparsos em torno da sua sepultura.

AINDA A FEBRE AMARELLA

Nem é, porém, sómente no Rio de Janeiro que elle se mede e arca victoriosamente com a febre amarella. O milagre da capital dentro em breve se renova no Pará, onde o nosso triumphador incruento, convidado pelo governo estadual a traçar o plano de extincção da maligna enfermidade, se obriga a extirpar-a, em um anno, e em um anno a deixa extirpada.

Ainda em 1900 o Pará era uma das regiões, onde os experimentadores estrangeiros iam estudar esse flagello. Nesse anno a Escola de Medicina Tropical de Liverpool (Liverpool School of Tropical Medicine), mandava áquelle Estado, para examinar a doença no seu meio natural, o Dr. Durhan e o Dr. Walter Myers, ambos os quaes o contrahiram, fallecendo o ultimo dos dois em janeiro do outro anno.



Dahi a dez annos esse lango do territorio brasileiro já não era theatro das proezas dessa desgraça, e, se sabios do outro continente alli viessem a ter, seria para voltarem, attestando a efficacia eliminadora do saneamento pelos methodos irresistiveis da medicina moderna.

O CASO DO PANAMA'

A ella se deve a construcção do canal de Panamá, a que já se dera de mão como irrealizavel. Irrealizavel, não porque as areias movediças de um deserto, ou as serras de uma cordilheira embargassem o passo á engenharia, nem ainda porque os habitantes lhe creassem embaraços, ou exercitos inimigos occupassem o terreno, mas porque, havia quatro seculos, "o isthmo de Panamá se reputava o tumulto dos brancos".

A terrivel coveira, complacente amiga dos negros e mestiços, lá estava de atalaia, com o vomito preto e o impaludismo. Os hespanhoes, os francezes, os inglezes, attrahidos pela gigantesca empresa de Lesseps, morriam como moscas. Calcula-se que, já antes de a largar elle por mão, "cada metro cubico de terra acolá excavado representava o sacrificio de uma vida humana". A dizima cobrada pela morte era de vinte existencias, no minimo, sobre cada cem trabalhadores. Ainda se não sabia que os agentes de todas essas devastações eram dois microbios e dois insectos.

O MÔNSTRO E O MICROBIO

Os antigos encarnavam em sanhudos ou descompassados monstros o terror da origem mysteriosa de certas endemias, ligadas ás condições geographicas ou meteoricas da natureza. Em um pantano, de cujas exhalações a pestilencia envenena as praias do golfo de Argos, habita a Hydra de Lerna, filha de Typhão e Echiana. No côvo de fundas valladas, onde as aguas da primavera, mal escoadas, se encharcam e apodrentam em largos alagadiços, vivem aninhados as aves monstruosas de Stymphalo, genero de harpias, que se pascem e repastam de carne human.

Mas não eram nem os sanguinarios abutres de Stymphalo nem as truculentas cabeças da Hydra de Lerna as que Hércules encontraria hoje nos aguacões e encharcadiscos do Panamá, das Indias Occidentaes ou do Amazonas. Hércules teria de trocar a clava e as setas pelo microscopio e pelos insecticidas. Em vez de frechar harpias e esmagar serpentes, a sua tarefa seria destruir larvas, e exterminar insectos.



MADEIRA E MAMORÉ

O terror do disforme substituiu-se pelo terror do invisível. O infusorio tomou o lugar do monstro, o mosquito o do dragão. Não são os seus exercitos os que o governo dos Estados Unidos manda contra a infecção xanthogenica e a infecção malarica no Panamá: são as suas commissões de hygienistas. Não são os nossos generaes os que o governo brasileiro envia a libertar do inimigo, que as tornava inhabitaveis, ás margens do Madeira e Mamoré: é Oswaldo Cruz.

Os operarios occupadós na construcção da via ferrea Madeira-Mamoré pareciam como os empregados no Panamá ou nas Antilhas, hespanholas e inglezas, antes de saneados. A' violencia da mortandade, ao clamor dos governos estrangeiros, á ruina da empresa, paralyzada na execução das suas obras, acordaram os estímulos do interesse, se não os da humanidade.

A MALARIA

A condição paludosa daquellas regiões denunciava o impaludismo. A sciencia já não ignorava a natureza parasitaria das febres palustres. Já se lhe desvendara a etiologia e o mechanismo do seu processo, analogo ao da febre amarella: um hematozoario, o parasito de Laveran, achado no sangue dos febricitantes, e um intermediario especial, hospedeiro e vehiculo seu, um culicídeo, um anophelineo, nada mais que um diminutivo da mosca, um mosquito maligno, incumbido, pela natureza, da sucção, da incubação, da transmissão do germen infeccioso, que extrae do individuo contaminado, para o levar ao incontaminado.

A divulgação desta genesis, cuidadosamente escondida, entre os mais minusculos, mas não menos prodigiosos arcanos do universo, á nossa visão desarmada, veio a ser um dos dois elementos, graças aos quaes a sciencia vingou dar a certas regiões do mundo a condição de habitabilidade, que lhes parecia negada por um contraste inexplicavel com as amenidades, as delicias e as bellezas, de que as dotara o Creador.

ISMAILIA

Ao excavar o canal de Suez, elegeu Lesseps, a meia jornada entre Suez e Porto Said, na orilha do lago Timsah, um sitio privilegiado, onde sonhava erigir a capital daquella zona. De um lado a bacia deliciosa dessas aguas, onde as do Mediterraneo se vão fundir com as do mar Vermelho; do outro, a solidão absoluta do deserto. O deserto immaculado e o mar incorruptível.



Garantias de salubridade mais seguras não se creia que pudesse haver. A cidade, porém, que surgira entre esperanças, começa abruptamente a decair. Sangrara-se o Nilo, para lhe dar, em abundância, a água de beber. As sobras desentranham a areia em vegetação, esmaltam de jardins a paisagem. Ismailia sorri na sua frescura e fertilidade como um oásis. Mas do líquido que a rega, das humidades que lhe abeberam o solo, se elabora e desprende a subtil invasão, que a exhaure. E' uma cidade valetudinaria a cidade verdejante. Valetudinaria e morta, lentamente morta de paludismo. Não, lhe valem as honras de porta central, que a sua situação e o seu destino traçado lhe attribuem. O commercio a evita, os habitantes a evadem. O medico da Companhia, no anno de 1900, encontra, entre os seus empregados, 2.250 casos de envenenamento palustre e 2.591 numa população total de sete a oito mil habitantes. "Ils n'en mourraient pas tous, mais tous étaient frappés".

Entram os hygienistas com empenho á lida. Tudo era dar com os insectos suspeitos. Ao cair-lhes nas mãos o primeiro anophelio, já têm a campanha por vencida. Quando as tamareiras carregam, a doçura dos seus fructos as cobre de enxames desses dipteros, tão gulosos de assucar quanto de sangue humano. Por isso a sasão das tamaras é a quadra da recrudescência da endemia.

Não ha que hesitar. A prophylaxia defensiva com a prophylaxia offensiva assentam as suas baterias, e logo no anno de 1901, no mesmo em que rompem as hostilidades, o inimigo bate em subita retirada, a malária se reduz a 1.500 casos, para baixar, depois, successiva e acceleradamente, de sorte que tres annos mais tarde, apenas dois casos restam, esses de reincidentes, e de reincidências são todos que, dahi em diante, com a mais extrema raridade, se produzem. A desaparição do impaludismo já é facto consummado. Em alguns mezes Ismailia se emancipa da endemia, que a matava. Em dois a tres annos o impaludismo primario se extingue de todo em todo, o impaludismo chronico se reduz a um minimo, e este minimo, quasi nullo, tende a cessar. Não pode haver lição mais conclusiva: "um árido recanto do deserto, que se abastece de agua doce em demasia, violenta explosão de uma epidemia malarica, campanha methodica de prophylaxia, extincção total do impaludismo."

TRIUMPHO E SACRIFICIO

A intervenção de Oswaldo Cruz nas regiões amazonicas do Madeira e do Mamoré não corre menos triumphalmente. Já então lhe minam a saúde as lesões implacaveis, que o arrebataram depois á sciencia e á humanidade. O coração e os rins, abalados pelo excesso dos trabalhos, pela pressão das responsabilidades, pela amar-

gura dos dissabores na sua tempestuosa campanha contra a febre amarella, já não bastam ás exigencias do seu papel na economia da vida. As Columnas de Hercules do organismo já lhe não asseguram defesa cabal. Mas o intrepido heroe do saneamento do Brasil não se poupa, não leva em conta dias nem annos da sua existencia. Sabe que della não lhe resta muito; mas não o quer para seu goso: dá-a toda ao bem dos seus semelhantes. Debalde o tentam deter; nem os conselhos dos amigos, nem os sobresaltos, as caricias e os rogos da esposa ou dos filhos o rendem. E' um desses bravos, já sangrados na batalha, a quem o aspecto das proprias feridas e o sentimento da morte imminente dobram ainda o ardor para o combate. Porta-estandarte de uma era de regeneração, havia de fincar a sua bandeira no mais elevado tôpo, a que pudesse chegar, dos destroços do mal, bem alta, bem erecta, bem visível ao longe por toda a extensão do futuro.

Não lhe bastava lutar contra a malária aqui, onde a energia do invencível hygienista de mil e duzentos obitos por febre palustre em 1902, a reduz, progressivamente, a cento e setenta e seis em 1911. Se o chamam a paragens longinquoas, inhospitas e fataes, onde quer que seja, não lhe importam os riscos, irá levar o soccorro, estabelecer o remedio, e deixar o exemplo.

O PROBLEMA DO IMPALUDISMO

A lição deste sacrificio grande e desta victoria ainda maior era necessaria; e ninguem a podia dar com tanta vantagem, não a podendo ninguem dar com tanta autoridade. Porquanto um dos serios problemas do nosso futuro ha-de ser, ainda, a malária, que, grave no Brasil, se diffunde á larga pelos nossos valles e costas, revestindo fórmias estranhas em certas zonas, como, bem perto de nós, a dessa baixada fecundissima do Rio de Janeiro, a do Madeira, as do Amazonas, especialmente a do Acre, onde as suas variedades vão até ao beriberi fulminante, e os seus parasytos, capazes de resistencia ao antidoto, até agora inconcusso, da quinina, parecem ter o privilegio de se immunizarem á acção delle por uma verdadeira mithridatização.

Mas, ahí, a estrada está, não só traçada, senão aberta pelas tradições e triumphos de Oswaldo Cruz, seus discipulos, sua escola. A chave da questão não se acha na therapeutica, mas na hygiene preventiva. A medicação pode falhar; mas a prophylaxia não falha.

OS DISCIPULOS

Do genio que deu o seu nome a esta era da medicina, já se disse que "a gloria de Pasteur não consiste só no proprio Pasteur, senão ainda em toda essa brilhante escola de sabios e experimenta-



dores, que proseguem na sua obra, e lh'a amplificam". De Oswaldo Cruz o mesmo se dirá.

O Instituto, que hoje se lhe honra com o nome, não é só um laboratório de estudos: é um berço de intelligencias originaes, criado, no começo, pela iniciativa, depois fecundado pela presença e agora aviventado pela influencia sobrevivente do mestre. Admiravel homem de acção, fascinador irresistivel de intelligencias, creador incansavel de almas, suscita as vocações, repassa em coragem as capacidades irresolutas, devassa, na obscuridade e modestia do meracimento inexplorado, os talentos despresentidos, como o vedor de agua atravez do solo as fontes ou nascentes encobertas, reunindo cerca de si essa constellação de moços laureados, outros tantos mestres, em cada um dos quaes se espelha a imagem gloriosa do modelo: um Carneiro de Mendonça, um Rocha Lima, um Gaspar Vianna, um Eduardo Rabello, um Ezequiel Dias, um Cardoso Fontes, um Figueiredo de Vasconcellos, um Alcides Godoy, um Henrique Aragão, um Arthur Neiva, solicitado pela Republica Argentina, para alli organizar serviços de bacteriologia e hygiene, um Carlos Chagas, cujos primeiros passos na sua carreira bemditosa rutilam com "o maior milagre da medicina moderna", a solução do problema de uma grande infecção brasileira, a sciencia da sua etiologia, da sua pathogenia, da sua clinica, da sua therapeutica, da sua prophylaxia, da sua debellação radical, e a quem o premio Schaudim confere, por uma sentença germanica, as honras do mais notavel dos protozoologistas do mundo.

Deus vestiu das armas naturaes essas intelligencias de escol. Mas só a disciplina de um educador inimitavel de sabios, como Oswaldo Cruz, as podia amestrar, de um modo tão solido e consummado, na sciencia e arte da investigação original, da experimentação exacta, da verificação rigorosa.

O MESTRE DOS MESTRES

Pesquisador extraordinario na actividade, irrivalizavel na technica, privilegiado no tino de interpretação, acompanhava com a mesma proficiencia os trabalhos de todos os seus alumnos, em cada um dos ramos do saber cultivados naquella instituição, como especialista, que era, desde os seus vinte e sete annos, quando a inaugurou em todas essas especialidades. Dotado, assim, de uma personalidade robusta e exuberante, assentou as bases da sua escola na consubstanciação do seu espirito com o das suas creaturas intellectuaes; e, constituindo alli com a sua intensidade maravilhosa de acção, no estreito circulo de almas de que se cercou, um verdadeiro apostolado na religião da verdade experimental, as conduziu de trabalhos em trabalhos, de resultados em resultados, de perspectivas



em perspectivas novas, descortinando-lhes os horisontes e habilitando-os a explorar com segurança o terreno dos dominios sem termo abertos pela medicina investigativa aos conhecimentos humanos.

Foi dest'arte que, nos laboratorios daquela casa, nos seus gabinetes de estudo, nas peregrinações estudiosas dos seus agentes pelas terras mais remotas, mais agrestes e mais insalubres do paiz, ao mesmo passo que collaboravam todos na missão de por todo elle diffundirem a idéas, os methodos e as leis da nova medicina, para ella contribuiam com a obra original, pessoal, nacional dessa escola, cujas lições e triumphos compõem, certamente, o capitulo melhor da nossa historia medica, desde que a começamos a ter.

NACIONALISAÇÃO DA MEDICINA EXPERIMENTAL

Não foi sómente o debellar a peste, a febre amarella e o impudismo. Qualquer destas tres conquistas sobejaria, para eternizar a memoria de um sabio illustre, de um bemfeitor do genero humano. Mas a elle não lhe bastou. Fundara uma escola. Quiz dar-lhe o maior campo de actividade que, creando a medicina experimental no Brasil, lhe podia assegurar, e empregou-a em estudar as doenças brasileiras, ainda mal conhecidas na sua pathogenia, grangeando á sciencia nacional, nesse terreno, uma reputação, que chega a emparelhar-a com a dos mais adeantados centros de cultura hodierna.

Deste modo, no curso desses fecundos trabalhos, determina com exactidão Oswaldo Cruz as modalidades etiologicas e pathogenicas de muitas especies morbidas, reinantes em nossa terra, ou a ella peculiares, bebendo nessas conclusões verificadas copiosos elementos á prevenção e medicação de taes males.

"Na historia da sciencia brasileira", diz o dr. Oscar Freire, da Faculdade da Bahia, "o nome de Oswaldo Cruz marca uma phase decisiva. O desejo de resolver os problemas nacionaes com elementos proprios, fazendo no Brasil a sciencia para o Brasil, todo se perdia em esforços isolados e esparsos. Preciso era fundar um nucleo, onde se reunissem os elementos de trabalho capazes, e donde se irradiasse para o Brasil inteiro a claridade de uma nova orientação e de novos horisontes. E tal função Oswaldo Cruz exerceu admiravelmente; de sorte que delle, como seu maior titulo de gloria, se pode dizer: "Oswaldo Cruz nacionalisou verdadeiramente a sciencia medica, estabelecendo o principio de que é no Brasil que se devem fazer a medicina e a hygiene para o Brasil".

O MAL DE CHAGAS

E' assim que, por elle guiados, os seus alumnos enriquecem o quadro scientifico da nossa pathogenia com a verificação de mais



uma enfermidade humana, a trypanosomiase americana, o complexo mecanismo da sua pathogenia e o conhecimento do seu agente propagador, um hemiptero superlativamente maligno, mero barbeiro na linguagem da familiaridade popular com o terrível commensal, mas, na sciencia, individuado, com um dos seus mais sonoros nomes, como o *triatoma megistus* de Burmeister.

No tubo digestivo deste insecto, parasyto hematophago vulgar ás margens da Estrada de Ferro Central, onde ia combater a malária, encontra Carlos Chagas, sob as suas formas evolutivas o *tripanosoma Cruzi*, descoberto no sangue do homem ou dos animaes mordidos pelo damnhinho sugador; e, á luz das investigações que dirige com a pericia magistral de verdadeiro discipulo de Oswaldo se desdobra inteira a nova entidade morbida no seu ciclo completo, desde as visceras do pernicioso hemiptero até ao nosso organismo, de que se apodera, e que reduz á miseria, com as suas terriveis localisações nos tecidos da fibra muscular, no endothelio dos vasos, nos rins, no coração, na glandula tyroide, e as desordens nervosas, as perturbações vasomotoras, as paraliasias, o bocio, o idiotismo, o cretinismo, cujas syndromas lhe assignalam o curso nos individuos inutilizados e nas populações estragadas pela sua contaminação arruinadora.

A ULCERA DE BAURU'

E' ainda sob o influxo dessa orientação inspirada que um dos melhores discipulos de Oswaldo Cruz estabelece a therapeutica da leishmaniose. Eram notorios, entre certas populações brasileiras, os estragos da ulcera de Baurú, abominavel enfermidade, que victima e invalida o homem, quando o não mata, cobrindo-lhe a pelle e as mucosas de largas e repugnantes chagas.

Já se lhe conhecia a natureza, estudada por Lindenberg. Mas é o mallogrado Gaspar Vianna quem lhe descobre e deixa assentado o tratamento especifico mediante as injeções endovenosas de tartaro emetico, já sancionado hoje pelos resultados admiraveis da sua applicação, restituindo-se, dest'arte, com a medicação determinada no Instituto Oswaldo Cruz, á vida e actividade productiva milhares de brasileiros, que esse mal inutilizava, e estendendo-se os beneficios da sciencia brasileira a outros paizes americanos, onde tambem grassa a odiosa doença.

A VETERINARIA

Illustrando-se assim nos dominios da nossa pathologia e da therapeutica humana, não se descuidou a escola de Manguinhos da veterinaria, que tanto deve aos trabalhos, ás idéas e aos discipulos de



Pasteur. Differentes vaccinas e sôros curativos, alli descobertos e estudados, vieram beneficiar em larga escala os interesses da pecuária nacional, dotando-a de recursos contra algumas doenças animaes, que a affligiam, e prejudicavam.

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

O nome do Instituto Oswaldo Cruz, dado, em 1908, ao grande palacio da sciencia brasileira, da nossa sciencia viva e productiva, attesta o consenso geral da nossa opinião e da do mundo quanto ao papel dominante, creador, soberano, daquella personalidade extraordinaria na origem, na existencia e na gloria dessa instituição, docente entre todas, verdadeira Faculdade, a Faculdade Brasileira de Medicina Experimental, mãe de sabios illustres, mãe dos nossos mais benemeritos investigadores. Num paiz mal conceituado pelo seu desamor ao trabalho, são "trabalhadores de mais de quatorze horas diarias", como o seu director se ensoberbecia em dizer ao nosso governo. Os suffragios das maiores autoridades estrangeiras o collocam lado a lado com os mais celebres institutos analogos da Europa: o de Pasteur em Paris, o de Lister em Londres, o de Koch em Berlim. Já o proclamaram "a maior gloria scientifica do Brasil".

A, exquisita perfeição dos seus trabalhos inexcitaveis lhe vale, em 1907, na exposição annexa ao Congresso Internacional de Hygiene e Demographia de Berlim, onde entravam á competencia comnosco cento e vinte oito cidades principaes do mundo, o primeiro premio, que, até então, nunca se concedera alli a nenhum concorrente estrangeiro, e a medalha de oiro, dádiva da imperatriz d'Allemanha. As suas Memorias, estampadas em dois idiomas e ricas de producções originaes, constituem um dos mais autorisados archivos do movimento scientifico do mundo. Como escola de medicina tropical é a matriz, onde vem beber toda a America latina. Como laboratorio de pesquisas de medicina experimental, de bacteriologia, de microscopia, de serotherapie, de substancias vaccinaes preventivas ou medicatrizes, que distribue com liberalidade por todo o territorio brasileiro, nos assegura absoluta independencia de todo o resto do globo em relação aos problemas de pathologia geral e hygiene, a que está ligada a conservação das nações, seu credito, riqueza e prosperidade.

Esta criação magnifica, estupenda, miraculosa, que mana da influencia pessoal de Oswaldo Cruz como um rio caudaloso do coração de uma fonte crystallina, não teria sido exequivel, se a sua situação na directoria da saúde publica lhe não grangeasse o poder, as occasiões e os meios de elevar esse estabelecimento a tão desusada altura. A instituição de Manguinhos e a extincção da febre amarella são as duas filhas gêmeas dessa administração predestinada.

Aquelle homem devia ter nascido com esta missão, para que ella



se lograsse executar com tanta celeridade, harmonia e primor. Quando o Dr. Salles Guerra indicou para aquelle cargo o nome de Oswaldo Cruz, não podia ser senão porque esse era já o eleito da sua classe e o nome consagrado. Naquelle acto havia o duplo merecimento do seu desinteresse e da sua justiça; e é o que reserva a esse nosso distincto clinico uma justa menção de honra na historia do varão illustre, a quem elle deu, dest'arte, a oportunidade providencial de brilhar. Na sua volta do Instituto Pasteur, os nossos bacteriologos daquelle tempo, como Chapot e Fajardo, logo reconheceram em Oswaldo o guia e o mestre. No consultorio da travessa de S. Francisco, onde assentara a sua tenda com Luiz Barbosa e Candido de Andrade, lá o iam ouvir, e lhe buscar o conselho, nos exames ou questões de bacterioscopia, a que o diagnostico então começava a dar a importancia, que tanto depois cresceu rapidamente. Já então ninguem lhe negava ahi a primazia.

UMA PHRASE PROGRAMMA

Trazia Oswaldo comsigo todo o saber da escola de Pasteur. Todavia, as suas idéas, sobre a vehiculação da febre amarella pelo mosquito e a sua extinção mediante os progressos da prophylaxia havaneza ainda não estavam assentadas. Mas as publicações medicas americanas, que recebia e devorava todas, não tardaram em o imbuir na evidencia dos soberbos resultados obtidos nas Antilhas com a guerra de exterminio aos insectos, aos quaes a experiencia mostrava caber, durante as explosões desse contagio fatal, o tragico officio de portadores da morte; e, nos encontros quotidianos com os seus dois companheiros, o objecto da pratica eram essas noticias, essas leituras, essas victorias da medicina experimental, que acabaram pelo convencer e enthusiasmar.

Muitas vezes, então, naquelles colloquios dos tres amigos, como se estivesse adivinhando, sem saber o seu futuro, discutia a applicabilidade eventual ao Rio de Janeiro e ao Brasil, das theorias, experiencias e methodos inglezes e americanos a que se ligavam os nomes de Manson, Ross, Finlay, Reed e outros bnemeritos dessa medicina salvadora. Era a epoca heroica dessas experimentações, quando o dr. Lazear, da commissão americana mandada a investigar sobre o assumpto na ilha de Cuba, convencido adepto da transmissão da febre amarella pelo mosquito, para mover á convicção os incredulos, se deixou picar de um insecto contaminado, morrendo em poucos dias da doença contrahida. O ardente bacteriologo brasileiro já não duvidava. Encarava os embaraços com optimismo, respondia com segurança ás objecções, e um dia, por fim, exprimiu a sua confiança, dizendo: "O que precisamos, é um homem sem amigo e um governo de convicções".



PRIMEIRA ACÇÃO DE INFLUENCIA

Dahi veio a resultar que, quando o prefeito Passos, em principios ne 1903, aqui reuniu, numa especie de conselho, em sessões publicas, os medicos e engenheiros municipaes, com o intuito de examinar os melhores meios de sanear da febre amarella esta cidade, entre os demais votos, saturados em geral da rotina reinante, divergiu o do dr. Luiz Barbosa, inspirado nas idéas novas, de que se impregnara na communhão habitual com o seu illustre amigo; e foram estas as que esposou o administrador municipal.

Por incumbencia sua, o dr. Luiz Barbosa as vasou num projecto, que, adoptado por aquella autoridade, se converteu no decreto de 9 de março de 1903, onde a hygiene da municipalidade, inspirada na doutrina americana, rompendo com o systema da preservação pelas desinfecções, estabelecia o de remover o mal, atacando-o nos focos de hibernação e evolução, exterminando-lhe os vehiculos, no mosquito, na larva, nas aguas, nos encharcadiços, nas humidades, nas impurezas, e esboçava, nos acanhados limites da alçada local, um mecanismo gratuito para a execução desse pensamento.

A PHASE PROVISORIA

Já isso era, antecipadamente, como se vê, obra de Oswaldo Cruz, acção da sua influencia creadora; e, quando se lhe entregaram, mais tarde, no mesmo anno, os serviços sanitarios da União, nessa organização embryonaria, composta de medicos e estudantes contractados, é que se lhe deparam os elementos iniciaes da outra. Mercê desse concurso, a que relucta, no começo, a Prefeitura, cedendo por fim á intercessão do governo geral, angaria os meios de vencer os primeiros embarrasos, recorrendo, já ao pessoal, já ao material da municipalidade, que a administração desta lhe franqueou, autorizando, em abril de 1903, com o decr. n. 415, uma acção combinada, nesse terreno, entre as autoridades municipaes e as federaes.

E' um período vivamente agitado o dessa phase provisoria, em que Oswaldo Cruz centuplica a sua actividade, em que necessita de se aventurar a iniciativas dobradamente energicas, para dominar a rotina dos technicos atrasados, com os quaes tem de lidar, e, jogando com elementos, cuja desharmonia o estorva, desenvencilhar-se de tropeços renascentes a cada passo na execução de medidas essenciaes ainda não juridicamente legitimadas.

A ORGANISAÇÃO

Só ao entrar do anno subsequente, lhe veio a ser dado pisar terra firme, quando o congresso nacional votou, em 1904, a lei de 5 de



janeiro, que, com o regulamento de 8 de março, deu harmonia aos dois ramos da hygiene, a de aggressão e a de defensiva, reorganizados e coadunados sob a mesma autoridade, recebendo assim o jovem administrador a mais singular demonstração da confiança illimitada, de que já o cercava a excellencia, o tino e a grandeza dos seus primeiros actos.

A LUCTA E O LUCTADOR

Essa lei, pela qual se creou a justiça sanitaria e a engenharia sanitaria, constitue a mais adeantada applicação que nunca se viu dos principios de intervenção do Estado em materia de hygiene. Embora, porém, encontrasse no governo da republica o mais absoluto apoio, a sua obtenção e a sua execução, foram duas luctas dessas em que só heroes não naufragam.

Exigencias tinha a nova ordem de coisas; como a declaração dos casos de doenças infecciosas e, sobretudo, a verificação do diagnostico, contra as quaes até boa parte da classe medica reagia. No congresso nacional, nos quartéis, nas ruas, nos lares, era uma especie de levantamento em massa. Contava-se da esposa de um official, que se armara de carabina, para defender os seus penates contra a invasão dos mata-mosquitos. A tudo, porém, oppoz o director da saúde publica essa mesma inalterabilidade soberana do seu animo bom e justo, com que, na revolta contra a vaccina obrigatoria, se recusava a deixar a sua casa apedrejada pela multidão.

Trepidasse elle ante esses obstaculos, não servissem estes, pelo contrario, para dar ainda mais rigidez á firmeza adamantina, que o caracterizava, e o Brasil estaria hoje onde estava ha vinte annos, malvisto, atrophiado e esterilecido pelas endemias e epidemias, que o vexavam.

O ADMINISTRADOR

Quando se lhe entregou a missão de livrar e desinfecar esta e outras cidades ou regiões brasileiras da insalubridade, que as affligia; quando, especialmente, o governo lhe commetteu a direcção da saúde deste districto, a inveja, zanaga e maninha, a que nunca mingam objecções, para excluir o verdadeiro merecimento, o averbara de não ter attributos de administrador. Desses predicaos só o da experiencia não teria então o homem de actividade, energia e methodo, que, ao impossar-se naquelle cargo, adoptou por lemma dos seus actos a divisa de "trabalho e justiça", as duas condições magicas, de que depende, acima de tudo, a sorte das administrações.

Mas a experiencia, que lhe escasseava, suppriu-lh'a, como que tresdobrada, o genio, o bom senso, a vontade intelligente do bem, a fé, o enthusiasmo, que transporta as almas, que as inspira de clarões ines-



perados na lucta com as difficuldades; e das imprudencias, dos repentinos, das invenções desse inexperiente, a cuja acção directa nada escapava, cujo tino creador acudia a tudo, sob cuja pressão tudo se electrizava, tudo se harmonizava, tudo vibrava, resultou a mais completa, a mais extraordinaria, a mais creadora, a mais exemplar das administrações, a que o Brasil tem assistido.

A GLORIFICAÇÃO

O homem que a exerceu, terminou-a coroado pelo consenso geral dos sabios como "um dos grandes bemfeitores da humanidade". E' a personalidade, que "representa o Brasil moderno saneado". Delle se disse que, "honrando a sua patria com a extincção da febre amarella, honrou o continente americano". Delle se escreveu que, "com só tentar imital-o, se nos dignifica e enche a vida". Por tel-o produzido, ainda ha pouco, num paiz estrangeiro, se proclamava o Brasil uma "feliz nação".

O mundo scientifico não o conhecia; foi Oswaldo Cruz quem o revelou a esse mundo; e entre o Brasil pesteadado, que elle encontrou e o Brasil desinfectado, que nos veio a legar, entre esses dois Brasis, tão diversos um do outro, essa administração mal agoiçada pela eterna tancanharia dos praticos se levanta, abençoada hoje por todos, sem mancha, sem declinio, sem medo a rivaes, como uma excepção venturosa, uma antecipação do futuro, um oasis solitario no seu meio.

QUE SERIA DE NÓS ?...

Que seria de nós hoje, se a Providencia não nol-a houvesse permitido? Que seria de nós, se...? Supponhamos que Deus não houvesse creado o sol... A terra seria deserta, nua, tenebrosa, e os mais planetas, que, com ella, estendem as suas orbitas derredor daquelle disco abrazado, reverberando-lhe os raios luminosos. vagariam, sombras errantes, pelo espaço, á tenue claridade das estrellas. Para o nosso mundo toda a fecundidade, toda a belleza, toda a alegria vem do sol. Grande creador, porém, o sol é, ao mesmo tempo, o "grande putrefactor". Ao calor, emanação dos seus raios, nascem as plantas, nascem os animaes, nasce o homem, surge, respira e se alimenta a vida. Mas, tambem, ao mesmo calor que delle deriva, se desenvolvem todos os processos da morte: as fermentações, as decomposições, as putrescencias. Ao sol riem os jardins, e abrem as flores. Ao sol esfergulham as vermineiras; e se decompõem os monturos. Aquece-nos o sangue; mas, ao mesmo passo, aviventa os germens, que nol-o destroem.

Entre essas duas funções a ignorancia não sabe discernir, e aproveitar. A sciencia as discrimina e utiliza. Com a ignorancia o sol torra, derranca, e mata. Com a sciencia o sol fecunda, preserva e cura.



Se Deus nos não suscitasse a missão de Oswaldo Cruz, o Brasil teria o mesmo sol com a mesma exuberancia de maravilhas, mas o sol com a peste, com o impaludismo, com a febre amarella, com a doença do barbeiro, com a ulcera do Baurú, com todas essas desgraças, até então irremediaveis, que esse homem, superior ao seu tempo e ao seu paiz, deixou extinctas ou em via de se extinguirem. Dar o sol, e não dar a sciencia, é deixar apenas meio sol, ou um sol mallogrado, o sol com a doença, a esterilidade e o luto. Deus nos havia dado os beneficios do sol tropical. Com Oswaldo Cruz nos deu os da sciencia, que o corrige. Podemos congratular, agora, de termos o sol estreme dos seus descontos, o sol sem as suas malignidades, o bem logrado sol dos paizes saneados.

THE RIGHT MAN

Tudo isso, porém, o devemos a uma circumstancia, a um momento: a adequada escolha do homem para o logar. E' o que não se faz quasi nunca no Brasil. E' o que, fazendo-se no Brasil uma vez, fez, sob certos aspectos capitães, de um Brasil decadente, retrogrado, paralisado, um Brasil em reabilitação e progresso.

Se o dr. Salles Guerra não houvesse recusado o convite, indicando, em seu logar, o especialista capaz, ou o governo Rodrigues Alves lhe não acceitasse o nome suggerido, o paiz continuaria, não se sabe até quando, ferido mortalmente no seu credito, na sua producção, no seu commercio, na sua colonização, na sua riqueza, na sua vida pelo justo renome de insalubridade — que nos enxovalhava. Por ahi se poderá medir, ante a mais solemne das lições, quanto releva a uma nação guardar o respeito ao merecimento.

A regra ingleza é a da capacidade: **the right man in the right place**. A regra brasileira, a incapacidade: **the wrong man in the wrong place**. Não buscamos os homens para os logares; buscamos os logares para os homens. Os preparados são os despreparados: os despreparados, os preparados; os competentes são os incompetentes; os incompetentes, os competentes.

O LATROCINIO DAS POSIÇÕES

A este veso chamamos nós administração. Latrocínio lhe chamava o padre Vieira. "Querem saber os reis", dizia elle, "sê os que provêm nos officios, são ladrões, ou não? Qbservem a regra de Christo: **Qui non intrat per ostiam, fur est et latro**. A porta por onde légitimamente se entra no officio, é só o merecimento: e todo o que não entra pela porta, não só diz Christo que é ladrão, senão ladrão e ladrão: **Fur est et latro**. E porque é duas vezes ladrão? Uma vez porque furta o officio, e outra vez pelo que ha-de furtrar com elle. O que entra pela porta,



poderá vir a ser ladrão: mas os que não entram por ella, já o são. Uns entram pelo parentesco, outros pela amizade, outros pela valia, outros pelo suborno, todos pela negociação. E' quem negoceia, não ha mister outra prova; já se sabe que não vae a perder. Agora será ladrão occulto, mas depois ladrão descoberto, que essa é, como diz S. Jeronymo, a differença de **fur e latro**."

Palavras do celebre orador na predica do Bom Ladrão, ouvida, em 1655 (ha muito mais de dois seculos) na igreja da Misericordia de Lisboa, reinando El-Rei nosso senhor. As portas de entrada aos cargos publicos eram, pois, absolutamente as mesmas que elle hoje teria de enumerar, se estivesse orando, em 1917, nalgum pulpito do Rio de Janeiro; o parentesco, a amizade, o suborno, a **valia**, nome com com que se indicava, não o valor, mas o valimento, a protecção, as cartas, o **empenho**, como hoje dizemos. "As mercês não significam valor, senão valia", deplorava o excelso pregador, como nós hoje o deploramos.

E' o que os ministros do altar, nos templos, em pleno despotismo, diziam aos ministros do soberano absoluto. Quer-me parecer que, se a realidade é a mesma, do homem publico, hoje, não se ha-de-negar direito de o dizer, em plena democracia, aos intitulados orgãos do povo soberano.

Naquelle tempo naturalmente se acreditava que as valias, valimentos e valedores constituíam um vicio peculiar ao arbitrio das autocracias. Depois se viu que as constituições mudam os nomes, mas não a substancia ás coisas, e que, nas republicas mais amodernisadas as privanças, os nepotismos, os compadrios podem ter o mesmo sabor de actualidade que nas mais bolorentas monarchias.

O que sob o caruncho das velhas realezas gozava de mais foros do que sob a chibança das republicas mais frescas, é a liberdade moral da palavra humana. Quem, com effeito, me não increparia de exceder as legitimas raías da tribuna, se eu hoje, em pleno seculo vinte, puzesse, como Vieira em pleno seculo dezesete, o labeu de ladrões e ladrões aos que entram aos cargos publicos, não pelas portas deanteiras, da lei e do merito, mas pelas trazeiras da mediocridade e do padronado? Todavia, o baldão encerraria muito mais estricte verdade agora, quando os governos fazem de ministros dos povos, do que naquelle tempo, em que o Estado e seu patrimonio se absorviam no throno e sua vontade.

ODIO AO MERECEMENTO

Quando o tribunal revolucionario, em 1794, condemnou Lavoisier ao cadafalso, o presidente dessa justiça de guilhotinadores, recebendo pedidos de sobreestar na execução da sentença, despachou que a republica não precisava de homens de sciencia, "la république n'a



pas besoin de savants"; e o iniciador da chimica moderna, carregado de serviços á patria, recebeu a morte reservada por ella aos seus inimigos, não merecendo, sequer, a rasa inscripção do proprio nome na muda loisa, que lançaram sobre o corpo do justicado. Dahi a dois annos a França ia penitenciar-se naquella sepultura, qualificando-se então a morte de Lavoisier como attentado maior do que a de Luiz XVI.

Mas nem por isso deixa de haver, até hoje, republicas, onde, não se podendo matar os homens de sciencia no cadafalso, matam-se, ou se inutilisam (o que o mesmo vale) com o desprezo, o esquecimento, a preterição, o abandono, a malignidade, a detracção, o odio, a injustiça, sob as mil fôrmas que a desnudam, rebaixam e envenenam.

Se deste modo só se estrangulasse a justiça nos individuos, cabeça por cabeça, tirando-se a cada qual o logar do seu direito, tanto bastaria, para revoltar a consciencia humana. Mas essa habitualidade na injustiça empeçonha o ambiente moral, corrompe as nações, deshonesta os governos, e arruina os Estados. A desvalorização da capacidade tem por consequencia a desestimação do trabalho. A mocidade se abastarda, se desbria, se enxovalha, desertando o estudo, e desamando as causas generosas, para se alistar na turba dos postulantes, e esfervilhar entre os cortezãos. Com a justiça postergada se vae o estímulo, com o estímulo a vergonha, com a vergonha a moralidade, com a moralidade a compostura, com a compostura a ordem, com a ordem a segurança, e rapidamente, como em todo o organismo vivo debaixo da acção dos grandes toxicos, a sociedade se desorganisa, decompõe, e a dissolve.

Cada competencia que se rejeita, cada merecimento que se desdenha, cada genio, cada talento, cada saber, que se recusa, que se desgosta, que se persegue, negando-se-lhe honras, premios e cargos, para se distribuirem, como librés, a validos e ociposos, a ignorantes e nullos, é um valor de cultura, um valor de producção, um valor de riqueza, que se subtrah á fortuna do paiz, e de que se priva o thesouro geral da humanidade. São actos de espendicio, dilapidacção e loucura, com cada um dos quaes ninguem sabe quanto vae perder a nação e o genero humano.

Se as commissões incumbidas a Oswaldo Cruz se entregassem a outrem quando não existia, no Brasil, ninguem como elle talhado exactamente para ellas, a nossa patria e a especie humana teriam perdido, estariam perdendo, e haviam de perder ainda, em beneficios, toda essa immensidade, que lucraram, estão lucrando, e hão de lucrar com a extincção da peste, da febre amarella e do impaludismo.

A LIÇÃO DA GRANDE EXCEPÇÃO

Neste caso vimos acatada a justiça e, com a observancia da justiça, é incalculavel a riqueza, que se ganhou, se ganha, se ganhará



indefinidamente em vidas humanas, em actividade, em forças productoras. A hygiene brasileira transformou-se, converteu-se num verdadeiro poder, e, nos seus dominios, elevou o paiz a uma altura desconhecida. Ninguém nos excede nos productos, nos serviços, nos melhoramentos, nas condições de civilisação, que a nossa sciencia saneadora, encarnada no Instituto Oswaldo Cruz, hoje representa.

Imaginae agora que não seria, a outros respeito, o Brasil todo, se nos demais ramos da administração, se nas demais espheras do Governo, se repetisse aquelle caso, se o paiz fosse entregue ao merecimento, se as posições coubessem ao trabalho, á capacidade, á honra, se os velhos dessem aos moços os exemplos da temperança, da consciencia e do desinteresse, se nos deliberassemos, em summa, a estabelecer a hygiene moral da republica, obedecendo á mesma lei de selecção dos **capazes**, a que se deve o nosso glorioso triumpho na lucta sanitaria contra as tres pestes.

NA UTOPIA

Mas senhores, não nos transviemos por intermundios da Utopia. Onde me não parece que valha a pena de imitar a Santo Antonio, é nisto de sermonar a peixes. Creaturas que nasceram para ser devoradas, não aprendem a não deixar-se devorar. Não. Sanear um territorio já será obra para gigantes. Sanear uma epoca, um regimen, uma nacionalidade não é commettimento accessível nem dos Briareus de cem braços, nem aos Prometheus armados com o fogo do céu.

Doenças ha, de que nos curam os medicos, outras de que só se curam os doentes a si mesmos. Neste genero estão as mazellas e gafairas moraes dos povos. São males, a que não ha medicamento na botica, e de que só se livra o padecente a si mesmo, quando tem resistencia no organismo e energia na vontade, para desconfiar dos medicos, não se entregar aos curandeiros, e buscar em si proprio a sua cura. As nações doentes, que não dispõem desse vigor d'alma, têm apenas o seu territorio por menagem, e não são livres senão á maneira dos lazarentos, que não cabem na gafaria, e transbordam para as colonias de leprosos. Esses grandes enfermos não sei se serão curaveis. Mas, quando o sejam, não ha-de-ser com remedios formulados nos Codigos officiaes, nem pelos galenos costumados a viver das chagas do cliente.

TERRA A TERRA

Porém, já que sobre os problemas desta hygiene superior, da hygiene d'alma nacional, ainda não vemos assomar o dedo de Deus, ao menos quanto aos da hygiene do territorio brasileiro, quanto aos da hygiene da vida physica, no dominio da qual se nos deu obter resul-



tados tão portentosos, conservemos e desenvolvamos as vantagens alcançadas. Ahi a questão está resolvida, mas a solução não se acha concluída. Manguinhos esboça essa conclusão; mas ainda a não esgotta. Quando os discipulos de Oswaldo, segundo um delles nos narra, mostravam ao mestre inquebrantavel o quebrantamento das forças dos seus assistentes, a resposta do grande saneador era um rasgão de sol nas nevoas do horizonte: "Para executar os meus planos antigos, já não conto muito com a velha guarda. Ella compriu o seu dever. Eu pensava na gente nova, que lá está, a qual levantaria Manguinhos até mais alto".

O CORAÇÃO DA NOSSA HIGIENE

E' que Manguinhos constitue, naturalmente, o centro inexpugnável das operações da grande offensiva e defensiva contra a insalubridade em todo o Brasil. Alli está o coração scientifico do poderoso organismo, cujas leis Oswaldo Cruz deixou traçadas. Esse organismo abrange na sua influencia, no seu exemplo, na sua escola, na sua acção multipla, nas suas missões de execução toda a nossa terra; e onde quer que se revele uma necessidade, um risco, uma invasão do inimigo, o choque ha-de reflectir-se no musculo central e no cerebro pensante, para dalli retornar, com a idéa, a medida e a solução invocada.

Desappareceu d'entre nós Oswaldo Cruz. Mas a sua criação está viva. O seu genio não a deixou. Deus chamou a si o seu emissario. *Ascendit Elias per turbinem in coelum*. Mas o espirito de Elias descansou em Eliseu. *Requievit spiritus Eliae super Eliseaum*. A successão estava designada pela necessidade inevitavel das coisas. O manto da investidura official não veio senão reconhecer a sagração já consummada. Carlos Chagas ascende á cadeira do mestre com todo o prestigio da grande herança. Da instituição em que succede ao fundador, se domina todo o campo da hygiene brasileira. Se Pasteur não errava em chamar "templos de futuro" aos laboratorios da sciencia experimental, naquella está o santuario, cujos oraculos os nossos governos devem ir solicitar para a conservação e integração da obra immensa, alli centralizada.

A OBRA FUTURA

Os dominios da malaria entre nós ainda são tão vastos quanto o curso dos nossos rios e as depressões dos nossos valles. Em varios dos nossos Estados ainda agora é notoria a presença da febre amarella. Nas terras de Minas e Goyaz, em vastas regiões de Matto Grosso, do Maranhão, do Piauhy, da Bahia, "domina infrene o mais temeroso dos flagellos epidemicos dos sertões, a molestia de Chagas". Populações inteiras de individuos baciados, hebetados, crétinizados, entreva-



dos por ella habitam as sinistras zonas do barbeiro, contra cujas devastações não me consta que já se encetasse, ao menos, como ensaio, a campanha preservativa tracejada pelo grande alumno de Oswaldo Cruz. Situações notavelmente saudáveis, climas de excellencia conhecida apresentam, largamente derramado, nas populações urbanas e ruraes, o estygma da ankylostomiase, mal não custoso de vencer, mas abandonado á sua acção inanidora sobre a vida e o trabalho humano. Escriptores e medicos nos descrevem apavorados um "inferno verde" nas regiões amazonicas, um "inferno sêcco" no nosso nordeste, um "inferno central" nos sertões de Minas e Goyaz, em paragens que a natureza ornou de todas as bellezas, e as infecções reinantes mergulham em todos os horrores. Tantos infernos no mais maravilhoso dos paraizos.

E' todo um mundo, nessa vastidão incalculavel de necessidades, estudos e providencias, o que estes factos nos descortinam, um mundo bastante para justificar, a nosso respeito, o sentimento de espanto, com que ha sessenta annos, Littré, num dos seus escriptos medicos, se admirava de que nos Estados civilizados não houvesse um ministerio especial da saúde publica. Eu, que, ha trinta e cinco annos, propugnava a criação, no Brasil, do ministerio da instrucção publica, não hesitaria hoje, quando a hygiene assume entre nós essa importancia avassaladora, em votar com Littré pela consagração de um ramo central do governo a este serviço, se, neste paiz, as secretarias do Estado se creassem, para se occupar com os assumptos, que lhes dão os nomes.

Mas esses males, de assoberbadora grandeza, dominantes ainda no campo das reformas que Oswaldo Cruz inaugurou com trabalho de Hercules, devem persuadir-nos a que não durmamos sobre nossos loiros. O que está por acabar, é ainda muito mais vasto do que o que elle deixou acabado. A immensidade, porém, do que elle acabou em tão breve espaço, tendo que improvisar tudo, nos deixa ver quanto iremos acabando, se o continuarmos com a mesma inspiração, a mesma valentia e a mesma perseverança. Este é o verdadeiro monumento, que com a sua memoria condiz, a verdadeira gratidão, que lhe devemos.

"SEMPRE AVISADOS, MAS NUNCA PREVENIDOS"

O Brasil é um paiz de esquecimento e negligencia. Pouca memoria, menos attenção e nenhum cuidado. Parece que o achague nos vem de nascença e já vagia connosco no berço; pois, ha mais de duzentos e cincoenta annos, prégando no Collegio da Bahia dava retrato o padre Vieira desta mazella como velha e incorrigivel na terra, comparando os nossos desastres, pelo costume de não fazermos conta dos avisos, aos de Troya e Sodoma. Volvo ao prégador, porque é palavra sagrada. Saiu de um templo: não tem laivo de paixões terrenas.



"Eis aqui", bradava a grande voz da igreja, "eis aqui, nem mais nem menos, o fado ou desenfado do nosso Brasil: sempre avisados, mas nunca prevenidos. Lançae os olhos por todas as praças, que temos perdido desde o anno de 624 até o presente, e nenhuma achareis, a que não precedessem avisos, e muitos avisos. Antes de se tomar a Bahia, duas barcas de pescar com cartas d'el-rei, que pela novidade da embarcação fizeram o caso mais mysterioso e o aviso mais notorio; um mez antes a mesma capitania da armada hollandeza sobre o morro, que nós mandou avisar pelos prisioneiros de Angola; e nós com a praça aberta, sem fortificação, nem trincheira, como se nos preparavamos, para entregarmos a cidade, e não para a defender; e assim foi. Pernambuco da mesma maneira. Tantas cartas d'el-rei antecedentes, tantas noticias de Hollanda, que haviam de vir, e nomeadamente que haviam de entrar por tal parte. Depois de partida a armada, avisos de Portugal, avisos de Cabo Verde que já vinham, que já chegaram; e nós a cortar canas, a moer engenhos, como se fôra nova de alguma grande frota, que vinha a carregar de assucars; é assim, o mesmo foi desembarcar que serem senhores da terra. Desta maneira se perdeu Pernambuco, desta maneira se perdeu a Bahia, e todas as outras praças menores, por este caminho as perdemos; nunca accommettidos de subito, nunca tomados de repente. Perdeu-se o Brasil como se ha-se perder e acabar o mundo".

O mundo acabará de surpresa, ainda que muito avisado (continua o missionario), por não escutar nunca os repetidos signaes do ceu. "Tal aconteceu sempre no Brasil", diz elle. "Nenhuma nova tão certa, que não tivéssemos uma esperança, para que appellar; nenhum aviso houve nunca tão qualificado, que não tivéssemos um discurso, com que o desfazer. Que está acabada a companhia de Hollanda; que França não os pôde hoje assistir; que Dinamarca tem guerras apregoadas; que baixa com grande exercito o imperador; que os tem mui apertado o cardeal infante; que se desbaratou a armada, que mandaram a Indias; que não ha um hollandez em Amsterdam, que queira vir ao Brasil; finalmente, que estão perdidos, que estão acabados, que estão consumidos. E, quando nos não precatamos, ouvimos soar as trombetas hollandezas por esses oiteiros; acham-nos descuidados e despercebidos, tomam-nos as nossas terras, e deixam-nos os nossos discursos".

Tal, concluia o padre, "o natural descuido nosso" e "o clima ou os peccados do Brasil". Dois seculos e meio vão passados, senhores; mas "o natural descuido nosso" não passou, não passaram "os peccados do Brasil", não se lhe mudou "o clima". Eternamente descuidados. Eternamente surdos a todos os avisos. Eternamente desgostosos dos avisadores. Desleixo, imprevidencia, volubildade. Não aprendemos do passado, não nos incomodamos com o presente, não cogitamos no futuro. Assim vamos vivendo e medrando, como vive e medra



a nossa natureza, despreocupada na inconsciencia das coisas. Do imprevisto nos gozamos, embalando-nos nas suas surpresas. Temos nos nossos orçamentos liberalmente consagrado o melhor do nosso sangue á montagem da machina da guerra, Mas, se esta nos bate ás portas, vamos dar com a machina de todo ponto desmontada. Não ouviriamos hoje "soar por esses oiteiros as trombetas holandezas" como nos dias de Vieira. Mas, se por terras nossas resoasse o clangor do bronze inimigo, não nos encontraria mais apercebidos hoje do que ao tempo, em que os nossos maiores recolhiam a safra dos cannaviaes e moiam engenhos de cannas, enquanto as frotas de Hollanda nos ameaçavam as costas. "Sempre avisados, mas nunca prevenidos". Taes em 1917 quaes em 1641. Taes no seculo vinte, quaes no seculo dezesete.

O MILAGRE

Demos graças ao Senhor, por haver permittido um dia que, ao menos, contra uma especie de inimigos e perigos nos precatassemos, e por nos ter dado o gigante para a organização dessa defesa, movendo os homens, que nos governam, a não o rejeitarem, nem lhe regatearem os meios de uma acção creadora. E' o que o celebre prégador chamava "o filho do milagre de Deus".

Este homem, "feito de affoiteza e prudencia, de imaginação e ponderação, de intuição e critica", como Pasteur, era, como Pasteur, "uma vontade obstinada, um vigor seguro de si mesmo, uma fé capaz de levantar montanhas". A esses attributos do seu character, não menos do que ás qualidades superiores da sua sciencia, se deve a gloriosa consummação da sua obra. A independencia no espirito necessita de ser servida pela independencia na acção.

Antes de entrar no cargo, já se revelara elle o homem dessas qualidades, entre nós raras, quando, annunciada a nomeação, para si, de um secretario, sobre cuja escolha não fôra ouvido, posto recalsse em nome digno, salvou desde logo a sua autoridade, impondo o eleito da sua confiança. Depois esses predicados se accentuaram, cada vez mais, na sequencia dos seus actos, com tal irradiação de superioridade, com tamanha exalação de calor, com uma intensidade tal de convicção, de segurança, de poder galvanico, que, ao cabo de um anno, todo aquelle pessoal, toda aquella administração, todo aquelle serviço, se movia como um só homem, como um instrumento inteiriço e vivo, como os seus proprios nervos e musculos, debaixo da acção da sua vontade, realizando; nas mãos do mais novo, mas do mais notavel dos administradores, a mais creadora das administrações.

O PATRIOTA

Mas, nesse coração, apparentlymente absorvido e consumido no amor da sciencia e no amor da humanidade, não era menos vibratil



a fibra do civismo. Sua visão não se estreitou no circulo visual do microscopio. Sentia a relação necessaria entre os interesses da sciencia na sua autoridade, na sua sinceridade, na sua utilidade, e a observancia dos principios da ordem social. Amando a patria, amando a liberdade, não perdia de vista os negocios do paiz; antes os seguiu com o discernimento, o zelo e as emoções de uma consciencia desinteressada.

"Quanto a aventura boulangista ameaçou subverter a nação com o quadriennio fatidico que nos assolou", diz um dos seus discipulos em eloquente homenagem á memoria do mestre, "o echo da campanha civilista chegou ao remanso de Manguinhos, arrancando-nos da indifferença com que encaravamos as manifestações da politica nacional. O proprio Mestre agitou-se, e esteve na imminencia de se alistar eleitor. Quando o cataclismo desabou sobre o paiz, e o pessimismo se asenhoreava de todos, elle não desanimou um só momento, e, cheio de fé, repetia: "Os gloriosos destinos do Brasil são infinitamente mais poderosos que quatro annos de desgoverno".

Se alguém houvesse auscultado o sussurro desse coração nos transees do passamento, não me engano, creio eu, em suppor que lhe perceberia a mesma tristeza de Pasteur, quando, aos quarenta annos de idade, ferido de uma hemiplegia, a que cuidou succumbir, lhe afflorou aos labios esta queixa: "Tenho pena de morrer: queria prestar ainda mais serviços á minha terra". E ainda os prestou; porque só vinte e sete annos mais tarde, aos setenta e tres da sua vida, acabava a carreira mais gloriosa da sciencia no seculo passado.

Oswaldo pouco mais de metade do lapso dessa existencia viveu; e, quando fechou os olhos, aos quarenta e dois annos de nascido, a carreira, que tão cedo encerrava, já era a mais bemfazeja da sciencia brasileira em toda a historia da nossa nacionalidade.

Mas os serviços de taes homens não se medem pela extensão da sua passagem terrestre, nem pela somma de beneficios que dos seus actos, durante ella, colheu o genero humano. A grande obra dos bemfeitores predestinados está na illimitada sobrevivencia della aos seus autores, que do seu proprio trespassse revivem todos os dias nos frutos do bem, que plantaram, na corrente de benções, em que se desentranha a vida ephemera dos mortaes, para a continuarem, atravez de seculos e seculos, em caudaes de benevolencia e caridade.

Aos salvadores de homens, suscitados pelo céu, o inferno contrapõe os exterminadores de homens. Mas, embora estes passem, carregando na torrente de sangue dezenas de milhões de victimas, maior, muito maior, sem comparação maior será sempre, na serie incessante dos tempos, a seara de vidas, que o genio dos semeadores da sciencia arrebata á voragem da nossa mortalidade, e a messe de almas consoladas que elles salvam das agonias do soffrimento.

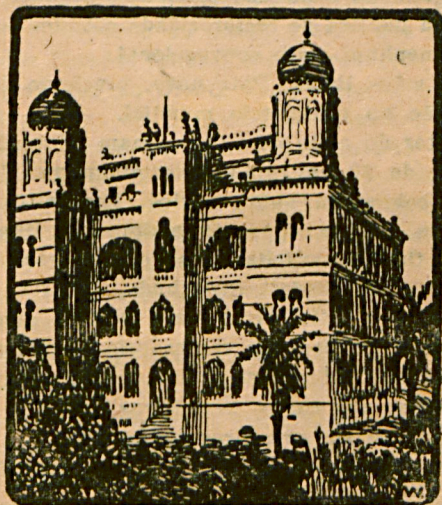
Coube a Oswaldo Cruz a ventura extraordinaria de ser um desses raros eleitos, um desses levitas do sacerdocio consagrado á diminui-



ção dos padecimentos humanos. Essas creaturas amadas e bemditas, como elle, devem os milagres da sua obra á acção desse deus interior, o *Entheon* do entusiasmo, bella palavra "uma das mais bellas dos nossos idiomas", mas infinitamente menos bella do que o sentimento, que traduz, a paixão das grandes inspirações, das grandes aspirações, das grandes abnegações, o heroismo do trabalho, da justiça, e da verdade.

Ninguém o teve maior do que esse Pasteur, o Mestre de Oswaldo, que, commemorando, na Academia Francesa, a obra e a santidade humana de Littré, dizia, em palavras de uma transparencia immaculada: "A grandeza das acções humanas se mede pela inspiração, que lhes deu o Ser. Feliz de quem traz em si um Deus, um ideal de belleza, e lhe obedece: ideal de arte, ideal de sciencia, ideal da patria, ideal das virtudes do Evangelho. São esses os mananciaes vivos dos grandes pensamentos e das grandes acções. Todas ellas, todos elles se aluminam dos reflexos do infinito".

RUY BARBOSA



UMA AMIZADE TRADICIONAL

BRASIL-ESTADOS UNIDOS

1822-1916

IX

PROPOSIÇÃO DE NOVO ACCÔRDO DE PAZ, AMIZADE
SOBRETUDO DE COMMERCIO
(1851)

Desembaraçado da letra dos primeiros tratados, cuidou o Brasil de seguir uma política de reciprocidade com todas as nações, sem se prender por nenhum texto convencional.

Queria ter mãos livres. Paiz novo, precisava tel-as, para sua melhor orientação no commercio mundial.

Dous decretos do anno de 1844 tinham adoptado essa politica.

O primeiro, de 20 de Julho, determinou que "as embarcações das nações que cobrassem, sobre navios brasileiros, ancoragem ou quaesquer outros direitos de porto maiores do que pagavam seus proprios navios, ficariam sujeitas, nos nossos portos, a mais um terço da ancoragem estabelecida". O segundo, de 12 de Agosto, preceituou que "um direito differencial fosse tambem arrecadado nas alfandegas do Imperio sobre as mercadorias importadas em navios daquellas nações que cobrassem, sobre quaesquer generos importados em seus portos, em navios brasileiros, maiores direitos do que se fossem importados em seus proprios navios".

Explicou o Ministro de Estrangeiros do Imperio, Antonio Paulino Limpo de Abreu:

- " Estes dous decretos tinham por fim proteger a marinha
- " mercante do Imperio, obrigando por um systema de repres-
- " salias a cessarem contra ella, nos portos das nações estran-
- " geiras, os direitos differenciaes que lhe tiravam a faculda-
- " de de poder concorrer, no mesmo pé de egualdade, com os



“ navios daquellas nações. A reciprocidade que ahi se exige
“ não consiste em que cada nação cobre sobre os nossos na-
“ vios o mesmo que cobramos sobre os della; mas, sim, que
“ cobre sobre os nossos navios o mesmo que sobre os seus,
“ por isso que nós cobramos sobre os seus o mesmo que sobre
“ os nossos.”

Já era, então, grande a nossa exportação para os Estados-Unidos da America. Do nosso café figurava como o principal consumidor. Recebeu-se então, que, na falta de previo accordo, fossem os carregamentos brasileiros obrigados a pagar um direito differencial de 20 0/0, instituido por lei do Congresso dos Estados Unidos, de 24 de Maio de 1828, quando não houvesse reciprocidade. Dahi nossa Legação em Washington, ser habilitada a negociar uma troca de reversaes “que assegurassem, para os dois paizes, os principios liberaes comprehendidos nos dois decretos de 1844”.

Correspondendo, inteiramente, aos desejos brasileiros, o Governo Americano, o qual declarou e ordenou na Proclamação Polk, de 2 de Novembro de 1847, “que todas as leis impondo direitos differenciaes de tonelagem e imposto, dentro dos Estados-Unidos, ficassem e continuassem suspensas e sem vigor relativamente aos navios do Brasil e aos productos, manufacturas e mercadorias importados pelos mesmos Estados-Unidos, quer de procedencia do Brasil, quer de qualquer outro paiz estrangeiro; e a dita suspensão teria effeito desde o dia acima mencionado e continuaria por todo o tempo que da parte do Governo do Brasil continuasse a reciproca isenção dos navios dos Estados-Unidos, e dos productos, manufacturas e mercadorias importadas, no Brasil, pelos mesmos como ficava dito” (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1848, pag. 11).

Nesse regimen viviam os dois paizes quando em 1849, sendo ministro, no Rio de Janeiro, David Tod, propoz o Governo de Washington a assignatura de um tratado de Commercio e navegação, paz e amizade com o Brasil sob as bases, mediante ligeiras alterações, do de 12 de Dezembro de 1828.

Escreveu em sua nota de apresentação, a 13 de Agosto de 1849, o ministro americano:

“ O abaixo assignado, acredita ser este objecto de grande
“ de interesse para ambos os governos. Para seprehender
“ com successo o commercio entre os Estados-Unidos e o Brasil,
“ é necessario dispôr de um grande capital, e, para proseguir nelle,
“ com vantagem para os cidadãos e subditos dos dois paizes, devem ser
“ pequenos os lucros: este fim sómente se poderá conseguir por
“ meio de uma concorrência salutar. E nada tenderá tanto a
“ induzir os capitalistas, a empregar-se neste commercio, e a
“ fazer apparecer aquella
“ concorrência, do que collocar as relações commerciaes so-

“ bre bases permanentes, por meio de um tratado de commercio. O Secretário desta Legação, que acaba de voltar dos Estados-Unidos, como V. Ex. sabe, assegurou, ao abaixo assignado, que os negociantes americanos, que commerciam com o Brasil, dão grande importancia a um tratado de commercio. Elles estão satisfeitos com os regulamentos geraes ora em vigor, e muito se regosijam de saber que existirá amizade e boa intelligencia entre os dois Governos e povos, desejando, porém, ardentemente, que se tornem permanentes estas boas relações.

“ O abaixo assignado não conta ficar ainda por muito tempo junto ao Governo de S. M., porém, posto tenha sido curta sua residencia nesta Côrte, sempre se interessará vivamente pela paz e prosperidade do Imperio do Brasil. Concordando com o Governo e o povo de seu paiz, na opinião de que traria incalculaveis beneficios para os Estados-Unidos e o Brasil, um tratado que regularisasse as relações commerciaes entre as duas grandes nações americanas, e reiterasse o protesto feito mutuamente e ao mundo, de que paz e amizade existisse, e continuaria sempre a existir entre ellas, o abaixo assignado manifesta a esperanza de que V. Ex. convirá em que é chegada a epoca de obrar, e de que se lhe proporcione a grande satisfação de levar a effeito, por parte dos Estados-Unidos, um objecto tão importante e desejado.”

Excusou-se, porém, o Governo Imperial ao solicitado. Havia paz mais firme, que a que unia os brasileiros aos americanos? Sofriam, acaso, os interesses da grande Republica de Washington?

Para justificar a excusa recorreu o Governo Brasileiro ao seu Conselho de Estado. O Conselho de Estado era o gremio dos velhos, por cuja voz jámais falou a inexperiencia.

A sabedoria daquelles homens austeros, fundadores da independencia, raro se enganava. Em consulta de 27 de Novembro de 1850, disseram Antonio Lumo de Abreu, Honório Hermeto Carneiro Leão e Caetano Maria Lopes Gama quaes os motivos da abstenção Imperial. Ainda soavam aos seus ouvidos os agravos da independencia. Paiz como o Brasil, que se fizera na defensiva permanentemente contra o forasteiro, havia de procurar resguardar-se sempre contra as sorpresas do destino.

“ Com que fim iria hoje o Governo de V. M. Imperial, perguntaram, resuscitar a politica dos tratados, cujo ensaio, logo depois da sua emancipação, tão funesto foi aos interesses do Paiz? E' uma triste verdade que, logo que o Brasil proclamou a sua independencia, ou fosse por conselho proprio, ou por suggestão da diplomacia estrangeira, o Gover-

“ no Imperial apressou-se a celebrar tratados de commercio e navegação com diversas potencias da Europa. O instincto nacional pronunciou-se contra taes actos, e não faltaram ao Governo do Brasil motivos para arrepende-se, em não poucas occasiões dos empenhos que contrahira nessa epoca, sendo, talvez, induzido a isto pela consideração de obter mais facilmente o reconhecimento da independencia, ou pela conveniencia de firmal-a.”

Accrescia que nada soffriam, antes progrediam sempre, com a falta de um tratado, as relações americano-brasileiras.

Com a estatística em mãos, os conselheiros de estado vinham á conclusão de que “o commercio americano não tinha deixado de desenvolver e prosperar, mediante a politica liberal e esclarecida do Governo Imperial, aliás completamente desembaraçada da peia de tratados”.

Isso parecia tanto mais logico, quanto a reciprocidade promettida jámais existiria de facto.

“E’ notorio, consignava a consulta, que os portos do Brasil são frequentados todos os annos por um grande numero de navios dos Estados-Unidos, carregados de productos daquelle e de outros paizes, e que no Brasil residem muitos cidadãos daqueilles Estados no exercicio do commercio, e de outras industrias e profissões. Entretanto raro é o navio brasileiro que se dirige aos portos da União Americana, e poucos (se alguns ha) são os subditos brasileiros que ahi residem empregados no commercio ou no exercicio de alguma outra industria ou profissão. A diversidade destas circumstancias estabelece portanto, contra a reciprocidade escripta, a desigualdade effectiva e real na applicação das concessões que se fizeram em qualquer tratado que o Brasil celebre, ou seja com os Estados-Unidos, ou com outro qualquer paiz que tiver uma navegação e um commercio de muito maior extensão e desenvolvimento. Neste caso estão, incontestavelmente, o commercio e a navegação dos Estados-Unidos comparados com os do Brasil.”

A juizo do Conselho de Estado, melhor parecia, portanto, “adiando a questão de tratados, recorrer a outros meios de que não fossem facéis os abusos e que não sacrificassem o futuro do paiz”.

Não esqueciam os signatarios do parecer que o Imperio acabava de negar igual favor á Grã-Bretanha. (Archivos do Ministerio das Relações Exteriores, Conselho de Estado, Consultas do anno de 1850).

Foi abundando neste sentido, então reservado, que respondeu o Governo Imperial á Legação Americana.

“O Sr. Tod, escreveu Paulino de Souza, a 22 de Abril de 1851, durante sua permanencia neste paiz, deve ter conhecido quanto é o-



licito o Governo Imperial em fazer participantes todos os estrangeiros que chegam ao Brasil, ou nelle residem, de todos os favores e protecção de que gozam os proprios nacionaes nas suas pessoas e propriedades, e nenhum dos artigos do tratado proposto vem estabelecer doutrina sobre a qual não tenham já providenciado convenientemente a constituição do Estado, as leis organicas e regulamentos que a explicam e desenvolvem.

E, se sobre algum ponto fôr necessario mais alguma providencia ou desenvolvimento, o Governo Imperial pelo seu proprio interesse, e pelos principios largos e liberaes de sua politica, nunca se recusaria a adoptar as medidas convenientes. Nem os Estados-Unidos, nem o Sr. Tod se queixam da falta de favores e protecção, posto tenham cessado as estipulações do Tratado de 1828. Se as leis fundamentaes e regulamentares do Imperio são, além de permanentes, garantidoras dos direitos pessoas e propriedades do estrangeiro, e lhes são applicadas; se as suas disposições são mais desenvolvidas e completas do que as bases geraes contidas no tratado offerecido, não vê o abaixo assignado necessidade de assignar essas bases em um tratado temporario e transitório".

Não minguava razão ao Governo Imperial. Se o fim do tratado era estabelecer a reciprocidade commercial, não era ella obtida sem nenhum tratado expresso, mediante a simples applicação do regimen vigente, no qual os navios americanos, que frequentavam os portos do Brasil, "tanto pelo que pertencia aos impostos sobre navegação, como aos direitos de alfandega" eram tratados como os nacionaes? "Se as circumstancias, concluiu o Ministro Brasileiro, exigissem mudança de marcha e a adopção de estipulações mais positivas, o Governo do Brasil não hesitaria em dirigir-se á mais poderosa nação americana, da qual tinha recebido não equivocas, provas de consideração e sympathia". (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1851, pag. 34).

NAVEGAÇÃO DOS RIOS (1853)

A navegação do Amazonas ia provar que essas mostras de consideração e sympathia não eram vãs por parte do Governo dos Estados-Unidos da America.

E' sabido que, antes de ser o grande rio aberto pelo Brasil ao commercio de todas as bandeiras (Decretos nos. 3.749 e 3.920, de 7 de Dezembro de 1866 e 31 de Julho de 1867) foi essa abertura objecto de continuados desejos e reclamações por parte de alguns paizes.

Entre estes figurou, desde cedo, a Republica Americana.

A politica conservadora do Imperio é de louvar-se pelo cuidado e sabedoria com que resolveu a grave questão. Mesmo dentro de nos-



nas fronteiras houve pedidos em favor de uma abertura que a voz contraria, mal informada contra o Brasil, reclamou sempre com pertinácia.

"A abertura do Amazonas, disse a 3 de Junho de 1864 no Senado brasileiro, o Senador Pimenta Bueno, importa um systema inteiro, complexo e muito valioso... E' preciso abrir o Amazonas, mas antes de abrir-o é preciso assentar com previsão e intelligencia nas grandes condições dessa transcendente questão".

Desde cedo quizeram varios cidadãos norte-americanos subir o Amazonas. A' Camara dos Deputados do Brasil foi em 1826, apresentada petição de navegação, que, não sendo accета, deu lugar mais tarde, em tempo do Ministro Henry Wise, a 17 de Novembro de 1845, a um pedido de indemnização. Em Junho de 1850 insistio o Secretario dos Estados-Unidos junto ao Governo Imperial pela abertura do Amazonas, cujas despesas de exploração correriam por conta da União. Em Outubro essa insistencia se fez mais precisa pelo orgam de Webster, sendo de então em diante continuamente interpellada nesse sentido e Legação Imperial em Washington.

Era natural o desejo forasteiro de devassar o Amazonas. Em New-York as bellezas do grande rio descreviam-se de maneira exagerada, e uma dessas descripções, a do tenente Maury, correndo impressa pelos Estados da Confederação, poz em sobresalto as imaginações. De 1853 em diante fundam-se na grande metropole varias companhias exploradoras, uma das quaes, a **Amazon Steam Ship Company** chegou a registrar seu contracto e a annunciar a partida do vapor **Tenobscot**. Avalie-se por este trecho do tenente Herndon sobre o Brasil de como andavam as imaginações: "Cuyabá est au centre de la région aurifère de ce pays superbe. On y trouve de l'or en veine, entre des pierres, dans les fonds des ruisseaux, et en petits grains à fleur de terre: à la suite de chaque pluie, les esclaves et les petits enfants courent le ramasser dans les boues des rues de la ville. Dans la région diamantine, il est certain qu'on trouve des diamants mêlés à la terre, comme on trouve l'or dans les excavations de Californie. Selon Castelnau, un homme, en voulant ficher un pied en terre, trouva un diamant de neuf carats. Quelquefois on trouve des diamants dans le gosier des petits oiseaux". (Voir Charles Reybaud, **Le Brésil**, 1856, pag. 165).

Pretendendo a navegação do rio Amazonas, claro é que a queriam os Estados-Unidos de inteiro accordo commosco. Deve-se dizer que o Governo americano foi solícito sempre em desapprovar e impedir quaesquer expedições que visavam subir o rio. Não houve reclamação nossa nesse sentido que não fosse logo satisfeita. De uma feita, annunciada uma expedição flibusteira, deu della rebate ás autoridades americanas nosso Ministro em Washington, Francisco Ignacio de Carvalho Moreira.



"O abaixo assignado, escreveu em resposta Marcy, Secretario de Estado, a 23 de Setembro de 1853, não nega que os cidadãos intelligentes e emprehendedores deste paiz deviam ha muito tempo estar convencidos das vantagens que trariam ao commercio geral a navegação do Amazonas e seus tributarios. Esta convicção pôde ter corrido para induzir alguns delles a quererem ser os primeiros nessa empresa. O abaixo assignado não pôde comtudo presumir que elles levem isso a effeito com violação das leis do Brasil, sabendo que nunca receberiam apoio deste Governo em uma empresa que importa o desrespeito dos direitos daquella potencia. Se, entretanto, contra sua justa expectativa, tiverem a temeridade de assim proceder, podem contar que incorrerão nas penas que as leis prescrevem". (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1854, annexo D, pag. 6).

Mas o pedido formal para a abertura do Amazonas foi feito em 31 de Outubro de 1853, pelo Ministro W. Trousdale, ao Gabinete de Sam Christovam.

Allegou então o representante americano que, além de interessar ao mundo em geral, essa abertura dizia muito particularmente respeito aos cidadãos americanos cujo commercio com varios paizes, situados na parte superior do rio, já não era pequeno. O argumento principal da Nota era este: "os barcos americanos não derivavam o direito de navegar o Amazonas de nenhum tratado, e só o pretendiam como um direito natural como tinham o de navegar o oceano, direito autorizado pelo Congresso de Vienna com algumas restricções que os paizes ribeirinhos podiam necessariamente fazer".

Tal doutrina não podia acceitar, e nunca acceitou, a Chancellaria Imperial. No Brasil era de longa data a regra de que o Estado tem soberania sobre o trecho de rio que atravessa seu territorio, podendo, por isso, o ribeirinho inferior "negar o transito ao ribeirinho superior, desde que este não se conformasse com as clausulas, que julgasse com razão, necessarias á sua segurança". (Ver Rio Branco, Notas a Schneider, 1871, 1, pag. 84).

Principio vital para o Imperio, sustentavam-no tambem varios tratadistas como Philimore e Hall, segundo os quaes "aos Estados possuidores do curso inferior de um rio é licito exercer todas as faculdades de unico possuidor e, tambem, o direito de fechar e abrir as suas aguas". (Ver Clovis Bevilacqua, *Direito Internacional Publico*, etc., cit., 1, pag. 281).

A nota com que o Ministro de Estrangeiros do Brasil, Antonio Paulino Limpo de Abreu, Visconde de Abaeté, refutou as allegações americanas tem a data de 13 de Setembro de 1854. Foi classificada de luminosa e ficou celebre entre quantas discorrem estes themas. Não



podia o Imperio; a seu ver, estar de accordo com a nova doutrina segundo a qual se assemelhava o Amazonas ao Oceano.

Della jámais se tinham prevalecido os Estados-Unidos nas questões que sustentaram sobre a navegação do S. Lourenço e do Mississipi com a Hespanha e a Grã-Bretanha, não obstante serem, a esse tempo, ribeirinhos. Como, aliás, assemelhar ao Oceano o Amazonas quando o Brasil delle possuía as margens na vasta extensão de 480 leguas, desde a foz até Tabatinga, limite do Imperio? Quando, assaz largo em varios pontos, tinha logares estreitos onde uma só fortaleza podia impedir a passagem, e a navegação não se fazia sem o respectivo uso de suas margens? Quando o Brasil possuía tudo quanto, segundo os principios recebidos, servia para provar sua soberania sobre as aguas do rio? "Sendo o Oceano indispensavel ao commercio do mundo inteiro, rematou Limpo de Abreu, nas mesmas circunstancias se não achava o Amazonas; ainda que seu extenso valle, quando convenientemente povoado, pudesse dar vasto alimento ao commercio das nações, era então quasi inteiramente deserto, e de nenhum interesse e vantagem para as nações que não eram ribeirinhas".

Escreveu nesse documento famoso o Ministro de Estrangeiros do Imperio:

" A grande parte do valle do Amazonas que pertence ao
" Brasil contem duas provincias, a do Pará na foz, e a do Ama-
" zonas no interior. Para o commercio da provincia do Pará é
" sufficiente o porto da cidade de Belem, aberto a todas as
" nações estrangeiras. A população da provincia do Amazonas
" não excede de trinta mil almas, e sendo em grande parte
" da raça indigena, dá escasso consumo aos productos da in-
" dustria estrangeira, e, por isso, não sente necessidade de um
" commercio directo com as nações productoras. Menos popu-
" loso ainda é o departamento de Maynas, pertencente ao Perú,
" que occupa a parte superior do Amazonas. A população desta
" Republica que póde alimentar o commercio estrangeiro, está
" separada do valle do Amazonas pelos Andes, e o caminho
" natural para os seus supprimentos, quer no presente, quer
" no futuro, será sempre o Pacifico. Os territorios occupados
" pela Republica de Venezuela, Nova Granada e Equador, que
" tem affluentes que desaguam no Amazonas, são escassamen-
" te habitados. Os centros das principaes cidades e povoações
" dessas Republicas, nunca poderão ser vantajosamente suppri-
" dos pela navegação do Amazonas. Ainda quando ella fosse
" aberta ao commercio do mundo, continuariam a ser suppridos
" exclusivamente pela navegação do Atlantico e Pacifico. Além
" disso, os affluentes do Amazonas que passam por esses ter-
" ritorios e que podem ser navegados, não serão jámais senão

“ por embarcações de pequeno porte, incapazes de navegar no
“ Oceano, e boa parte delles precisa de obras e trabalhos hi-
“ draulicos destinados a facilitar essa mesma navegação. Todas
“ essas circumstancias demonstram que na actualidade não
“ existem grandes interesses dos Estados Unidos, nem de ne-
“ nhuma outra nação, que possam servir de pretexto á preten-
“ ção immediata de navegar o Amazonas.”

Por esse mesmo tempo teve pretensão igual a Grã-Bretanha. E tal foi a segurança da argumentação Brasileira, que Lord Clarendon declarou ao Governo dos Estados Unidos “que não renovaria instancias para a abertura do Amazonas que não fosse feita por muito livre determinação do Governo Brasileiro”.

Tambem não insistio o Governo de Washington. Poucos annos depois, em 1867, realizava o Brasil a abertura, de accordo com os principios de direito internacional e os dictames de sua segurança. Escreveu Abaeté ás Camaras em 1867:

“ O desejo de dar impulso á colonização do Amazonas, de
“ desenvolver os recursos da nova provincia e de assegurar
“ mais o progresso daquellas regiões, mediante a cooperação
“ dos Governos vizinhos, induziu o Governo Imperial a promo-
“ ver negociações com o Perú, a Venezuela e Nova Granada
“ para conceder-lhes a livre navegação que fora vedada rigo-
“ rosamente pelos antigos tratados de 1750 e 1777, entre Hes-
“ panha e Portugal, e que o Governo Imperial tem sempre sus-
“ tentado que só pôde ser concedido por convenção especial.”

Aliás em assumpto de navegação de rios só devia receber enco- mios a politica brasileira. Mais ou menos ao tempo, um escriptor, es- tudando estas materias reivindicou para ella “a gloria de haver lan- gado no Novo Mundo, as bases do moderno direito publico relativo á livre navegação dos rios, dando largas dessa fórma ao desenvolvimen- to do commercio, das industrias, e civilisação” (Convenção prelimi- nar de paz, de 27 de Agosto de 1828, entre o Imperio do Brasil e as Provincias Unidas do Rio da Prata. — Pereira Pinto, *Apontamentos* cit. II, pag. 374). Tambem o tratado de 20 de novembro de 1857, assignado entre o Imperio e a Confederação Argentina, estabeleceu a navegação dos rios Uruguay, Paraná e Paraguay “livre para o com- mercio de todas as nações, desde o Rio da Prata até os portos habili- tados, ou que o forem para esse fim, em cada um dos rios, pelo res- pectivo Estado”.

Em assumpto de navegação de seus rios internacionaes, não foi sempre olhado com justiça o Imperio do Brasil. Entretanto, este foi um dos casos em que sobrelevou, sem mancha, a lealdade de sua di- plomacia. “O que é licito affirmar com justiça, escreveu o maior commentador da lei internacional brasileira, é que o Brasil foi moroso

em celebrar essas convenções e em abrir as suas grandes vias fluviais ao commercio do mundo, attitude que se explica pela desconfiança de um governo monarchico rodeado de republicas, e pela falta de garantias de uma nação fraca deante da cobiça arrogante das Potencias da Europa. Mas, no seu proceder, nada se encontra de contrario ao direito". — (Clovis Bevilacqua, *Direito Internacional Publico* cit., I pag. 298).

Em relação á navegação dos rios convem ainda salientar que duas vezes solicitou a União Americana licença para subir o Prata nos limites com o Brasil, em expedição scientifica, e foi attendida. Foi o caso com o commandante Jefferson Page, do *Water Witch* em 1853, e do cidadão americano Forbes e seus companheiros, em 1858. Apressou-se o Governo Imperial em conceder a licença "pelo desejo que nutria de ser sempre agradavel ao dos Estados-Unidos". (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1854, annexo e, 1855, annexo G. e 1859, annexo J).

Ainda mais: decretada a abertura do Amazonas, entrou em duvida se essa liberdade se estendia aos vasos de guerra. A doutrina brasileira "é que os navios de guerra necessitam de licença para penetrar no territorio nacional remontando os seus rios, ainda que franqueados a navegação geral". Assim, em 1878, foi concedida permissão para que um navio de guerra americano subisse o Amazonas até o Madeira, e, em 1898, para que outro — a canhoneira *Wilmington* — subisse o mesmo rio até Tabatinga, em demanda de Iquitos no Perú. (Clovis Bevilacqua, *Direito Internacional Publico*, cit., I. pag. 293 — Relatorio das Relações Exteriores, 1898, pag. 17).

O sentimento nativista do tempo, exaltando-se por informações mal colhidas, não conseguiu arrefecer as relações entre o Brasil e os Estados-Unidos; e o tempo provou como era infundado.

OLHEMOS PARA O NORTE!

Tal já era a força singular do exemplo americano, que homens e gazetas o apontavam, no Brasil, entre gabos e louvores.

Um delles, Tavares Bastos, espirito liberal, foi o portavoz desses sentimentos:

- " Estou, orou elle a 8 de Julho de 1862, na Camara dos
" Deputados, convencido de que, mesmo sob o ponto de vista
" politico, as relações com os Estados-Unidos da America do
" Norte são aquellas que mais convêm ao Brasil. Devemos culti-
" vallas e desenvolvell-as, sobretudo porque depois da presen-
" te luta — luta gloriosa, porquanto é a da liberdade contra a
" servidão, do progresso contra a barbaria, está reservado á
" grande Republica de Washington um papel incauculavel nos



“ destínos do mundo. Não preciso apontar as razões que prendem o commercio dos dois paizes, as affinidades entre os processos da sua agricultura, entre os seus meios de transporte, entre a constituição moral e material de suas populações...”

Um livro de Tavares Bastos, que a esse tempo, fez sensação, as *Cartas do Solitário* (30 de Março de 1862) havia já tratado o thema.

“ Sou um entusiasta frenetico da Inglaterra, escreveu elle, mas só comprehendo bem a grandeza desse povo quando contemplo a da Republica que fundou na America do Norte. Não basta que estudemos a Inglaterra: E' preciso conhecer os Estados-Unidos. E' deste ultimo paiz justamente que nos póde vir mais experiencia pratica a bem da nossa agricultura, das nossas circumstancias economicas, que têm com as da União a mais viva semelhança... Queremos chegar á Europa? Approximemo-nos dos Estados-Unidos. E' o caminho mais perto, essa linha curva... Eu tambem sou monarchista, e julgo esse governo tão necessario ao Brasil, como a Republica é perfeitamente adequada á constituição social, ás idéas e ás tradições da America do Norte”.

Mas, foi sobre o thema mesmo da abertura de nossos rios que a mais liberal das gazetas do tempo, o *Correio Mercantil*, prestou homenagem á grande Republica de Washington.

“ A alguns espiritos, escreveu elle a 7 de Abril de 1865, tem-se todavia antolhado certo receio pela abertura do Amazonas, especialmente aos americanos a quem imputam tendencias para absorpção da raça latina. Não nos impressionam esses temores. A preponderancia da raça latina com difficuldade póde ser annullada, principalmente na America e a prova é que a União Americana, não obstante ter declarado sua independencia com precedencia a outros povos deste continente, não obstante ser uma nação notavel pela sua energia e actividade, e a despeito de tantos recursos de que dispõe, e que a tornam temida na propria Europa, não tem feito conquistas no Novo Mundo relativamente ao predomínio da raça anglo-americana. Tal é o nosso pensamento acerca desse receio; se porem attender-se a outras circumstancias e a outra ordem de idéas, não se poderá, com fundamento, sustentar qualquer conveniencia que nos faça afastar dos Estados Unidos. Os nossos interesses na America são homogenios, elles consomem em primeira escala o nosso mais importante producto, elles por consequencia devem ser o nosso alliado natural, e, effectivamente, tem procurado com afincio essas relações. Os factos o demonstram: na questão Wise não se fizeram exageradas reclamações, e para modificar o genio impetuoso desse ministro mandou-se ao Brasil um plenipo-

“ tenciario cordato, e conciliador... Por ventura a nossa fórmula de governo se opporia a essa intimidade? Cremos que não.
“ As instituições do Imperio são também democraticas e o elemento monarchico que nellas foi encarnado, dá realce e fortifica o systema que rege o Brasil.

“ Quanto á navegação do Amazonas, a iniciativa da União Americana auxiliará poderosamente o desenvolvimento das industrias e da agricultura, melhorará os seus processos, e estimulará com o exemplo da actividade os habitantes dessas regiões a seguir-os no caminho da civilisação. O colono americano não se assemelha ao colono europeu, aquelle sabe internar-se pelos sertões, vadear, e navegar os rios, dessecar os pantanos e lavrar a terra...”

E eis que nessa atmosphera de tranquilla e mutua amizade, pareceu sobrevir a tempestade. A grande Republica do norte passava pela maior crise que a nenhum paiz foi dado jámais conhecer — a guerra de secessão. O Brasil, por seu turno, e na maior boa fé, se via arrastado para a hora mais grave de sua vida internacional — a luta com o Paraguay.

Entre as difficuldades de ambos, o figado congesto de um homem ensaiou perturbar uma harmonia, que se fizera para a eternidade. Esteve a pique de o conseguir. Os bons fados que zelavam pelos destinos do Brasil e dos Estados-Unidos não dormiram, porém. A ameaça passou; e o mau soffreu o seu castigo.

HELIO LOBO



LIVROS...

MACHADO DE ASSIS — Conferencias
por Alfredo Pujol, na Sociedade de Cul-
tura Artistica — S. Paulo.

O livro excellente em que Alfredo Pujol reuniu as suas conferencias sobre o grande escriptor brasileiro é o maior monumento que até agora foi erigido á memoria do autor de *Braz Cubas*.

Antes d'elle, não faltaram trabalhos diversos sobre Machado de Assis. Os tres mais notaveis são a obra de Sylvio Romero, a de Lafayette, com o pseudonimo de Labieno, respondendo á primeira e a monographia sobre o *humour*, de Alcides Maya.

A obra de Sylvio Romero é um trabalho que não faz honra á sua grande capacidade. Sylvio Romero deixara-se tomar de uma grande paixão por Tobias Barreto, seu conterraneo e amigo. Considerava-o uma figura genial. Irritava-se com o esquecimento em que o via cair, enquanto Machado de Assis continuava a crescer na estima publica. D'aí a ideia de escrever um livro contra este.

Ora, o esquecimento de Tobias é tudo quanto ha de mais justo. Quando os seus ultimos discipulos tiverem desaparecido, ninguem ou quazi ninguem falará mais nele.

Tobias Barreto foi um belo talento poetico. Verbozo, eloquente da eloquencia cheia de imagens, que era tão do gosto da sua geração, juntava a isso uma grande curiosidade scientifica.

Chegou ao Recife na epoca em que estava começando na Europa o movimento de ideias capitaneado na Inglaterra por Darwin e Spencer e na Alemanha por Haeckel. Tobias conhecia o alemão, lia as ultimas produções europeas, quer no dominio das ciencias naturais, quer



no das ciências jurídicas e transmitia tudo isso aos estudantes. Gozava por muitos títulos da simpatia destes: o principal era talvez porque annunciára enfaticamente que nunca reprovaria nenhum...

Bem falante, espirituoso, levando uma vida um pouco bohemia, com exhibições publicas de amôres a atrizes e polemicas ruidosas, os rapazes lhe fizeram uma reputação excessiva.

Poderia ter sido um bom poeta, um bom jurista, um bom filozof — si se tivesse aplicado a qualquer dessas especialidades, em que roçou de leve. No fim de contas, foi apenas um vulgarizador de ideias, que eram então novas.

Nesse particular, prestou serviços importantes ao desenvolvimento intelectual do paiz Houve de facto, um periodo em que o Recife, graças em parte a Tobias, foi o centro de cultura intelectual mais progressista do Brazil. Tobias punha em circulação as ultimas ideias europeas.

Não ha, porém, na sua obra nenhuma doutrina propriamente sua, nada de original, nada que valha a pena. Os seus discipulos ficaram, entretanto, com uma especie de ilusão de ótica: acabaram por endeuzar-lo como si fosse ele que tivesse inventado o evolucionismo, o darwinismo e varias outras couzas, de que Tobias foi apenas o porta-voz. Porta-voz eloquente, que tinha a vantagem de ser ouvido pelos rapazes, exactamente porque os tratava num pé de camaradagem indisciplinada, que, apesar disso ou por isso mesmo, lhe permittia ter sobre eles mais influencia.

Essa influencia se foi apagando, desde que as ideias propagadas por Tobias se tornaram triviaes. E como Tobias nada lhes juntou de proprio, é hoje um nome fadado a desaparecer.

Sylvio não se resignava com isso. Passou a vida empenhado no que lhe parecia uma campanha de justa reivindicação em favor do seu grande amigo. Todos os contemporaneos de Tobias que tiveram mais renome do que ele pareciam a Sylvio adversarios pessoais. Não podia ouvir um elogio a Castro Alves, si não acrescentassem outro a Tobias. E a supremacia de Machado de Assis irritava-o, não só por fazer sombra ao seu grande homem, como porque era difficil conceber dois temperamentos mais antagonicos. Sylvio era injenuo, confiante, exuberante, batalhador. Machado de Assis era, ponto por ponto, o contrario de tudo isso: desconfiado, retraido, timido. O *humour* de



Machado de Assis escapava inteiramente a Sylvio; ele só concebia a alegria clara e ruidosa. Não havia nisso uma opinião literaria; era uma incapacidade intelectual absoluta.

A vista humana só vai na percepção das côres do prisma até o violeta; o ultra-violeta lhe é inacessível. Para a vista intelectual de Sylvio o *humour* era o ultra-violeta de escala do riso: uma vibração debil de mais para o poder impressionar.

Assim, o seu livro não foi sobre Machado de Assis. Foi contra ele. Sylvio escreveu-o, não como um critico sereno, mas como o paladino de Tobias Barreto. Lafayette replicou mas também não o fez como um critico imparcial. Viu na obra de Sylvio uma ocasião excelente para dele se desforrar, vingando velhos agravos. Assim, a verdade é que ambos os contendores tomaram Machado de Assis, menos para assunto de estudos calmos, do que para pretexto — um para abatendo-o, exaltar o amigo, outro para, defendendo-o, atacar o autor dos *Ensaio de Critica Parlamentar*, com quem tinha velhas contas a ajustar.

O estudo de Alcides Maya é uma monografia enjenhoza; mas que não vizava um exame completo da obra de Machado de Assis: pretendia apenas — e realizou aliaz muito bem o seu programma — analisar o humorismo do escritor fluminense.

O livro de Alfredo Pujol é, pois, o primeiro estudo completo sobre Machado. Esse estudo é tão bem feito que permite acompanhar paripassu a vida, o trabalho literario e o meio em que o escritor se moveu.

Quando um critico nos diz que a pajina tantas de certa obra é magnifica e a pajina quantas lhe parece detestavel, deixa-nos geralmente embaraçados, porque não temos diante dos olhos essas pajinas: a leitura de tais apreciações nada nos adianta.

Alfredo Pujol não faz isso. Vai criticando e citando. Resume o livros a que alude e reproduz os trechos carateristicos. Assim, chegando ao fim do seu volume, mesmo quem nunca tenha lido Machado de Assis, estará com uma vizão sumaria da sua obra. E nos resumos, como na escolha das citações, Alfredo Pujol revela o seu admiravel gosto literario, o seu conhecimento profundo e minuciozo do escritor analizado.

Será, porém, mais tarde o seu juizo ratificado pela posteridade?



E' licito duvidar. Todos nós, que frequentamos Machado de Assis, estamos muito perto de sua memoria para poder julga-lo com imparcialidade.

Ele não era uma dessas personalidades irradiantes, cujas qualidades aparecem á primeira vista e que, desde logo, ou se amam ou se detestam. Era retraído e tímido. Pujol cita a frase exata de Constancio Alves: "pouco intimo com os intimos". Quando, porém, alguém se aproximava e observava a sua retidão de carater, a probidade impecavel do seu labor literario, a delicadeza quazi feminina do seu trato, acabava por ser seduzido. Machado de Assis não fazia muitos amigos; mas os que fazia, amigos ficavam para sempre.

Pujol conta-nos a vida do grande escritor. Naceu de gente humilde — o pai era pintor de cazas, a mãe occupada em serviços domesticos do senhorio. Foi sacristão e tipógrafo. Acabou empregado publico.

Parece que nisso se resume a lista dos empregos que lhe deram meios de vida, porque a colaboração em varios jornaes nunca passou de uma ambêga e a edição de todas as suas obras só ao seu editor enriqueceu.

Assim, a sua biografia nada tem de extraordinario.

A condição humilde de que saíra não o envergonhava. Si não aludia a ela mais frequentemente, é porque, em primeiro lugar, nunca houve quem mais praticasse o conselho do poeta: "*ami, cache ta vie et repands ton esprit*" e, sobretudo, a ideia de se servir do seu nascimento, para contraste com o seu indiscutivel principado literario, repugnava-lhe profundamente: ele não queria, por preço nenhum, que o elogio aos seus trabalhos fosse uma especie de compensação á pobreza de sua origem.

Não é, porém, sem uma certa importancia para a apreciação de sua obra literaria lembrar como ele nasceu, como ele viveu sempre em pequenos cargos, sem grandes responsabilidades, e como toda a sua vida se escoou na cidade do Rio de Janeiro, de onde só saiu duas vezes — uma para ir a Petropolis e outra a Nova Friburgo. Assim, a sua mais longa viagem foi a lugar que hoje está apenas situado a duas horas de distancia da Capital do Brazil.

Lutou pela vida, começou modestissimamente e conseguiu subir só pelo esforço do seu talento; mas nunca teve nada de terrivel para superar. Houve mesmo uma compensação aos seus males: cazou-se



cedo com uma senhora estimabilíssima, que amou e por quem foi amado, com a qual viveu na mais admirável concordia durante toda a vida.

De trágico na sua historia só houve a terrível molestia que o assaltou: a epilepsia e nos derradeiros mezes um cancro. Dir-se-á que não foi pouco. Mas tudo isso veio quando o seu carater já estava formado, formado estava o seu estilo, o seu talento de escritor.

O conjunto de sua vida se passou, portanto, sempre num modesto meio termo: sem riqueza, mas sem pobreza; sem altos cargos, mas com a consideração de que gozam funcionarios publicos; sem frequentar a sociedade, de que o excluia principalmente a sua propria timidez e desejo de isolamento, — mas isolamento que não ia até a mizantropia. Não consta que tenha tido aventura de amor. Tudo fez crêr ao contrario que não as devia ter, não só pelo seu temperamento, como pelo ambiente de ventura conjugal em que sempre esteve.

Nessas condições, Machado de Assis, vivendo sempre num circulo restricto, conhecendo muito pouco do mundo, analisando apenas pequenos personagens do pequeno meio em que passou todo o seu tempo e sendo, por indole, um timido, — deixou uma obra de timido; não ha nela nenhuma vibração forte, nenhuma grande criação.

Não é esta a opinião de Alfredo Pujol, que chega em certo ponto a chamar Machado de Assis "artista formidável" e "genio immortal". Ha nisso um exajêro.

Em certa ocasião, Pujol cita um trecho de Alphonse Daudet sobre o prazer que cauzava ao escritor francez a aluzão a qualquer dos tipos literarios, que creara. E realmente esse é o merito supremo do grande escritor de ficção: inventar tipos, que depois possam por si mesmos viver. Don Quichote, Tartarin, o Conselheiro Acacio e tantos outros são criações desse genero. Mas precisamente Machado de Assis não deixou nenhuma em tais condições.

Não podia deixar. Ele era minucioso demais para fazer tipos literarios de tal natureza, que pedem, sobretudo, uma certa generalidade de traços. E' mesmo por isso que os criticos analistas, quando examinam as obras em que estão aquelas criações, declaram, escandalizados, que elas só tem pinceladas fortes e grosseiras — o que aliás é exato. Mas com essas pinceladas se fazem os quadros que se veem de lonje, que todos compreendem e que cada um enche com as mi-



núcias que lhe apraz. Os retratos muito detalhados, a bico de pena, com tracinhos, pontinhos, maravilhas de micrografia, nunca chegam a ficar nitidamente na memória do público. A aparente superficialidade de Daudet, de Cervantes, de Eça de Queiroz, é, no fim de contas, uma superioridade: eles souberam distinguir o geral do particular, o essencial do acessório e guardar apenas o geral e o essencial. Machado de Assis não se resignaria jámais a isso. Ele pintava as pequenas pinceladas, juntava pormenor a pormenor. Não deixou, não podia deixar nenhum "tipo". Os letrados talvez evoquem este ou aquele dos seus personagens; mas nenhum desses personagens sairá jámais das páginas em que foi criado para viver livre e solto, como um Tartarín, um Conselheiro Acácio ou qualquer outra das verdadeiras criações literárias.

Falando do conjunto dos trabalhos de Machado de Assis, Pujol escreve: "E' a reprodução manifesta, nítida, exata, flagrante, da vida de todos os dias, nas suas misérias rasteiras, nas suas contradições, nos seus maus instintos, no seu orgulho, na sua ambição, nas suas alegrias, nas suas tristezas..." Alcides Maya diz também "Não faz paisagens; repete-se a espaços, vacilante no relato; a sua comédia da vida é trivialíssima."

Ora, para dar a misérias rasteiras, e á comédia trivialíssima da vida um destaque de gênio era preciso que Machado de Assis tivesse qualquer nota forte na sua pena. E isso sempre lhe faltou. Ele foi o apóstolo do meio-termo, da moderação, da surdina. Até a José de Alencar — que, esse, sim, era um gênio creador — ele procurou inculcar aquelas virtudes, que lhe pareciam capitais.

Alcides Maya escreve:

"Os efeitos decizivos nascem da naturalidade com que o escritor descreve e suje; é simples, lucido, sardonico, escarnecedor sem ostentação; fare acariciando; sacrifica por entre flôres; esbate a pintura, vela as formas, entenece; porém, o prisma é sempre o mesmo — e sempre os tipos e as ações movem-se e executam-se refranjidos comicamente por uma branda revolta e por uma suave tristeza ironica."

A apreciação é exata. Machado de Assis nunca vai até o fim de uma afirmação. Pujol comenta muito bem, quando diz: "A modestia e a indecizão dos seus conceitos provinham da sua timidez, da sua tristeza conjénita."



Artista consciencioso, Machado de Assis só sabia descrever bem o que via, — o que examinava, segundo diz a expressiva frase popular, com os seus próprios olhos. Mas esse homem que morreu quasi aos 70 anos "só passou pela vida, não viveu". Sua existencia se escoou em uma pequena parte de uma pequena cidade, em um meio acanhadissimo. E as figuras desse meio ele as tratou com a tendencia natural do seu temperamento, propenso á moderação, medroso de tudo o que era forte.

Sterne, o grande humorista, que Pujol cita, Sterne que foi um dos mestres queridos de Machado Assis, dizia que o "homem, que não tem uma especie de afeição por todo o sexo feminino, é incapaz de amar uma só mulher." Machado de Assis, a cuja notoria castidade, na mais pura das vidas conjugais, Araripe Junior fez uma maliciosa embora afetuoza referencia, não podia ser um grande pintor, um grande analista de corações femininos. E' licito até suspeitar que ele nunca soube o que era realmente o amor. O sentimento, que ele teve pela sua dedicada e inteligente companheira de vida, foi antes uma dessas firmes e solidas amizades, sem nenhum grande arroubo e por isso mesmo sem nenhum desfalecimento. O amor é alguma couza de mais intenso.

Em rezumo, si se percorre toda a sua vida não se acha nela uma só paixão forte. A sua existencia, foi como a de alguém que, tendo de atravessar um longo salão em que outros dansassem, jogassem, lutassem, passou, na ponta dos pés, de braço dado com uma companheira querida, roçando-se pelas parédes, procurando não chamar a atenção, e olhando apenas para os que estavam juntinho delas.

Nem ao menos ele podia viver a vida dos outros, provocando confidencias. Sempre foi muito retraido. E, ciozo da propria existencia; detestava os que eram, segundo a sua frase, "derramados". Quando alguém, diante dele, começava a multiplicar as confidencias, Machado achava logo qualquer pretexto delicado para sair, retirar-se. Era como si o quizessem forçar a espiar por um buraco de fechadura: lutava, fugia.

Mas esse homem bom, meigo, brando, retraido tinha uma nota fundamental: o seu pessimismo.

Amor, amizade, ambição, todos os sentimentos humanos — tudo lhe parece vão, falso, destituído de grandeza.



Alcides Maya fala, a proposito de Machado de Assis, em Anthero do Quental. Ambos, de facto, provaram a sinceridade da sua descrença — um, suicidando-se, outro, Machado de Assis, na hora da morte, recusando qualquer auxilio religioso. Mas o pessimismo de Anthero, que se exalou em versos nem sempre muito corretos, teve o merito de ser forte, vibrante, com uma nota tremenda de revolta. O Hino da Manhã é escrito para clarins; si alguém pudesse compôr para ele muzica idonea, essa muzica serviria bem ás destruidoras trombetas do Juizo Final, anunciadas no Apocalypse. Machado de Assis nunca tomaria as liberdades métricas de Anthero do Quental; mas nunca, em compensação, admitiria a sua violencia. Ele foi sempre o homem do meio termo, da surdina, da moderação, da penumbra.

E um dos meios de que se serviu para isso foi a forma humoristica, que tanto empregou.

Tem-se discutido, a perder de vista, o que é o **humour**. Cada um procura descobrir nessa forma literaria misterios e complicações e quanto mais os autores põem nas suas definições ingredientes que se repelem, mais lhes parece que fazem obra superfina.

O bom systema para estudar qualquer fenómeno muito complicado é toma-lo na sua orijem, na sua mais extrema simplicidade, e seguir-lhe a evolução. Ha, portanto, um grande erro de metodo em procurar estudar a essencia e a carateristica do **humour** nas suas formas literarias mais elevadas.

James Sully, no seu excelente **Ensaio sobre o Rizo** mostrou que o **humour** era o termo natural da evolução do rizo, evolução que começa no rizo selvajem, ruidoso, coletivo, sacudindo os corpos em convulsões que parecem de epilepsia — e acaba num sorriso vagamente esboçado, ás vezes imperceptivel. O nosso povo fala expressivamente nos que "**riem para dentro**": é o rizo do **humour**. Por isso, Sully o chama o rizo individual, o rizo do homem só. Pensando, porém, na evolução do comico, o que se nota é o mesmo que na evolução de tantas outras manifestações intellectuais.

Ha um certo numero — um pequeno numero de cauzas de rizo. Nos graus inferiores da civilização, ou nas intelljencias mais incultas, é necessario que essas cauzas sejam fortemente acentuadas, para que os individuos as percebam. Ao passo, porém, que a agudez de observação se vai afinando, já não é preciso pôr em relevo com a



mesma força o que se acha nos fatos de rízel, para que o indivíduo, mais educado, perceba essas circunstancia. O que faz o "espírito" de uma grossa chalaça obscena e de uma finíssima ironia filozofica é, no fim de contas a mesma couza: a mesma inadaptação dos meios aos fins, a mesma não-verificação ou não-satisfação de uma exigencia social, ou qualquer outra das causas habituais do rizo. Mas o homem inculto precisa que lhe mostre claramente onde está essa cauza. E exatamente, porque se tem de acentuar isso muito claramente, a grossa chalaça é acessível ás multidões. A ironia filozofica só pode ser apreendida pelos que possuem a capacidade necessaria afim de bem analisar certas noções elevadas. Por isso mesmo, ela só é apreciada por muito pouca gente.

Dá-se com o rizo o mesmo que com a muzica. O selvagem só percebe o compasso, quando ele é fortemente marcado: o tipo característico da muzica selvagem é o batuque para dansa, brutalmente ritmado. Mas o ouvido educado do compositor moderno distingue perfeitamente, na muzica de Wagner ou de outros autores contemporaneos, harmonias e melodias que escapam aos não-iniciados. E' o que succede ao fino humorista: ele acha nas mais elevadas noções scientificas e filozoficas, nos mais nobres sentimentos da alma humana as contradições, as fraquezas, as inadaptações que os tornam rizeis.

Vale a pena não esquecer nunca que a intelligência humana trabalha com materiais muito pouco variados. Basta-lhe a indução e a dedução; bastam-lhe as associações por semelhança e por contiguidade para fazer toda a arte e toda a ciencia. São, por assim dizer, os tijolos com que ela erije as suas construções: e com a mesma especie de tijolos se pode fazer uma choupana, um palacio, uma escola, uma prisão, um hospital... tudo enfim.

O **humour** é uma manifestação feita com material velho e conhecido. As subtilidades dos escritores, que procuram bordar frases complicadas a respeito dela, não se justificam. Ele é simplesmente uma das variedades do comico, a variedade mais fina, menos acessível ás massas, porque se exerce sobre assuntos que não parecem destinados a fazer rir e se faz em geral como si quem o emprega não tivesse tal intenção.

O tipo do escritor que se dedica ao **humour** é o que o francez chama, com uma expressão muito característica, o **pince-san-rir**. O



chalaceador vulgar diz a jocosidade brutal e é o primeiro a explodir em gargalhadas. O *pince-sans-rire* enuncia uma enormidade, digna de provocar o riso nos que tem a finura bastante para compreendê-la mas faz isso com um tom sizudo, parecendo não sentir, ou pelo menos não acentuando de modo algum o que ha de comico no caso.

Quando se aplica essa forma, não a cazos rasteiros, mas a pôr em relevo o que ha de rizível em altas afirmações filozoficas ou morais, afirmações que para o commum das pessoas são de uma gravidade perfeita e absoluta, tem-se o **humour**.

Si, portanto, se precisasse dar uma definição simples e clara do **humour**, ela talvez podesse ser: o comico, feito com apparencia de seriedade, a proposito das couzas que, em geral, se consideram inteiramente serias.

Si ha quem faça **humour** para moralizar, ou para se vingar da sociedade, ou por qualquer outra razão — tudo isso é acesorio. Um ator pode representar só para ganhar a vida, ou por amor á arte, ou para ser agradável ao autor amigo, ou para conquistar o aplauzo de uma pessoa que elle ama, sem que esses motivos alterem a peça.

Machado de Assis tinha naturalmente de escolher essa forma. Devese mesmo dizer, que, dado o seu temperamento e a sua filosofia, ele não podia deixar de fazer **humour**.

Por um lado, a timidez, o receio de escandalizar, a moderação em tudo. Por outro lado, um pessimismo absoluto, a certeza de que o amor, a amizade, a gratidão, tudo enfim tem taras irremediáveis.

Para exprimir estas opiniões extremas e dissolventes, sem ofender o publico, sem fazer escandalo, só havia o meio que ele escolheu: exprimi-las em tom de gracejo, sem azedume, parecendo não o fazer por mal... As pessoas medrosas, quando dizem insolencias, muitas vezes as dizem desse modo: sem que se saiba bem si o que elas estão dizendo é realmente sério.

Machado de Assis nunca escreveria um artigo anti-clerical. Escreveu, porém, discretas zombarias com as couzas religiosas. E de que nelas não acreditava deu a melhor das provas, recuzando, em plena lucidez, pouco antes de morrer, os socorros da Igreja.

O **humour** foi, portanto, nele, não uma livre escolha, entre varios caminhos igualmente accessíveis; mas uma fatalidade inelutavel. Machado de Assis fez **humour**, coajido a isso, porque, dada a sua



profunda e fundamental honestidade, e dada ao mesmo tempo a sua incurável timidez, ele só podia exprimir o seu pessimismo sob essa forma atenuada.

Mas esse escritor de meios-terminos, de moderação, de timidez — só nunca teve meio-termo nem moderação em uma couza: na sua irreprochável proibidade literaria.

Alfredo Pujol compara-o a Flaubert. Ai o elogio não é só justo, como tambem insufficiente. As obras de Flaubert tinham uma gestação laborioza e ruidosa. Todos os seus amigos sabiam o livro que ele estava preparando. Machado punha nisso como em tudo, a maxima discrição. Tinha tantos cuidados de estilo e composição como Flaubert; mas um pudor maior da sua vida, não só intima mas tambem literaria. Cada um dos seus romances foi uma surpresa para os amigos. O conselho celebre:

*"vingt fois sur le métier remettez votre ouvrage,
polissez-le sans cesse et le repolissez*

— ele o executava ao pé da letra; mas sempre com a sua modestia carateristica: silenciosamente.

Quando se fundou a primeira **Revista Brasileira**, ele era o terror dos revizores. Dizia-se que a média das revizões das suas provas era de dezesete vezes. E acontecia, em geral, uma das duas hipóteses: ou a ultima prova era inteiramente diversa da primeira ou inteiramente disigual. Cansado de mudar, de variar, de procurar o melhor voltava frequentemente ao que primeiro escrevêra.

Foi esse labor paciente do estilo que fez de Machado de Assis um grande escritor. Seu estilo é inconfundível. Puro, correto, claro, todo ele revela o mais impecavel bom gosto.

Machado de Assis leu os classicos e estudou-os minuciosamente; mas não foi para neles pescar termos raros, com que espantasse os seus leitores. Leu-os para educar sua pena.

A nossa literatura é quazi toda de apressados. Como ninguem pode viver exclusivamente das letras, ninguem lhes consagra sinão umas sobras de tempo.

Machado de Assis nunca teve esse ponto de vista. Ser-lhe-ia talvez um suplicio si precisasse viver de literatura, porque assim teria necessidade de produzir mais intensamente. Sem pressa escrevendo por amor á arte, lentamente, pausadamente, lapidou, como um joalheiro, o estilo admiravel que creou.



Pode-se lastimar que não tenha vivido mais intensamente para pôr esse estilo, que é um labor paciente de ourivezaria literaria, ao serviço de creações mais elevadas; mas o seu trabalho impõe o respeito pela probidade, impõe a admiração pela simplicidade, a beieza, a pureza.

E por ai ele é um dos escritores maximos da nossa lingua.

Pode-se talvez dizer, em uma fraze de elogio para o seu estilo, reconhecendo embora a falta de vigor de suas creações, que ele foi o escritor maximo de uma epoca em que não houve escritores maximos.

Ter creado um estilo orijinal e corretissimo; um estilo simples e perfeito, não é, porém, pequeno mérito. Foi o mérito de Machado de Assis. Nenhum homem de letras do seu tempo e da sua terra o igualou e os escritores de todos os tempos poderão sempre aprender com ele aquelas virtudes essenciaes: simplicidade, clareza, correção.

Quando uma pessoa querida lhe perguntou, quazi á hora da morte, si queria que viesse um padre, murmurou: "Não quero... Não creio... Seria uma hipocrizia..."

Sente-se que essa é uma fraze autentica; não foi arranjada para uzo da posteridade. E vê-se nela o mesmo homem descrente, mas polido e hõnesto. Deu a recuza; mas parece ter tido receio da rudez da negação e explicou-lhe os motivos, como si com eles se desculpasse.

Alfredo Pujol pode ter exagerado — e eu creio que exagerou — os meritos de Machado de Assis, chegando a considera-lo um genio; mas a simpatia doce e profunda, que se desprende dessa vida de extrema probidade literaria é tal que melhor se compreendem os exajêros dos louvores que a menor das restrições.

E, de todo modo, o livro de Alfredo Pujol é o mais belo, o mais nobre, o mais piedozo monumento que se podia erijir a Machado de Assis.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE



A EMA

A ema é a avestruz americana, *rhea americana*.

Differe bastante da africana.

Esta, além de ser muito maior, carrega comsigo uma plumagem de grande valor commercial.

A distribuição geographica da ema comprehende as republicas do Sul e o Brasil até o Amazonas.

Foi a ema a ave que primeiro prendeu a attenção do colono portuguez.

Pero de Gandavo na *Historia da Provincia de Sta. Cruz* fez uma curiosa descripção da ema.

Eil-a: "Outras aves tambem nestas partes cujo nome a todos cá é notorio, as quaes ainda que tenham mais officio de animaes terrestres que de aves, pela razão que logo direi, todavia por serem realmente aves de que se pode escrever e terem a mesma semelhança, não deixarei de fazer menção dellas como de cada uma das outras.

Chamão-se emas, as quaes terão tanta carne como um grande carneiro, e têm as pernas tão grandes que são quasi até aos encontros das azas da altura de um homem. O pescoço é muito comprido em extremo e tem a cabeça nem mais nem menos como de pata: são pardas, brancas e pretas e variadas pelo corpo de umas pennas mui formosas que cá entre nós costumão servir nos gorros de chapéus de pessoas galantes e que professão a arte militar.

Estas aves pascem hervas como qualquer outro animal do campo e nunca se levantão da terra, nem voão como as outras, sómente abrem as azas e com ellas vão ferindo o ar ao longo da mesma terra: e assim nunca andão senão em campinas onde se acham desimpedidas de matos e arvoredos, para juntamente poderem correr e voar da maneira que digo".



Era a ema a ave que o viajante mais depressa encontrava nas campinas antigamente. Animal gregario por excellencia, a ema andava aos bandos.

De alguns annos para cá os caçadores de perdizes estamos notando uma assombrosa diminuição de emas nos campos. Onde ha trinta annos as viamos aos bandos de mais de quarenta, hoje quando muito se vêm pares e esses mesmos a grandes distancias, fóra do alcance das mais aperfeigoadas espingardas.

Durante as nossas longas caçadas os encontros com os bandos de emas eram quasi diarios.

Passou esse bom tempo. Hoje é cousa rara encontrar um casal de emas....

Nas nossas narrativas raramente figura um episodio em que appareça a ema.

Na mesma zona das caçadas de perdizes, onde as emas eram numerosas, havia grande numero de equineos bravos, sem dono, que viviam em plena liberdade, como os cavallos selvagens nos steppes da Siberia. Essa cavallhada foi dispersa a tiro, galloppando os perseguidôres, não com o laço na mão, mas com espingarda... Não me achava aqui nesse tempo, mas na Europa; e grande foi o meu pezar, quando ao voltar, encontrei os campos limpos dos seus velozes cavallos. As emas estão com os dias contados na parte septentrional de Minas

Todo caçador mata ema quando apparece ao alcance da sua espingarda; mas isso é difficil porque dotada de vista e olphato primorosos, sabe guardar uma distancia tal, que o tiro seria perdido.

Ir-lhê ao encalço é empresa summamente difficil mesmo para um bom cavalleiro montado em brioso cavallo: a ema teme a approximação de um peão, e apavora-se á vista de um cavalleiro.

O visconde de Porto Seguro dá noticia de gauchos caçando emas a bola.

A diminuição das emas no septentrião mineiro tem uma causa difficil de ser removida sem a acção conjuncta dos governos da União e do Estado. Depois de rigoroso inquerito que abrimos entre caçadores, vaqueiros e moradores das proximidades dos grandes chapadões, chegamos a esta conclusão: a diminuição das emas não provem da acção dos caçadores nem de qualquer molestia; provem,



sim, dos incendios que periodicamente devastam legoas e legoas de campos.

A ema põe grande numero de ovos. O principe Maximiliano, Azara e Darwin falam de ninhos contendo de 20 até 80 ovos. O principe de Wied, que observou o sertão entre Minas e Bahia, assignala o mez de Setembro como o das posturas, e essa observação coincide com a nossa. Ora, precisamente o mez das maiores queimadas é o de Setembro.

Não passa de pura lenda a historia do aceiro que a ema faz ao redor do ninho sacudindo as pennas molhadas de proposito ao sentir o fogo nas proximidades. . . Dos ataques nocturnos dos guarás e das guaranas ella se defende correndo vertiginosamente.

A's raposas que rondam os filhotes a ema dá combate e as afugenta.

Zomba dos cancaens e dos puvas. Mas de nada valem a intelligencia, o faro, a vista e a valentia da ema deante das columnas cerradas do incendio invasor, que annualmente derrama a morte e a desolação nos nossos campos. Nestes ultimos annos os incendios dos campos têm tomado proporções assustadoras. A cidade de Minas Novas está separada da de S. João Baptista por uma zona de noventa kilometros de campos, onde vagamundeavam aves e quadrupedes de toda especie. O anno passado o fogo percorreu toda essa região, que ficou reduzida a cinza. Para onde terão fugido as emas que não foram cercadas e queimadas? E os seus ovos? E os seus filhotes? Tudo deve ter ficado reduzido a nada. . . Eu não quero me desviar do meu assumpto examinando o mal que o fogo produz á terra, ás forragens e ao arvoredo. Fico na ema. E' da acção conjugada da União e do Estado que pode vir o remedio para este caso faunístico.

De posturas municipaes nem se deve falar: são leis escriptas para fazer nos archivos. Incendiar campos de *fazenda de cultura* ou de *criação* é crime inafiançavel; incendiar *mattas* ou *florestas* pertencentes a terceiros ou á nação, também é crime, segundo o Codigo penal vigente. Mas não é crime incendiar campos pertencentes á nação (como são em grande parte os nossos) e a terceiros, que não têm criação.

Convem que a lei abranja todos os casos, aggrave a pena e entregue os julgamentos aos juizes singulares. Se melhorarmos as leis e deixarmos o julgamento dos crimes de incendio ao



jury nada teremos feito de aproveitavel. O jury é uma instituição condemnada, salvo para os crimes politicos.

A ignorancia do nosso povo é crassa. Tudo quanto se tem escripto e se pode escrever sobre os males causados pelos incendios dos campos e das florestas será lido por quem sabe que isso se não deve fazer.

Os incendiarios estão fóra da acção do jornal, do folheto ou do livro. Para elles só ha de efficaz, de comprehensivel — a cadeia ou a penitenciaria.

Os professores nas novas escolas já prégam a bôa doutrina, mas aos meninos das cidades e dos povoados; os das roças continuam a crescer no seio das trevas. E é preciso andar depressa com o remedio, senão passará o tempo e a ave que desapparece deixando um vazio immenso na faunistica brasileira entrará para a historia das especies extinctas, com grande magua dos irmãos de S. Humberto, dos sertanejos e dos viajantes. Já não falo da perda commercial....

O ARACAMBÉ

DUCTI AB ORIGINE MORES
CUIQUE SUA...

(GRATIUS)

Affirma Varnhagen que nos nossos sertões ha *duas raças de cães*, de uma das quaes, chamada em S. Paulo *aracambé*, fazem uso os caipiras em suas *caçadas*.

O capitão Henrique Silva, famoso sertanista, diz que temos no Brasil *uma raça de cães selvagens*, que uma vez encontrou entre os indigenas que vaguejam pelas regiões serranas de Sta. Catharina, não lhe sendo possível observá-la bem.

Dizem que os ha em Goyaz, entre as tribus indigenas. O mesmo capitão Henrique Silva assegura que no Brasil Central ha *uns cãesinhos do matto* semelhantes aos furões portuguezes e aos quaes os paulistas dão o nome de *aracambés*.

São escuros, têm muito faro e perseguem tenazmente os pequenos animaes.

O conselheiro Bento F. de Paula Souza diz que esses animaes são refractarios ao captiveiro.



Não consta que alguém os tenha apanhado e conservado em casa. São peritos caçadores e exercem esse mister em bandos, que se suppõe ser a família. São tenazes na perseguição de pequenas caças, — coelhos, cutias e até veados. Quando atropellam a caça têm um como que latido soluçado, que lhes sae do fundo da garganta, aspirado fortemente, e que os denuncia ao longe. São cães com todos os característicos da especie. O facto de não latirem é característico das especies selvagens, como observa Brehen. Até aqui Paula Souza.

O capitão Henrique Silva accrescenta: "Há poucos annos viajando em Goyaz, ao atravessar uma bocaina de matta, topei com um *catigueiro* perseguido por tres desses curiosos animaesinhos, que passaram sem dar fé de minha presença, tão afineados iam no rasto do veado, que com a lingua pendente levava a alma pela bocca."

Os cães selvagens que o capitão Henrique Silva encontrou entre tribus indigenas na região serrana de Sta. Catharina devem ser descendentes de antigos cães domesticados.

Em um condado de Inglaterra, refere o Visconde de Hédonville na traducção da obra de James Dalziel Dougall, a pagina 90, que "*une chienne dont en avait régulièrement noyé tous les petits plusieurs fois, un beau jour disparut, et l'on découvrit qu'elle était allée déposer de nouveaux petits dans une caverne inaccessible; ces jeunes chiens s'élevèrent tout seuls et devinrent sauvages comme des renards.*"

No Rio Grande do Sul, diz Ayres de Casal, os cães oriundos da Europa, sobremaneira multiplicados, vivem no campo, onde se sustentam com o resto das charqueadas, sem procurar povoação. Chamam os cães *chimarrões*. Faltando-lhes o alimento, logo que cessa a matança do gado, ajuntam-se em numerosas matilhas, procuram o que pastar e cercando uma rez perseguem-na teimosamente até que o animal, cahindo fatigado é por elles devorado em poucas horas. Um cavalleiro corre risco no campo, quando elles andam famintos.

O capitão Henrique Silva confessa que não observou bem os cães selvagens de Sta. Catharina...

A origem do cão domestico é ainda hypothetica. Para alguns naturalistas o seu antecessor seria o lobo; para outros, a raposa e o chacal. O sabio G. de Mortillet escreveu na sua *Origine de la chasse, de la pêche et de la domestication des ani-*



maux, que nossos cães têm uma origem multipla. Isto parece demonstrado pela existencia das raças especiaes encontradas na America antes da conquista.

Como é que poderíamos attribuir os mesmos antepassados immediatos aos cães domesticos dos dois continentes, que não se communicam entre si?

No antigo continente existe ao menos um cão domestico cuja origem conhecemos com segurança, é o grande galgo do Egypto, que já figurava nos monumentos erigidos 4.000 annos antes de Christo. Este grande galgo é certamente o producto da domesticação do *Canis simensis*, cão selvagem do mesmo aspecto e que ainda em nossos dias habita a Abyssinia e grande parte do interior da Africa.

Nas catacumbas peruvianas, anteriores á conquista hespanhola, o cão dos Incas muitas vezes é encontrado junto das mumias. Verificou-se que quando foram descobertas as ilhas Fortunadas os seus habitantes alimentavam grandes cães, cujo numero deu ao archipelago o nome que ainda conserva de Ilha dos Cães, *Canarias*. Vi em Las Palmas, Capital dellas, no adro da principal Igreja, duzias de estatuas de cachorros.....

O que é certo é que no Brasil só poucos caçadores e raros sertanistas falam do cão selvagem que se tem domesticado.

Os sabios naturalistas, como Lund, os principes Maximiliano e Neuviéd, não nos dão noticia desses cães.

Da existencia do *aracambé* sim, podemos estar seguros. Coincide com a noticia de caçadores da envergadura de Paula Souza a descripção dos naturalistas. Creio que o *aracambé* é o *canis vetulus de Lund*.

Este animal é verdadeiramente um cão e não uma raposa, porque as suas pupillas permanecem sempre redondas apezar da luz intensa que se possa projectar sobre ellas.

O dr. Lund, que viveu muitos annos na Lagoa Santa, possuiu um *aracambé* que foi assim descripto pelo glorioso sabio:

"No anno de 1840 trouxeram-me um cão novo desta especie. Teria tres semanas de idade. Rapidamente se domesticou ⁽¹⁾.
dade.

(1) Isto contradiz o que affirmou Paula Souza, que o "*aracambé*" era inimigo do captiveiro.



Acompanhava-me por toda parte e bem depressa se fez amigo dos meus vizinhos com quem brincava muito. Durante a noite ficava tranquillo; mas de manhã e á tarde mostrava grande activi-

Comia bem todos os alimentos de origem animal, tanto cru's como cozidos. Apanhava os ratos e os grandes insectos, que comia com avidez.

Corajoso, não temia os animaes, ainda grandes. Quando viu pela primeira vez um cão ouriçou-se todo e rosnou; mas pouco depois era amigo d'elle e juntos brincavam. Dahi por diante procurava os cães sem o menor temor. Estes é que se mostravam desconfiados. A sua marcha era rapida como a do gato.

No fim de pouco tempo adquiriu todos os modos do cão domestico. Era muito affavel com a gente branca e bem vestida, e suspeito com a gente preta e mal amanhada. Toda sua dogura e familiaridade desappareciam desde que apanhasse uma presa.

Então a vigiava rosnando e não consentia que alguém se aproximasse della.

Um dia um caçador trouxe-me um velho veado galheiro e o deixou na rua, á entrada da minha casa. Logo o meu chacal (1) o descobriu e lançou-se sobre elle furiosamente, lambendo o sangue das feridas.

Ninguem podia retirar d'alli o veado, tal era a sua furia." A sua côr é cinzenta parda. E. Liais na sua *Faune du Brésil* é de opinião que este animal tem muita affinidade com o chacal por causa dos seus habitos. Estes cães são diurnos, mas gostam de sair á caça nas noites de luar. Tem formas elegantes. Nariz comprido, cabeça pequena e pernas bem lançadas. A cauda é cabelluda. O seto todo é agradável á vista.

Pensa E. Liais que o Principe Neuwied errou tomando este animal por uma raposa do Paraguay, descripta por Azara com o nome de Aguarachay, dando-lhe habitos que pertencem a outra espécie conhecida no Brasil pelo nome de *Cáchorro do Matto*, que é de facto uma verdadeira raposa.

O. canis vetulus de Lund é cinzento-pardo.

Os novos são mais claros.

(1) Lund chamava de chacal o nosso "aracambé". Todos canídeos.



E' preciso não confundir este animal com outro descoberto pelo mesmo Lund, e que foi por elle chamado *Jeticyon venaticus*.

Augusto Goeldi diz que elle é conhecido entre nós por *Cachorro do Matto*.

Não é exacto. O *Cachorro do Matto* é uma verdadeira raposa, conhecida desde longa data. O *Jeticyon venaticus* foi descoberto e classificado em 1841.

Este genero, diz E. Liais, pertence á familia dos cães, mas se distingue dos generos Cão e Raposa e tambem dos generos africanos dos Otociãos e Cynhyenas. O *Jeticyon venaticus* foi classificado somente pelo dr. Lund, que conheceu uma especie. E elle constitue na familia dos Cães um sexto genero inteiramente americano, representado no mundo actual por duas especies, mas tendo deixado restos na fauna fossil do Brasil. Lund deu ao genero em questão o nome de *Jeticion* para exprimir certos caracteres reunidos dos dois generos Cão e Marta e chamou *Jeticyon Venaticus* a especie viva que elle estudou. Parece fóra de duvida a existencia de um cão genuinamente brasileiro — o *Aracambé*.

Minas Novas.

F. BADARO'



VOCABULARIO ANALOGICO

IV

LOCUÇÕES-ADJECTIVAS

1.º -- APRECIATIVAS

A's direitas: "O Siqueira era um marinho ás direitas." Virgílio Varzea, Mares e Campos, 80.

D'alma: "Este sim que é chão d'alma a quanto lhe requeiras." Castilho, Georgicas, 95.

D'antes quebrar que torcer: "Homem de um só parecer, de um só rosto, de uma só fé, d'antes quebrar que torcer." Sá de Miranda.

D'aquellas: "Uma zurrapa d'aquellas." Motta Prego, A Lagoa de Donim, 367.

De aço: "Isto, que era uma corrente contraria e hostil, podia comtudo ser facilmente combatido e vencido pela tenacidade de aço de Antonio de Lencastre." Maria Amalia, Figuras de hoje e de hontem, 28.

De alto bordo: "Cousa de alto bordo, cousa grande, não vulgar: Casamentos de alto bordo." Dicc. de Moraes.

De alto descortino: "Varios espiritos de alto descortino." C. de Laet, Em Minas, 188.

De alto lá com elle: "Um quarto de banho de alto lá com elle que o sr. Fernando mandou arranjar." Motta Prego, A Lagoa de Donim, 22. "Uma fritura de alto lá com ella para o jantar do menino." Ibidem, 36.

De arrojo: "E por isso ha de ter a sua novena de arrojo este anno." Alencar, O Sertanejo, I, 38.

De arromba: "Elle é anexerista d'arromba." F. Manoel de Mello, Feira dos anexins, 119.

De assento: "Homem de assento, — considerado, ponderado, constante." Moraes, Dicc.

De assento e sobremão: "Obra de assento e sobremão." Carneiro Ribeiro, Código Civil, VII.

De auctoridade: "Foi-lhe concedido, com tal, que assistissem áquella funcção muitas testemunhas de auctoridade." M. Bernardes, Os ultimos fins, 392.

De beijo: "Com tanto que até lá não haja alguma legua de beijo." Taunay, Innocencia, 114.

De bem: Homem de bem, pessoa de bem.

De boa mão: "Porque Gonçalo de Mendoza não devia ser pessoa de boa mão, para lançar á terra uma semente de futuro." Ruy Barbosa, Conferencia no salão da "Prensa".

De cabeceira: "Os seus poetas eram para elle livros de cabeceira." Maria Amalia, Figuras de hoje e de hontem, 40.

Da China: Negocio da China, negocio excellente, que deixa grande lucro.



De circumstancia: "Uma boa **senhora de muita circumstancia.**" Taunay, Innocencia, 50. Causa de circumstancia, causa importante.

De consciencia: Homem de **consciencia.**

De conta: "Pessoa tambem **de conta.**" P.e Vieira, Cartas, I, 337.

De contado: "A dinheiro de **contado,** pago á vista e em moeda corrente." Aulete, Dicc.

De conta, peso e medida: "E' um rapaz de muito futuro no commercio, um **homem de conta, peso e medida.**" Arthur Azevedo, Contos fóra da moda, 97.

Do coração: "Teu amigo do **coração, ou de todo o coração,** ou ex-corde.

De crear bicho: "Bordoada **de crear bicho.**" Castilho, Colloquios, 386.

De Deus: "Não me alembro, Da primavera ter dias
Dum sol, de brilho tamanho
Como este sol de dezembro:
Solzinho de Deus!..."

Bulhão Pato, Livro do Monte, 78.

De eleição: "O poeta chegara a Lisboa, que o acclamava ruidosa, envaldecida de ter entre os seus muros um tal talento **de eleição.**" Maria Amalia, Figuras, 42.

De enche-mão: "Desejos de bens do Ceu, que são solidos e **de enchemão.**" Arraiz, Dialogos, 91.

De escacha: "O pae, tenho eu ouvido que é materialão **d'escacha.**" Cortesão, Subsídios, dicc.

De escacha-pecegueiro: "Alli lhe estive fazendo umas trovas **de escacha-pecegueiro.**" Cortesão, Subsídios dicc.

De escacha-peroba: "Veio Almeida Garrêtt com este argumento **de escacha-peroba.**" Gustavo Penna, Alem dos mares, 37.

De escol: "Aquella natureza **de escol.**" Ruy Barbosa, Dicc. dr. F. de Castro, VI.

De espavento: "Levava o

tardo bruto. Um trem de luzimento; — Xaréis, telizes riscos. E gente **de espavento.**" B. Parapiacaba, Fabulas, 75.

De estado: "Coisa **de estado,** coisa excellente." Dicc. Fig.

De estima: "Não raro ia o menino, tarde da noite, montado no pélo do cavallo **dé estima,** levar ao taberneiro algum sacco de café furtado." Dr. Augusto Silva, A Escrava, 4.

De estimação: "Fui pagar um veado **de estimação,** que fugiu da casa do doutor." D. Olympio, Luzia Homem, 72.

De estouro: "Th!... Banquete **de estouro!** Champanha está fervendo." Allencar, Tronco do Ipê, 151.

De estrondo: "Equivocos **d'estrondo.**" F. Manoel de Mello, Anexins, 138.

De estucha: "Até as compotas, que ficaram **de estucha.**" Fialho, A Cidade, 154.

De examinação: "Obra **de examinação,** obra prima, trabalho esmerado que faz o aprendiz para passar a mestre." Aulete, Dicc.

De excepção: "Quanto era preciso que essa mulher tivesse um talento **de excepção,** para que este fizesse esquecer a sua figura vulgar." Maria Amalia, Figuras, 203.

De fantasia: Objecto de **fantasia,** letra de **fantasia.**

De ferro: "Mas uma vontade **de ferro** conteve aquelle primeiro impulso." Alex. Herc., O Bobo, 135.

De folego: Obra **de folego,** de largo **folego.**

De fonte limpa: Noticia de **fonte limpa.**

De força: Escriptor de **força,** argumentador **de força.**

De futuro: Seu filho é um **rapaz de futuro.**

De gala: Dia **de gala,** vestido de **gala.**

De gemma: "Carioca da **gemma.**" Inglez de Souza, Contos amazonicos, 106.

De golpe: "Gatuno **de golpe,** ladrão habil, que, aproveitando ajuntamento de gente ou o descuido de alguém, lhe subtrai •

De agua arriba: "Negocio de agua arriba, difficil, arduo, trabalhoso." Aulete, Dicc.

De agua morna: "Como hoje os nossos legisladores de agua-morna nos afogam em leis francezas." Herculano, Monge de Cister, II, 7.

De algibeira: "Tinha o frade e o bacharel na conta de dois rabulas, lardeados de sabença de orelha e latim de algibeira." Alencar, Garatuja, 18. Pergunta de algibeira.

De arribação: "Não quero graças com você, medico de arribação!" Taunay, Innocencia, 201.

De assobio: "Poeta de assobio; poeta falto de engenho, e mero versificador." Moraes, Dicc.

Do arco da velha: Cousas do arco da velha, cousas extravagantes.

Da breca: Conforme o Dicc. de Moraes: "Da breca; diz-se de cousas desagradaveis, incommodas: faz um vento, uma chuva, um sol da breca." Usa-se tambem a fórma levado da breca ou levado da carepa: rapaz levado da breca ou levado da carepa.

De baixa esteira: "De um Tenorio servil de baixa esteira." G. Junqueiro, D. João, 263.

De baixa estofa: "Picadores de baixa estofa." Camillo, Demônio de Ouro, II, 129.

De barata: "Ella não tinha sangue de barata para aturar tanto desaforo." A. Arinos, Feiticeira.

De boneca: A Josepha tem cara de boneca.

De borra: "Perguntem-lhe lá a esse aprendiz de borra." Castilho, Colloquios, 336.

De bronze: Coração de bronze, alma de bronze, insensíveis, duros.

De cabellinho na venta: Homem de cabellinho na venta, isto é, homem de mau genio.

De cabo de esquadra: "Razões de cabo de esquadra, razões sem valor, insufficientes." Castro Lopes, Anexins, 111.

De cacaracá: "Si vamos encher a avenida de predios de cacaracá, melhor será que nos deixemos de sonhos." Billac, Kosmos, n. 4. Razões de cacaracá, razões de nenhum valor.

De canna rachada: "Voz de canna rachada; voz roufenha, rouquenha, muito desafinada." Moraes, Dicc.

De cantaro: "Alma de cantaro — é a do bonanchão, do que é incapaz de offender. E' a boa alma, talvez do simplorio ou do pobre de espirito." João Ribeiro, Phrases Feitas, I, 91.

De cão: Vida de cão ou de cachorro.

De capa e espada: Diz-se das cousas que por gracejo se querem fazer passar por grandes e graves. Aulete, Dicc.

De carregação: "A desagradavel impressão que deixara na physionomia de Ricardo aquelle acolhimento de carregação que lhe fizera o banqueiro." Alencar, Sonhos d'ouro, I, 207.

De cartapacio: "Prégador de cartapacio." Pina Manique, Ensaio Phraseologico.

De cascas d'alhos: Negocio insignificante. Dicc. Moraes.

De chapa: "Para fazer um radical de estrondo, não ha nada como um ignorante de chapa." Ruy Barbosa, Desorg. do ensino.

Neste mesmo sentido usa-se do adjectivo chapado: "Entra na dança commigo um chapado velhacão, que eu crismei em Don Beltrão." F. Manoel de Mello, Fidalgo Aprendiz, 7.

De chicharro: Alma de chicharro, caracter fraco, sem energia, sem dignidade. Dicc. Moraes.

De contrabando: "Qualquer galan desageitado, um Maximo Odiot de contrabando, ou conde de Camors de carregação." G. Penna, Alem dos Mares, 85.

De cordel: "Poesias de cordel." G. Junqueiro, D. João, 99. "Philologia, barata, de cordel." Pacheco, Gramm., 99.

De cozinha: "Mettia o nariz em tudo, mascava latim de co-

zinha." C. de Figueiredo. Prob. de linguagem, 295.

De crocodilo: Lagrimas de crocodilo, lagrimas falsas, fingidas.

Das duzias: "Lavradorzito das duzias." Castilho, Colloquios, 177.

De diamante: Pecto de diamante, isto é, insensível.

De duas caras: Homem de duas caras, homem sem caracter.

Do diabo: Elle fez cousas do diabo.

Dos diabos: E' um homem dos diabos. Succedeu-me uma dos diabos.

De empreitada: Obra de empreitada, obra mal feita, concluida em pouco tempo; oppõe-se á obra de encomenda.

De escada abaixo: "Em outras ignorancias de escada abaixo." Camillo, Bohemia, 337.

De eternas luminarias: "Coisa de eternas luminarias, coisa muito ridicula e digna de escarneo." Aulete, Dicc.

De faianca: "Soldados briosos, quaes são os Portuguezes, não usam cousas de faianca." Arte de furtar, 71.

De fancaria: "Todo o polido calça, justo, todo, o que calça justo, não admite sapato de fancaria." Arte de furtar, 71.

De farta-velhaco: "Coisa de farta-velhaco, coisa grosseira e abundante." Dicc. de Figueiredo.

De ferro: Coração de ferro; testa de ferro.

De galo: Memoria de galo, memoria fraca.

De industria: Cavalheiro de industria.

De kikiriki: "Afimal só apresentou razões de kikiriki." A. Bessa, Giria Portugueza.

De lana caprina: "Demandas de lana caprina." Arte de furtar, 347.

De lepes: "Café ou botequim de lepes, botequim ordinario." Fig. Dicc.

De letras gordas: "Padre Fr. Isidoro, franciscano de fórmulas athleticas e letras gordas." Her-

culano, Monge de Cister, I, 260.

De levadio: Coisa de levadio, sem segurança, sem fundamento: esperanças de levadio, virtude de levadio, conforme Dicc. de Moraes. Telhado de levadio é o mesmo que de telha van, não emboçado, ou não embocado, como diz o povo.

Da mula russa: "E que saiam a campo esses doutores da mula russa." Garrett, Dona Branca, 41.

De má morte: "Vinhateiro de má morte." Castilho, Colloquios, 178.

De marca: "Coisa ou pessoa de marca, de marca G ou de marca maior, notavel, grande, (toma-se á má parte)." Aulete, Dicc.

De marca d'anzol: "Fulano é um maroto de marca d'anzol." Pina Manique, Ensaio Phraseologico. Ha o canivete marca anzol, que é de qualidade ordinaria.

De mentira: Era elle um jornalista de mentira, não passava disso.

Dé meia cara: "A minha vaidade, ha de tel-a naturalmente descoberto este psychologo de meia cara." Ruy Barbosa, Esfolia da calumnia, XXXI.

De meia tigela: "A mesquinhez de um ou outro sabichão de meia tigela." Garrett, Dona Branca, 14.

De mil demonios: "Foi uma debandada, uma balburdia de mil demonios." V. Varzea, Mares e Campos, 114.

De mil diabos: "Numa faina de mil diabos." V. Varzea, Mares e Campos, 43.

De nada: "Uma turra com o chefe de secção, — cousa de nada." Machado de Assis, Outras Reliquias.

De neve: Coração de neve, coração insensível.

De ninharia: Coisas de ninharia. Ninharia, por si, já exprime coisa de pouco valor.

De nonada: "E' heresia na politica do mundo admittir que um

homemzinho **de nonada** ocupe dois officios, que requerem duas assistencias." Arte de furtar, 263.

De obra grossa: "Tamanqueiro **de obra grossa**." Ruy Barbosa, Replica, 142, n. 289.

De orelha: "Lardeados de sabença **de orelha** e latim de algebeira." Alencar, Garatuja, 18.

Da pá virada: E' um menino da **pá virada**, endiabrado!

Da pelle do diabo: Vae alli um sujeitinho da **pelle do diabo**, ou da **pelle de Judas**.

De pacotilha: "No dizer da princeza **de pacotilha**." Camillo, Bohemia, 232.

De palha: Homem **de palha**, fogo **de palha**.

De palmatoria: "Travacontas **de palmatoria**." Ruy Barbosa, Replica, 154, n. 331. Erro **de palmatoria**.

De palmo: Lingua **de palmo**, ou **de palmo e meio**.

De pau ôco: "Santinho **de pau ôco**." Inglez de Souza, Contos amazonicos, 261.

De pé quebrado: Versos **de pé quebrado**.

De pedra: Coração **de pedra**.

De perna quebrada: "Diga lá dois versos **de perna quebrada**." F. Manoel de Mello, Feira dos anexins, 43.

De pipia: Voz **de pipia**, voz de falsete.

De pouco mais ou menos: Pessoa ou coisa **de pouco mais ou menos**, sem importancia, sem valor.

De poucos amigos: Elle está com cara **de poucos amigos**.

De primeira viagem: "Bem se vê que você é pae **de primeira viagem**." M. de Assis, Dom Casmurro, 306.

De quotiliqué: "Apeie do pedestal usurpado a V. Exia. estes sabios **de quotiliqué**." Camillo, Bohemia, 352.

De rabo: "Mentira **de rabo**, mentira muito grande." Pina Manique, Ensaio Phraseologico.

De rabo e cabeça: "Mentira **de rabo e cabeça**, mentira exagerada." Aulete, Dicc.

De seiscentos diabos: "Esta canalha aqui a fazer uma bulha **de seiscentos diabos**." C. Netto, Miragem, 30.

Dos seiscentos: "Quando se mette a querer explicar qualquer coisa, é um barulho **dos seiscentos**." Taunay, Innocencia, 193.

De tal: Manoel **de tal**, Maria **de tal**, fulano **de tal**. Tambem se diz fulano dos anzões, ou dos anzões carapuça.

De torna-viagem: "Essa tal sciencia é **de torna-viagem**." Vianna, Apostilas, 2.o, 26.

De trapos: "Lingua **de trapos**, lingua de quem tem má pronuncia." Fig. Dicc.

De uma figa: "Jumento **de uma figa**, cortaste-me o fio ás reflexões." Machado de Assis, Braz Cubas, 83.

Dê vista curta: Doutor **de vista curta**. João Ribeiro, Phrases Feitas, II, 279.

De vento: "Cabeça **de vento**; (fig.) pessoa estouvada, sem tino, sem juízo." Moraes, Dicc.

FIRMINO COSTA.

VIDA OCIOSA.

VIII

A peroba do Americo, batendo rijamente o assoalho, annunciou-lhe a chegada. Suas primeiras palavras, cheias de convicção, deram-nos a agradável segurança de que o José *viria*. Depondo o chapéo e o porrete, fez menção de sentar-se para debater commigo um de seus themas favoritos; mas um tinir de nikel no balcão da vendinha, chamou-lhe a attenção.

Era a freguezia dos tostões de pinga, que reclamava Americo. Nada o molestava tanto como essas brutas quedas no real, que lhe entrecortavam as altas preocupações scientificas

— Si soubesse como esta vida me aborrece, dr. Felix... E lá se foi, displicente.

Siá Marciana, por sua vez, desceu á horta, a mexer-se para o almoço, que costumava ser em hora muito matinal. De caminho cruzou Prospero, que já voltava da lagôa, com um bolo de rêdes sob o braço. Entrando a sala, o velho accommodou-as a um canto.

— Pouca cousa se pôde aproveitar, disse elle; mas depois do almoço vou ver se restauro algumas rêdes.

E ainda offegante da empinada ladeira da horta sentou-se no estrado, onde se poz a arrancar rabos-de-burros e amores-seccos adheridos á calça ensopada de orvalho.

Entrementes eu revia, meio desattento, as figuras de peixe debuxadas na parede. Conhecia-lhes a historia, como foram apanhados, a quem os enviaram, pois o melhor das pescas era sempre destinado a lembranças a amigos. Deleitava-me ouvir Prospero recontar-lhes a historia; punha-



se o velho de pé, com o dedo apontava uma das effigies e começava a narrar; e d'uma passava a outra, até correl-as todas, memorando incidentes antigos, surpresas gratas de pescador: uma linha que amarfanha violentamente as capitivas num frufutar tempestuoso que indica uma grande presa a debater-se na agua; um formidável mandy amarello colhido em pescaria de rodada, certa vez que levara a canôa rio acima bem longe, e viera depois suavemente, trazido na correnteza frouxa, com uma das mãos temperando a canôa, a outra empunhando a longa vara de vinte e cinco palmos, e graduando-lhe a altura de modo a trazer o anzol de arrastado pelo thalweg, onde se alapam os grandes mandys triangulares de pelle dourada pintada de preto.

Com o dedo em alvo e acompanhando a parede, figura por figura, e com seu ar ancestral e barba longa, o sr. Prospero suggeria-me Paulo da Gama a explicar ao malabar os fastos portuguezes, bordados nas bandeiras da armada lusitana:

“Este que vês, pastor já foi de gado,
Viriato sabemos que se chama...”

A mais recente representava um dourado de tres palmos, que foi para o medico que tratou a ultima doença da velha. E Prospero contava o prodigio: pegara-o num anzol pequeno, destinado a peixe de menor porte. Ao correr, de madrugada, as varas de espera espalhadas pelas duas margens, vira n'agua um grande rebojo e uma larga forma refulgente que por momentos prancheava... Avisinhou a canôa, febricitante, em risco de cair; e, sem buscar meio de mais cautela, foi-se abraçando ao bicho, quando o pilhou de geito. Houve uma trovoada no fundo da canôa onde o atirara; o dourado espinoteando com valentia, queria saltar a borda; tornou-se preciso, para conter-lhe os assomos, que o velho se sentasse sobre a sua grande massa viscosa, e a sangrasse acto continuo á faca.

Siá Marciana subiu a escadinha do terreiro com o concavo da saia repleto de vagens e xuxús.

— Não muda calça, primo? Tão molhado! — exclamou, entrando na varanda.

O sr. Prospero meneou a abeça num trejeito de indif-



ferença: "Para que? Estava acostumado com a agua. A humidade nunca lhe fizera mal" Siá Marciana falou-me então das imprudencias do velho. Pensava que ainda era moço, não tinha bastante resguardo. Lidando n'agua, tinha estouvamentos perigosos: no anno ultimo caíra duas vezes no rio, e todo o dia era uma porção de "quasis" de inspirar apprehensões...

— Um dia cae a casa — sentenciou.

E accrescentou em alvoroço, como quem torna a si:

— E eu que estou a parolar, esquecendo o almoço! Quando o sr. vem ver-nos, dr. Felix, nós todos ficamos com a cabeça á roda. Não avalia a falta que sentimos quando custa a apparecer! E' só o nosso assumpto de conversa... O Americo, esse que o diga! Trepa num cupim e ahi fica horas, espiando a estrada...

Americo que vinha de attender á inculta freguezia, confirmou que sim — mas com uma certa circumspecção que denotava condemnar fraquezas sentimentaes, e expansões excessivas. Accrescentou que a amizade que tinha por mim era um sentimento nobre e elevado, como a affeição que votava aos livros.

Eu achava graça nessas declarações amistosas e sentia-me bem, assim festejado e adorado por aquellas creaturas simples. Mas, para escandalisal-os, contei um caso:

— Acredito que sintam essa falta... Nosso poder affectivo é tão grande, que ás vezes se estende a cousas minimas. Lembra-me o caso de uma formiga doceira, cujo desaparecimento muito me penalizou. Apparecia em hora certa da noite, á hora em que habitualmente escrevo. Surgia de um angulo da mesa, atravessava-a em diagonal, passando sobre o papel, e quebrava além outra aresta, sumindo-se até o dia immediato. Foi assim muitas noites. Acostumei-me á formiguinha, e, ao avizinhar-se a hora de seu apparecimento, tornava-me inquieto, expectante, fugiam-me as idéas, e nada mais podia fazer, até que surgisse, lepida, ligeira, alegrando o papel com seu passinho miúdo, a minha querida amiguinha. A' sua passagem eu movia a penna em continencia, arredando-lhe a ponta da trajectoria conhecida — era 'ão fragilzinha minha amiga! o mais leve de meus movi-



mentos podia causar-lhe a morte. Nesses instantes eu interpellava-a: "Onde vaes tão apressada, minha diligente formiga? Parece que tens a cabecinha cheia de preocupações. Detem-te um pouco, conversemos! Queres assucar? Reservar-te-ei toda a noite uma boa porção. Anda ao menos mais devagar! Repara que ha vinte e quatro horas não te vejo, e sem ver-te tenho de passar outras tantas. Vê bem: um oasis de meio minuto entre dois desertos immensos! Vou com a mão interceptar-te a passagem; para seguires, terás de transpor o obstaculo, ou esperar que eu te deixe continuar teu atarefado destino. E' muito cedo! Não receies que te extranhem a falta, no formigueiro onde moras; são tantas as formiguinhas, trabalhadeiras e tão parecidas! Faze de conta que hoje foi tua excursão mais longa... Não me attendes, formiguinha ingrata? Então... até amanhã!" Não me attendia. Era uma pressa, um phrenesi de seguir... Não via a trilha de assucar com que eu lhe pulverizava o caminho; se a mão lh'o cortava em barreira, não hesitava: subia por ella e descia do outro lado deixando-me na pelle um tenue prurido, que era como uma caricia affectuosa. E não se detinha. Toda ella era uma pressa nervosa, um andar afflictivo, uma celeridade de pequeninos meneios, que pareciam dizer-me: "E' impossivel! não posso, meu tempo está contado, só tenho prazo para vir ver-te de passagem e muito depressa. Posso apenas conceder-te uma visitinha de instantes, para matar a tua e a minha saudade. Não me detenhas! Tenho muito que fazer..." E, acabando de atravessar obliquamente a mesa, quebrava a quina e desaparecia. Um dia... ella não veio mais. Fiquei imprestavel, tive de depôr a penna. Enchiam-me tristes apprehensões. Que seria feito de minha formiga doceira? Aborreceu-se de mim? Esqueceu-me? Afogou-se numa gotta de orvalho? Um passo brutal esmagou-a inconsciente? Eu sentia infinitos receios. Esperei-a uma noite, muitas noites. Nada! Nunca mais voltou...

Todos escutaram sorrindo minha historia. Quando terminei, siá Marciana exclamou:

— Que graça a da comparação! Vou agora mudar seu nome — d'hoje em diante é o dr. Formiguinha.



Riu-se alto e foi para a cozinha com a arregaçada de vagens e xuxús.

IX

Ainda d'esta vez o dia arrasta-se numa lentidão deliciosamente aborrecida. Vive-se mais, na fazenda do Corrego Fundo, que no resto do orbe. Invento mil modos de encher tempo, e ainda ha sobra para uma semana de *far niente*. Maravilhas da vida rural! Por isso é que o fazendeiro que passou annos a tostar-se ao calor d'um brazido, tem a voz indolente, frouxa e de um fanhoso monotonico com um sabor a confidencias segredadas, que acalenta e entorpece. Por isso é que elle poupa os movimentos; para levantar-se não o põe alerta, de pé, a mola d'uma energia que actua de prompto; esse movimento é um capitulo do seu dia: primeiro hesita, pésa e resolve, depois começa — estira os braços, n'um bocejo hiante e sem fim, descae sem forças, corcovado, sobre seus proprios quadris, recomeça o bocejo e o espreguiçar, com a mão tenteia um apoio, mexe o pé e com um "ah!" interminavel vae-se levantando, bambo, descônjunctado. Ganhou com isso cinco minutos.

Siá Marciana tem um bom systema de encher-me o dia, vive a inventar comezainas. Lá surge da cozinha com um prato de pinhões. Tenho o que descascar e roer até o almoço. Emquanto o faço, Prospero encordoa anzoas, dando-me conselhos: devem-se encastoar com cabellos de cavallo marinho, cuja transparencia os torna invisiveis na agua; se em vez de fiô se usa arame, cuidado com as crocas! que encrocando, a menor piaba o arrebenta; o fio deve ser do comprimento da vara, enrolando-se outro comprimento por esta abaixo...

De vez em quando uma discussão religiosa. Prospero aprecia a leitura do velho testamento, a que dá interpretações pittorescas. Proponho-lhe uma questão difficil: se os peccados são suggestão do demonio, não seria melhor que Deus não houvesse creado a este? Elle responde-me cabalmente:

— Se o sr. montasse uma empresa, não necessitava de



um administrador? Assim, creado o inferno para castigo dos maus, era preciso um tomador de conta, e este é o Diabo. Dou-me por convencido, e elle prosegue a encordoar os anzoos e eu a roer os pinhões.

Nesta conversa desatada e mastigação interminavel, veio a hora do almoço. O alumno foi correcto. A' mesa lá estava á beira do Americo, que se prodigalizava em attentções. Era um negrinho de quinze annos, impertigado, de meia e chinellos, que em questões de decencia era o professor inflexivel. Usava a carapinha levantada em topete, e a tudo só respondia "sim" ou "não". Tinha ar serio de negro educado, que sabe ser negro só na "côr". Aquillo era obra do Americo.

Siá Marciana arrumou-me um prato alto como uma pyramide, que lenta mas seguramente, eu ia excavando e trasfegando para os mysterios do tubo digestivo. A cada momento eram instigações:

— Coitado do dr. Felix! está sem fome! O sr. precisa tratar-se melhor...

Ao fim da refeição deixei-me ficar na cadeira, refarto, soltos os botões abdominaes, sem coragem para deslocarme. Sentia-me inteiriço, empanzinado, como feito de uma só peça indobrável. A barriga tumefacta dava-me sensações de gravidez.

— Coitado do dr. Felix! Anda tão sem appetite... coma ao menos uma pamonha com o café... Agora é uma raridade milho verde, mas ainda apparece.

— Pamonhas? Hesitei, apalpei-me. — Venham! — resolvi, intrepidamente.

Como sabiam bem! Pena foi não poder passar de duas, que assim mesmo puzeram-se a brigar com o almoço e os pinhões para arranjar logar. Convenci-me nessa hora de que a impenetrabilidade é a mais secante das propriedades geraes dos corpos. Conciliei a pendencia e compuz-me com a physica cedendo mais um botão da ceroula.

Siá Marciana arranjou com sobejos o prato da gata favorita, que lhe repuxava significativamente a barra da saia. Sopesando-a pelo ventre elastico, pol-a sobre a toalha, junto ao petisco.



— E' um animalzinho tão manso e aceiado! — disse ella, dando-lhe maternos olhares.

Sempre impliquei com bichanos. Detesto-lhes a musica encantarrhoadada do peito, e a balda de coçar pulgas nas boccas das calças da gente, principalmente se são novas. Observei:

— Fie-se nessa cordura hypocrita! Não conhece o aviso popular "gato matou sô padre?"

A velha riu-se. Era uma antiquissima historia, e provavelmente lendaria. Já seus bisavós lhe contavam em menina a historia do padre que, armado de chicote, se fechára numa sala para castigar um bichano. O animal enfurece-se, encrava-lhe as presas curvas na garganta e... era um padre que morria e um exemplo que para todos os seculos porvindouros nascia. Que a historia era muito espalhada. Ouvira-a do dr. Deapé, o gallego, e tambem um francez lh'a confirmara, pelo que um e outro ouviram na sua terra d'elles.

— Calumniaram vocês, minha gatinha... — E siá Marciana amaciava-lhe a espinha ondulante, esperando a terminação do almoço, para acabar de tirar a mesa.

Fóra a toalha, o pessoal espalha-se. A velha encafua-se na cozinha. Prospero vae buscar as rêdes necessitadas de reparos, e Americo, mais o impertigado negrinho, somem para o commodo de negocio. Na sala só fico eu, empachado, o coccix no rebordo da cadeira, a nuca apoiada no respaldo. D'ahi a instantes faz-me o velho companhia, concertando uma primeira rêde que estende sobre a larga mesa de oleo.

Prospero absorveu-se no trabalho pelo qual, meio distrahido, eu me interessava. O novello de barbante não tinha descanço. Durante meia hora acompanhei-lhe os movimentos, calculando commigo: "agora é um remendo aqui, um nó alli..." A's vezes errava em minhas conjecturas, o que me dava uma leve contrariedade. Incansavelmente meu espirito formulava previsões: "Para concertar aquella ponta, o velho terá fatalmente de passar para o outro



lado da mesa..." Fatalmente enganava-me; ou virava elle o tecido, ou debruçava-se mais.

Isso fatigava-me extraordinariamente.

Com intervallos mais ou menos longos, Prospero ia ligando pedaços de phrases — episodios de pescarias a malhas, os ultimos successos e insuccessos. Nunca comprehendia bem como se arma uma rêde; sobre isso minhas idéas eram em absoluto falsas, o que me desgostava. Ao mesmo tempo receiava que o velho m'o explicasse. Aprender é tedioso. Os machinismos, então, causam-me particular horror. Numa descascadeira, ao ver o café cair, deleito-me; se querem contar-me o processo da descasca, suppliciam-me inutilmente. O caso das rêdes enchia-me de apprehensões, porque uma idéa falsa tambem causa tédio e eu tinha na bocca uma perguntinha recalçada: "Como se arma isso?" Previa já a intuitiva exposição: o velho que interrompia o trabalho e fazia gestos de fincar estacas, e outros gestos simulando a rêde estirada... Provavelmente eu faria um esforço de abstracção, mas continuaria na mesma, sem comprehender.

Nesse em meio ia acompanhando o concerto, procurando, a espaços, divertir a attenção para o exterior, onde devassava um trecho de céu. Era cahir de Sylla em Caribdes. Via corvos minusculos ao alto descrevendo serenamente grandes orbitas vadias. As extremas de suas parabolae, quasi as encobriam os portaes da janella. Era sempre *quasi*. Por esse lado tambem vinham-me apprehensões: "Desta vez encobre, porque a parabola é mais longa..." Preparava-me para mudar de posição afim de não perder as extremas da curva. Mas era excusado, porque mal tangenciava o portal, o vôo tornava em direcção regressiva... Era intoleravel. Antes as rêdes! Após um tempo infinito finalisou-se a primeira. Suspirei de allivio.

— Quantas faltam agora, sr. Prospero?

— Nove.

Horripilado levantei-me e fugi. Não foi bem fugir; a expressão é muito lesta para quem tinha meia arroba de mantimento no bucho; fui rebolando-me para o interior com a lerdice d'um cevado em ponto de faca. Ao chegar á



varanda, novo susto do papagaio e a indefectível quêda do poleiro.

— Por isso é que meu Louro anda acorrentado depois de velho — disse siá Marciana, que vinha trazer-lhe a ração. Cae atoa! Velhice é cousa triste, não, meu negro?

Contou-me que não havia papagaio tão tagarella como aquellê, no seu tempo. Sabia o nome a todos, aticava cachorros, chamava os escravos. Toda a manhã descia da placa e ia postar-se na cerca que dá para a estrada, d'onde saudava os transeuntes conhecidos com um "boa tarde" nasal. Para elle era sempre tarde, a qualquer hora... Em novo muito dado, a idade tornara-o rabujento. Só tolerava o velho; os agrados dos mais, recebia-os de bico em riste. E que implicância tomára com o Leonardo, o hospede comido de syphilis que alli fôra curar-se da gafeira que o imbecilizara! Se, quando o via, estava solto, lá ia, pés impercussos, empoleirar-se em sitio propicio, e, zás! no lobulo da orelha. Ainda agora, ao ouvir-lhe a voz na estrada, agitava-se, cahia, batia as azas, febril, buscando libertar-se da corrente.

— Não é assim, meu Louro?

Não obtive resposta, porque depois de uma bicada inappetente na comida, sem esperar pela conclusão da biographia recaira a ave em sua modorra habitual.

(Continúa).

GODOFREDO RANGEL.



PAGINAS ESQUECIDAS (*)

MARTIUS

D. Carlos Frederico Philippe de Martius, filho de Ernesto Guillerme Martius, professor da Escola de Pharmacia de Erlangen, nasceu na cidade de Baviera a 17 de Abril de 1794, e allemão pelo berço em que se embalou á margem do Rednitz, era pelo sangue ou de origem italiano. Por mais que se ostente rica de grandezas, de maravilhas e de herões, a Italia tem direito a lamentar-se da privação desse monumento que lhe tomou a Allemanha.

O açoitado sinistro da intolerancia religiosa espantára, com tresloucada perseguição, da Italia e da França, como havia de espantar a Hespanha, milhares de victimas de suas crenças, que, fugindo á oppressão e ao despotismo, ao terror e á morte, levaram braços e capital, industria e sciencia, progresso e pujança para os estados hospitaleiros, onde ao encanto da liberdade acharam guarida e protecção. Erlangen applaudo-se em 1688 engrandecida com a sua **cidade-nova**, fundada por muitos dos calvinistas emigrados da misera França, quando Luiz XIV, obedecendo á influencia da Alnintinan, cujo confessor era jesuita, revogou o edito de Nantes, com que Henrique IV tinha garantido patria, privilegios, segurança e crenças dos seus antigos correligionários. Como então, já dous seculos antes, Galosthus Martius, nascido em Narni em 1427, e nomeado professor em Padua em 1450, havia sido obrigado, para escapar ao furor da intolerancia religiosa, a refugiar-se na corte do Rei Matheus Corvinus da

(*) Commemorando-se no corrente mez o centenario da vinda de Martius ao Brasil, julgamos interessante reproduzir o discurso de Joaquim Manoel de Macedo, pronunciado na sessão magna do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de 15 de dezembro de 1869, por occasião do anniversario da morte do sabio allemão.



Hungria; depois a familia Martius, perdida pela Italia, se espalhou pela Allemanha.

O sabio, cuja morte deploramos, herdou de seus parentes o amor das sciencias naturaes e especialmente da botanica. Henrique Martius, seu tio-avô, fôra o autor da *Flora de Moscou*, e seu pai era contado entre os fundadores da Sociedade Botanica de Ratisbona; esse amor tornou-se para o tambem nosso Martius em desveladissimo culto; na idade das flores amou as flores e aprendeu os seus nomes, sua composição, seus órgãos; joven, conquistou o mundo dos vegetaes, reconhecendo, classificando e registrando nos livros do seu dominio desde as algas quasi imperceptiveis até os boababs da Africa e os verdes gigantes do Amazonas; velho, enfim, achou-se em um throno, e côroado rei por todas as nações e por todos os sabios: Carlos Frederico Philippe de Martius foi o rei e na historia fica rei do reino vegetal.

Sahindo do collegio de Erlangen, onde bebeu profundos e variados conhecimentos litterarios, Martins entrou aos dezeseis annos para a Universidade, destinando-se á medicina, que sacrificou á sua predilecção pelas sciencias naturaes; dous annos depois, tomou o gráo de doutor da academia, apresentando a sua primeira obra "*Plantarum horti, academici Erlangensi enumeratio*". A 17 de Abril de 1814, no quarto lustro, pois, de sua idade, já era em Munich adjunto do velho Schrank, inspector do jardim botanico que alli acabava de ser estabelecido, e, furtando-se muitas vezes a essa capital, fez até 1816 diversas excursões botanicas em Salzbourg e na Corinthia, onde herboreizou com Hoppe. Nomeado adjunto da academia em Outubro desse ultimo anno, publicou no seguinte a "*Flora Cryptogamica Erlangensis*", obra ainda hoje altamente considerada pelas mais competentes autoridades.

Em 1816, por occasião do casamento da Archiduqueza a sra. d. Leopoldina d'Austria com o Principe Real o sr. d. Pedro, depois primeiro Imperador do Brasil, os Governos da Austria e da Baviera resolveram mandar a esta parte da America, que em breve se tornaria imperio independente e livre, dous naturalistas bavaros, Spix, como zoologista, e Martius, como botanista; a Academia das sciencias exigia desses missionarios um estudo, o mais aprofundado que fosse possível, de todas as produções naturaes do vasto e esplendido Brasil. Pela grandeza da commissão calcula-se a grandeza da confiança, e um dos dous naturalistas, Martius, contava apenas 22 annos; era da idade de Condé na batalha de Rocroy.

Partidos de Trieste a 22 de Abril de 1817, Martius e seu companheiro chegaram ao Rio de Janeiro a 15 de Julho seguinte; os dous naturalistas não eram desses viajantes romanescos, improvisadores sem consciencia, que, farejando os lucros da edição de um livro novo, simulam peregrinações que não fizeram, observações do que não viram, inventam costumes que não existem, e, passando as noites no



alcaçar ou em orgias fazem de conta que testemunharam as pororocas do Amazonas e admiraram a cachoeira de Paulo-Affonso; e temperando historias que fantasiam com o epigramma mordaz, com a falsidade extravagante, com as calumnias mais indignas, ingratas á hospitalidade mais franca e á protecção mais facil e menos bem merecida, voltam para sua bella Pariz, e, só por milagres dez vezes escapos aos selvagens e aos horrores do Brasil, fazem o seu negocio, vendendo o livro, pura e innocente flôr que lhes sahira da alma sem peccado.

Martius e Spix não foram falsificadores: homens de sciencia e de coração, sabios, verdadeiros gigantes ante os quaes se somem no desprezo aquelles insectos apenas incommodos, Martius e Spix, conquistadores da natureza, lançaram-se nos campos de seus triumphos e de suas glorias, nas Províncias de S. Paulo e Minas abriram suas primeiras campanhas, sonharam com as entranhas da terra descendo aos mais fundos valles, e saudaram de perto o céo, attingindo os cumes das mais altas serranias; de Minas Geraes foram audazes, penetrar na Provincia da Bahia, onde, depois de ferteis excursões no districto de Ilhéos, riquissimo de plantas interessantes, invadiram o interior dos desertos, entraram em Pernambuco e o percorreram, franquearam montanhas, chegaram aos valles ardentes do Piauhy e os venceram, levaram sua conquista insaciavel ao Maranhão, donde pelo oceano salgado demandaram o Mediterraneo doce, subiram o Amazonas até Ega, e ahi, enquanto Spix seguia as aguas do rei dos rios até o Perú, Martius avança pelo Japurá até Nova Granada, estacando em frente das cataractas de Arara-Cuara. De volta, os dous naturalistas reuniram-se na barra do Rio Negro, e foram chegar a Belém a 15 de Abril de 1820. No fim desse mesmo anno chegaram de volta a Munich.

Em pouco menos de tres annos de afadigosas viagens e atrevidas excursões Spix e Martius tinham percorrido cerca de mil e quatrocentas milhas, no sul do Brasil, subindo a majestosas e imponentes serras; no norte admirado os maiores rios do mundo, recolhido no sul e no norte raras e preciosas collecções, visto, estudado o homem civilizado e o homem selvagem, o cidadão e o indio; apreciado as maravilhas da nossa opulencia vegetal, e calculado os prodigios da nossa riqueza mineral, comprehendido, emfim, a assombrosa torrente de passaros, de thesouros e de privilegios naturaes, derramada pela Divina Providencia sobre este solo de benção, onde tudo a seus olhos se ostenta grandioso, tudo... tudo... menos o homem, que ainda hoje é pequeno em face das proporções magnificas de uma natureza excessivamente descommunal.

A' memoria de Spix devemos por certo gratidão; Martius, porém, foi mais do que Humboldt, foi o Colombo do Brasil; pelo berço allemão, pelo sangue italiano; Martius é nosso pela cabeça e pelo coração; Martius é brasileiro pela sciencia e pelo amor; jovem, ardente,



sensível, sagaz e consciencioso observador, o sabio naturalista e distincto litterato recebeu, na sua viagem scientifica pelo nosso paiz, impressões tão generosas, vio de perto tão esplendidas maravilhas, descobriu tantos segredos de opulência, recolheu tantos thesouros para a sciencia, foi tão amado e amou-nos tanto, que até aos seus ultimos dias, que até á sua morte Martius lembrou o Brasil, servio ao Brasil, contou com o Brasil, e não lhe faltou o Brasil.

O grande sabio, conquistador intellectual do Brasil, como lhe chamou um dos seus biographos, consagrou a maior parte de sua vida ao nosso paiz; nem sabemos dentre os nossos estadistas brasileiros quem tanto haja feito por elle: a Martius devemos e deve o mundo obras numerosas, geographicas, ethnographicas, linguisticas e botanicas, sobre o Imperio americano, e ainda em 1867, aos 74 annos de idade, Martius, o Brasileiro pela sciencia e pelo amor, publicou um ultimo trabalho sobre a lingua e costumes dos nossos indios. Em seus escriptos magistraes e profundos, não ha conselho que aproveite aos interesses egoisticos de paixões que não têm olhos para o dia de amanhã, e que se gastam em redomoinhos estereis de uma luta ingloria, na qual é a patria o que se lembra menos; ha nelles, porém, luz de futuro, sol que illumina o caminho das immensas fontes de riqueza publica.

A primeira obra de Martius, devida a expedição scientifica ao Brasil, foi a relação dessa importante viagem, que encheu tres importantes volumes em quarto, publicados de 1823 a 1831, e enriquecidos de cartas geographicas; o Rei Maximiliano I tinha encarregado deste trabalho a Spix e Martius; Spix, porém, morreu em 1827, de modo que ao segundo coube principalmente o desempenho da transcendente tarefa, que, aliás, é tão louvada, como a obra igual de Humboldt sobre as outras partes da America tropical. Goethe fez o elogio desse monumento de Martius, e o celebre pintor Cornelius ornou-o com um frontespicio. O nosso sabio e venerando consocio, ha um anno e dous dias finado, foi além dos compromissos que tomára, e, por morte de Spix, que apenas tratára dos mamíferos, das aves e da parte dos amphibios do Brasil, completou o trabalho do seu fiel e dedicado companheiro, sendo auxiliado por zoologistas celebres, como Agassiz, Anré Wagner e Pesty.

A parte botanica da fertilissima commissão scientifica, resultado precioso das colheitas realizadas por Martius, deu ao mundo o que se chama "*Nova genera et species plantarum brasiliensium*", onde o sabio descreve mais de quatrocentas especies e setenta generos novos.

Descansando destas produções gigantescas, para as quaes apenas bastaria a vida toda de um naturalista notavel, Martius distrahiase, multiplicando incessantes estudos e lições, que modestamente publicava, que a sciencia recolhia zelosa, e cuja enumeração encheria paginas, que elle dispensa no esplendor de mais deslumbrante gloria.



Mas o venerando sabio deu ainda a seus contemporaneos e legou á posteridade duas obras magnificas, que são soberbas pyramides attestadoras prepetuas da sua robusta e admiravel sciencia: uma dellas é a "Historia Naturalis Palmarum", tres volumes infolio impressos em Munchen de 1828 a 1850, e cujo primeiro volume trata principalmente das especies brasileiras. A outra é a "Flora brasiliensis".

A historia natural das primeiras, que Linnêo chamava as princezas do reino vegetal, é reputada pelos mais abalisados e competentes juizes como portentoso monumento; e um celebre naturalista lavrou sobre ella a sua sentença, exclamando, arrebatado: "Emquanto houver palmeiras, será lembrado o nome de Martius".

A "Flora Brasileira" devia e deve conter a descripção e a figura de todas as plantas do Brasil; os mais famosos botanistas do mundo contribuíram para essa publicação, que teve por protectores S. M. o sr. D. Pedro II, o Imperador Fernando I, da Austria e o Rei Luiz I, da Baviera, e que se considerou sem rival nos annaes da botanica. Honroso e grato nos é lembrar que a magestosa "Flora" exigia sacrificios pecuniarios que nem sempre acudiam ao sabio, e que foi de 1850 em diante, com o concurso poderoso do Governo brasileiro, que ella se desenvolveu, animada e facil, em folhetos que Martius deixou em numero de 46, contendo já mil e quatrocentos desenhos *in-folio* e a descripção de mais de mil especies de plantas. Não coube ao venerando Bavaeo a fortuna, por elle ardentemente desejada, de levar ao cabo tão grandiosa empreza.

Setenta e quatro annos, dos quaes mais de sessenta consagrados ao estudo, ás excursões e viagens scientificas, ao magisterio, ao cultivo incessante das sciencias naturaes e das letras, a essa extraordinaria producção de obras que enriquecem as bibliothecas de todas as academias do mundo, gastaram aquella vida preciosissima, que não chegou a ser de um século, e que, medida pelo numero e transcendencia dos trabalhos deixados, parece tór sido de seculos.

Martius honrou com o seu nome o quadro dos membros de quasi todas as academias e sociedades scientificas do mundo: imperadores e reis não pouparam a manifestação de estima e de favor ao seu grande merecimento; e as nações, e os sabios e os seus contemporaneos souberam glorificar-o vivo; plantas e animaes descriptos pela primeira vez receberam o seu nome; na Nova-Islandia, uma montanha vaidosa ousou chamar-se Monte Martius; e, por occasião de sua festa jubilaria, a 30 de Março de 1864, o velho professor de botanica, de Munich, viu cunhada uma medalha com a seguinte inscripção: "Palmarum patri dant lustre decem tibi palmam. In palmis resurges".

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.



UM AUTOGRAPHO DE
CARLOS GOMES

Caro Carlo

Milano 3  ott 74

Ho letto a Trieste il tuo
del articolo nella Gazzetta di
Trieste sul Salvator Rosa, e
ti ringrazio I. tutt. cuore
per la tua bella parola a mio
riguardo. Sei stato l'unico
fra tanti che ebbe della bon-
tà per me! Grazie!

Non posso capire il perché
tutta la stampa milanese
è così avversa a me, mentre
con altri è stata soverchia-
mente più che favorevole!

Se è questione di nazionalità,
trovo assurdo, perché mi è
assolutamente impossibile di

nascerne un'altra volta per
essere italiano, tanto più che
io non sono malcontento di
essere brasiliano!

Ci val coraggio, e per ora non
mi sento scoraggiata affatto, e
andrei avanti a doppio loro!

Sedano, che si stancherà per
primo!

Ho vissuto un po' agitato in
questi giorni, e non ho avuto
tempo e calma per legger
la Bella Gabriella. Ora penso,
e ti saprò dire presto qualche
cosa. Il successo di Trieste fu
completo (a dispetto anche di chi
non vuole!) - Di fretta ti
saluto di cuore e credimi
sempre il tuo vecchio amico
A. Carlos Gomes

RESENHA DO MEZ

AMADEU AMARAL

Já se encontra nas livrarias, em uma edição de gosto feita pela "Cigarra", o novo livro de versos de Amadeu Amaral. Não sabemos o que delle pensará o grosso dos leitores. Talvez não pense coisa alguma, ou



pense mal: Amadeu não é poeta que falle á sensibilidade espessa das multidoes... Temos, porém, absoluta certeza de que para os espiritos delicados será um livro de altas e fortes qualidades. A poesia de Amadeu Amaral não é feita desse lyrismo facil que acaricia o ouvido, provoca um ligeiro arrepio de emoção e desfaz-se logo sem deixar sulcos no espirito. E' a expressão larga, equi-

librada e serena de um nobre pensamento. Mais philosopho que poeta ou antes, um philosopho-poeta, o seu verso, impecavel sempre pelo rigor da technica e sempre magnifico pela pureza da linguagem, pelo imprevisto das imagens exactas, e pela ondulação ampla do rhythm, não é o vehiculo esplendido de emoções triviaes mas o engaste precioso de finas sensações estheticas ou de formosas concepções espirituaes.

Melancolico de nascença, esquivo por excesso de timidez, natureza de uma sensibilidade aguda que o traz encarcerado em muralhas de desconfiança sob a guarda permanente de melindres assustadiços, Amadeu Amaral não é, entretanto, um pessimista nem um desalentado. Ha nos seus versos, certamente, muita sombra de magua, muita confissão de tristeza, mas ha egualmente muita nota viril, muita expressão de confiança, muita exhortação á luta, muito hymno á vida. Dentro de sua alma, envolta numa penumbra de soffrimentos vagos e de vagas decepções, que engana á primeira vista, crepita o lume vivo de um ideal, que nunca morre, e floresce, sempre risonha e viçosa a roseira de uma bondade que nem todo o mal do mundo consegue murchar.

Esse contraste reflete-se, como é natural, nos seus versos. A gente os lê e a primeira impressão que recebe é de uma coisa bella mas fria, tristonha e distante. Logo depois, entretanto, a impressão muda e a gente sente que ha, naquellas estrophes, o

calor de um enthusiasmo que se retraiu ou, melhor, que tem o pudor de vibrar, e a alegria de uma alma ingenua que se encolhe e disfarça com receio de que, dilatando-se, vá a tocar na crosta aspera do mundo e se magoe...

OS ANDRADAS

Ha entre os descendentes naturais dos Andradas alguns homens de grande valor intellectual.

Porque, entretanto, nenhum delles consagrou ainda á memoria dos tres grandes brasileiros o estudo que ella está exigindo? — O dr. Martin Francisco, a quem o sr. Capistrano de Abreu directamente interpelou a esse respeito, deu-lhe naquella seu feito original e saboroso, a resposta deliciosa, cujos trechos principaes passamos para estas paginas:

— Tua pergunta a respeito do meu interrompido trabalho "OS ANDRADAS" provoca resposta argumentada e longa.

Apontamentos, reminiscencias de confabulações paternas e outras, exame da parte do arquivo de Jozé Bonifacio que me foi entregue, annaes parlamentares, publicações esparsas, recente manifestação de Monteiro Lobato, meu arquivo particular, varios capitulos já coordenados, subsidios esses que, não houvesse sobrevindo a guerra, pretendia eu completar em Vienna e Londres, poderiam em prazo beirante a um anno produzir o livro que eu delineára. Colloca-te, porém, no meu lugar e responde se vale a pena semelhante empreitada. Conversemos antes da resposta.

Escreveu-me Joaquim Nabuco, aliás muito andradista, ser uzo no Brazil deprimir os Andradas, embora sua trindade fascinasse sempre a mocidade nacional. Não se enganava, e eu te digo porque. Quando Jozé Clemente Pereira, Ledo, Januario, Sampaio e outros, hezitantes, foram merecidamente punidos como INIMIGOS DECLARADOS DA CAUZA NACIONAL (*Annaes da Camara dos Deputados*, 1833) começaram os Andradas os dezoito mezes dum governo que,

inutilizando batalhões da metropole, aparelhando a possivel marinha, arrecadando impostos apenas numa exigua faixa do paiz, e não derramando, por motivo politico, uma gota de sangue brasileiro, conseguiu, fato que dezafia copias e desconhece imitações, crear uma nacionalidade sem emprestimo externo.

Naturalmente contra esse governo, rematado que foi o artigo essencial do seu programma, as oposições se conjuntaram. Sempre assim aconteceu. E' da praxe revolucionaria. Amoldando-se ás novas formulas, reagendo dentro dellas os interesses contrariados; e não miudos, nem poucos, eram elles em 1821-3.

Ao elemento portuguez, poderoso e queixoso, azevivo e apprensivo, logicamente se ligaram, nas insídias de sua acção, o justo porém mal applicado despeito de Diogo Feijó por não haver obtido assento na Constituinte, e os dissabores daquelles medrosos que, conforme reconheceu mais tarde o proprio Jozé Clemente, padeciam da inveja que roe e do sentimento da mediocridade que atormenta (Ibid.) Nas eleições em S. Paulo, Jozé Bonifacio foi o penultimo votado, e Martin Francisco só alcançou suplencia, da qual dezeitu preferindo mandato pelo Rio de Janeiro por motivos do mais atilado patriotismo.

Necessariamente a maioria adversa aos Andradas teve maior descendencia que a minoria; dai, até hoje, o facto que Joaquim Nabuco assignalou. Alvorçando sua cidade, os paulistanos festejaram o desterro dos deputados constituintes nomeando commissão que levasse a Pedro 1.º parabens pelo golpe d'estado de 12 de Novembro; Mont'Alverne, o mesmo que em Março de 1831 afrontaria as raivas do joven monarca, da tribuna sagrada o elogiava pela exclusão dos motineiros (era vulto de valor, mas tambem de preço: pregava segundo a encommenda: apoteozou Carlota Joaquina em eloquentissimo sermão); e Diogo Feijó, irriquetamente, cerceou de promessas de dedicação a autoridade dos novos ministros. Mas fato indiscutivel, inofismavel acontecimento a desnudar a esperteza dos

que, deixando a outros as emoções do combate, se reservavam as da vitória: successo permanente em summa: a Independencia realizou-se. Frutificára a semente das instruções entregues por Jozé Bonifacio á deputação paulista ás côrtes de Lisboa.

E agora, Capistrano sensato, Capistrano sincero, Capistrano da vanguarda intellectual de minha Patria, dize-me se quem, estudando nossa historia, invariavelmente enxerga profetas do passado remoendo insolencias á maneira pela qual assentámos praça na fileira dos povos livres, tem ou não o direito de perguntar: mas que era que os Andradas deveriam ter feito? Como deveriam ter procedido na tarefa da Independencia?

Sim. Dez vezes sim. Cumpre frizar, mas frizar bastante, frizar sem rodeios, sem subterfugios, essa absurda circumstancia: dos censores que vivem e viveram a publicar os erros dos Andradas nem um indicou quaes deveriam ter sido os seus acertos! Alguns mostrando-lhes eu esse aspeto da questão, se restringiram, em resposta, a ficar com a cara de enxabida do obsesso consciente; um delles, porém, decorrido minuto de meditação que delicadamente considereei profunda, replicou defender eu os Andradas porque delles descendente. Que, por não sê-lo, os acuzava o trapalhão, dezisti de treplicar.

Aos Andradas nada se perdoa. Nem uma atenuante lhes abranda as padecidas sentenças. Suas ações mais explicaveis pela intenção, pelo momento, pela tardança das communicações, pelo tamanho da responsabilidade assumida, são processadas e julgadas por inexorável prevenção. Aos seus adversarios tudo foi e é desculpado, tudo é e foi permitido; uma convencional taciturnidade dissimula seus telhados de vidro. A tolerancia, porém, pede limites.

As frouxidões monetarias de Ledo; o lembrete material a Mont'Alegre pelo moribundo Braulio Moniz; as anormalidades de Evaristo da Veiga; os ardores de Januario; a legitimação da Goyaz pelo visconde de S. Leopoldo; Diogo Feijó e o morticínio de Mato-Grosso, e a provoca-

da e evitavel revolução do Rio Grande do Sul, e a violenta fraude eleitoral de 1833, e a recusa de garantias da vida a Antonio Carlos, e o fuzilamento de prisioneiros na Ilha das Cobras, e a exigida falsificação da lista senatorial do Espirito-Santo para escolha immediata de intruzo sem votos, e a dezistencia regencial num manifesto banalissimo, e a revolução de 1842 rebentada contra intuitos e ordens de Tobias de Aguiar: foram realidades publicas, deprimentes, que não receberam, da generalidade dos nossos cronistas em curso de restrições mentaes, paragrafo que as acuzasse, adjectivo que as punisse.

Toca as raías da chacota tanta persistencia no abuzo de dois pezos e duas medidas! Governo, podia e devia Feijó espionar os Andradas opozicionistas; opozicionista, não devia nem podia Feijó ser espionado pelos Andradas no governo. Prezos repentinamente, atirados com suas familias durante 54 dias aos azares do Atlantico e dum navio podre, não deviam nem podiam os Andradas receber pagamento de suas aposentadorias legais, lançando-se-lhes até sobre a memoria 124\$000 gastos a bordo em alimentos de má qualidade; seus adversarios, porém, consultados quanto a locaes para rapida auzenia, e recolhidos á Patria logo que a Independencia pareceu solidada, tinham direito a todos os vencimentos, a todas as garantias de vida, e ainda são chamados á posteridade como martyres do dever e victimas da prepotencia!

Não para nisso a injusticia. Cresce o acinte na leviandade. Os 6:999\$000 de aposentadorias recebidas durante o exilio, e que devem constar da escrituração do Tezouro, foram, em tumultuaria afronta á veracidade orçamentaria, por investigadores que se zangam quando se lhes requer a troca da invencionice pelo documento e a permuta do improvizo pela prova, convertidos em despesas do Brazil com a volta dos Andradas. Insensatez. Inverdade. Excede larguras de utopia a compra de seis passagens da França pa-

ra o Brazil, em 1828-9, por sete contos de réis.

Fatos divulgados: Antonio Carlos embarcou para o exilio tendo cedido, por procuração que conseguiu passar em 12 de Novembro de 1823 á noite, na fortaleza da Lage, officio de justiça lotado em 25\$000 por mez; Martim Francisco exerceu professorado particular em Mussidan; Jozé Bonifacio, apesar da venda de sua colleção mineralogica para occorrer sustentação da familia, só pôde embarcar para o Brazil depois dos irmãos, pagando meia passagem e comprometendo-se a saldar o faltante á chegada. Eram pobres, e normalmente os orçamentos consignam verbas para sustento de prezos pobres. Restituíu-lhes o Tezouro as despesas viajeiras? Certo, das dos seus adversarios, pagas, ninguém indaga; fôra perturbar concerto de criminações que têm ido até o ultraje.

Para calmante aos assanhos exploradores de pendencias alheias — e exeluo desse delito a sinceridade testemunhal de Machado de Oliveira, a tradicional competencia de Homem de Mello, a erudição consciencioza de Antonio Piza e a illustração lealissima de Alfredo Varela — cumpre rememorar que Feijó e os dois Andradas sobreviventes ao Patriarca morreram amigos, collaborando na arregimentação do partido liberal do sul do Imperio contra a forte organização conservadora preparada por Bernardo de Vasconcellos desde 1837; que Jozé Clemente (Jozé-pequeno, como o chamavam por ser de estatura menos que mediana, e elle achava graça) na communicação á Maçonaria, em 1838, da morte de Jozé Bonifacio, patenteou quantas pazes fizera com o seu antigo commandante na campanha peninsular; que a Mont'Alverne intentaram Martim Francisco e Antonio Carlos, ministros em 1840, dar um bispado, não o conseguindo ignoro porque (Que falta já me faz o Fazendal!).

Dos tres irmãos foi sempre Martim Francisco o preferido da malevolencia; era o mais moço e o mais lutador. Officio de Franca e

Horta qualificava-o de o homem mais pernicioso da capitania. Era-o para os perniciosos. Funcionario limpo, chamára a contas as atrapalhadas contas de Varnhagen na administração do Ypanema. No *Diario de Viagem ao Tibagy* manifestara-se contra o trafico africano, animando-se a aconselhar limitação legal ao castigo dos escravos. Impedira monopolio de carnes tentado pelos ricos da capital. Devolvera negros de contrabando, que magistrado poderoso lhe dera em aluguel para serviço rural na Ilha de S. Amaro. Dizia o que pensava; fazia o que dizia.

Contra essa incommoda creatura todas as armas serviam; o *Martim coronel das novidades*, galhofava na viola um estribillo do tempo; sendo *insuportaveis os atos de despotismo do coronel Martim*, exordiava a representação ao principe regente, sem indicar atos de despotismo, mas extravagantemente arrazoando expulsar tambem de S. Paulo o brigadeiro Rodrigues Jordão por ser notorio amigo daquelle coronel.

Cansa e dóe, dóe e assombra tanta perversidade! o eazo do Chaguinhas, esse então, irrita e enjoa. Precedida de fingido espanto relativo a enforcamento em epoca que os munerava quiçá mensalmente, sua patibul narrativa superabunda em mentira calculada. Vejamo-lo, porém, em sua nudez veridica.

Por atrazo de soldos um batalhão se revolta em Santos; Chaguinhas, commandante, não podendo conter os amotinados, capitanea-os; cazas assaltadas; morticínios; crianças trucidadas; alguns revoltosos enforcados nas vergas de navio que se defende; descida de tropas da capital; dominação da revolta, constituição legal de tribunal militar presidido pelo coronel Daniel Pedro Muller, inimigo dos Andradas, membro do governo e individuo de provados e superiores meritos; condemnação unanime de Chaguinhas á morte; interposição e indeferimento de recurso; applicação da pena. Onde, nisso, a culpa de Martim Francisco, que não foi a

Santos, que não pertenceu ao tribunal militar, e que apenas era, como os seus quatorze companheiros, membro do governo provizorio? Onde?

Vamos adiante. Rebenta a corda do enforcamento. Grupo de centena de populares reclama que não seja executada a sentença. Unanimemente recusa o governo acceder aos reclamantes, sendo Martim Francisco, por ter dotes oratorios, encarregado de transmittir o não governamental. E porque a corda arrebentou, e porque foi Martim Francisco o portavoz dos seus collegas, ficou decidido que Martim Francisco matou o Chaguinhas! E porque a corda arrebentou, os juizes da execução ficaram constituídos especialmente em nova instancia, e tinham obrigação de annullar a sentença!

Data do periodo regencial, quando rugiam rancores em torno á tutoria de Pedro 2.º, a delirante calúnia. Feijó, embarcado por ocasião da morte de Chaguinhas, e demandando Lisboa, discursou ter visto a vítima em terra, esfaqueando-a o carasco. Recentemente, em publicação amparada pelo erario estadual, a primeira competencia artistica de Santos a respeito de molduras, com a normal sobranceira de quem se julga superior ao que ignora, escreveu haver Martim Francisco funcionado como juiz no processo militar de Chaguinhas.

Porque tanta malquerença? As explicações que já dei merecem recebíveis adminiculos. Relativamente novos na zona, algum tanto intruzos portanto, difficilmente os Andradas se adaptaram ás duvidosos glorias então em vigor. Quazi coincidira sua chegada com o fecho da guerra dos emboabas, a entrega do territorio das minas, a invingada derrota do Capão da Traição, a aquiescente evasiva a pretexto do retrato de João V. a indiferença concernente aos desembarques de Duclere e Trouin, a abstenção e a tranquillidade durante a revolta do quinto de ouro em 1720: dezaletos pouco a harmonizar com a altivez afidalgada de familia cujas tradições pernambucanas se filiavam á energica

repulsa do flamengo. De que eram inobedientes, recalcitrantes, abundam provas. Em indelicado officio fôra o coronel Bonifacio Jozé de Andrada deprimido porque recuzára fardar-se e fardar gente á sua custa. Alli pelos annos de 1740 foi nota de escandalo, pela singularidade, licença ecclesiastica ao dr. Jozé Bonifacio Ribeiro de Andrada para transgredir regra de convento a que se recolhera, podendo entrar e sair quando lhe conviesse.

Engrossadas pela massa dos interesses em jogo, as discordancias renasceram por ocasião da Independencia, sendo a continuação de sua nova faze auxiliada, em sua perseverança até hoje, pela peor das qualidades humanas: a ingratidão.

O homem é o mais ingrato dos animaes. O brasileiro é o mais ingrato dos homens. Nossa historia é fertil em ingratidões.

Robustos proveitos o Brazil recebeu dos jezuitas: localização de arraiaes que o tempo foi convertendo em cidades; communicações interiores e alargamento de fronteiras contribuintes da unidade nacional; exclusão do orgulho do franciscano e do fanatismo do dominicano na relativa adaptação do tupi e do tapuia: bastariam para debito de gratidão no ajuste de nossas contas historicas com a sagacissima Companhia. Serviço, porém, maior que esses lhe deve o Brazil. Privilegiado no julgamento de seus membros quando incursos em impiedade ou sacrilegio, desse poder uzou o jezuita para embaraçar no Brazil a malvadez de Inquiisição. Divida de honra, essa! Pagou-a o brasileiro, como?

Quando o marquez de Pombal, explorado, e explorando rixas de familia, expulsou os jezuitas em 1759, o Brazil não protestou. Calou-se. Aderiu, como já fizera ao dominio espanhol e á restauração portugueza.

Foi sempre assim. Assim é e será. Matias de Albuquerque não tem estatua; no norte do paiz não existe rua com o nome de Sebastião do Souto. Jacarehy completamente desconhece o cazo do valente que, ha dois seculos, aventurou revoltosa-

mente vida e capitaes para fornecer sal aos moradores esfaimados. Nosso exército exige que permaneça no exílio o unico soldado do Paraguay que está com o soldo em atraso. Recebendo das mulheres chinezas lições de generosidade, as mães brasileiras têm sido incapazes dum gesto sequer em favor da glorioza septuagenaria que lhes honrou o sexo assignando a liberdade de milhão e meio de escravos. Foi sempre assim. O ingrato esquece com a mesma facilidade com que pede. E, quando não esquece, injuria para fingir imparcialidade.

O que tudo visto e examinado, Capistrano amigo, repergunto-te: vale a pena o livro que aconselhas? Que logar teria elle numa terra que duvida se festejará, soberana, seu centenario de Independencia?

Nações são organismos. Povo perculario que não resgata titulos, entrega bens, ou aceita interdição. Nada de fantazias inuteis; illuzões não pagam dividas; nossos desperdícios anteciparam dez orçamentos, e nossos credores não querem promessas, não querem discursos: querem metal.

Com a chancellaria a reboque, e duas bancarrotas a liquidar perante credores que também precisam de dinheiro, prometemos viabilidade sociologica?

O mundo sabe que substituímos eleições por apurações. Relatam diplomatas haver no Brazil um publico sem opinião publica. Na cidade capital da Patria ergue-se o monumento ao caracter do ajudante general que ajudou a quédia do seu bemfeitor. E queremos existir...

Vale a pena pensar na historia dum povo proximo, talvez, a interrompe-la? Responde-me.

Daqui, terra estrangeira, como me tortura a vizão do deazastre nacional! Andradas e Braganças realizaram a Independencia sem compromissos externos. Os Braganças foram derribados. Os Andradas foram calumniados, e seus inimigos iniciaram esse regimen de emprestimos londrinos cujo mau serviço ameaça de morte a nossa soberania. Que papel nos será imposto na proxima concordata universal? Teremos, após

intervallo secular de Independencia, apenas mudado de metropole? As margens do Tamiza nos serão mais propicias que a foz do Tejo?

Decide do emprego das quatrocentas semanas que, suponho, me separam da desgravitação final. Mas se, antes della, o protetorado estrangeiro mascarar o nosso 7 de Setembro, arranja o cargo de Embaixador da Republica dos Estados Unidos do Brazil, perante o governo do Estado Unido de Republica de S. Marino, para o teu sempre amigo, sempre admirador e sempre discipulo:

MARTIM FRANCISCO

BIBLIOGRAPHIA

E. Roquette-Pinto —
Rondonia — Anthropologia —
Etnographia —
1917.

O nome do sr. Roquette-Pinto já é familiar aos leitores da *Revista do Brasil*; figura entre a dos nossos mais apreciados collaboradores. Vae tornar-se agora familiar a todos quantos se dedicam ao estudo das coisas nacionaes. *Rondonia*, livro magnifico inclusive pelo aspecto material, que elle acaba de publicar, é um capitulo de nossa historia, cheio de coisas novas e interessantes, traçado por um espirito de larga envergadura scientifica e animado do mais claro e intelligente amor á terra natal.

Ha, na Serra do Norte, no Estado de Matto Grosso um nucleo de população selvagem que é, no momento, talvez a mais curiosa de todo o mundo: os indios, que a compoem, viviam ainda ha pouco em plena idade lithica. Até agora estiveram completamente apartados do resto da população do Brasil e, rodeados de outras tribus, durante seculos, fugiram sempre ao contacto dos usos e costumes de seus vizinhos. Causava-lhes surpresa, ha poucos annos atraz, a pelle do homem negro e a do homem branco, que todos os indios do Brasil conhecem.

O sr. Roquette-Pinto, que é professor no Museu Nacional do Rio, foi a Matto Grosso especialmente para estudar essas populações. A *Rondonia*, titulo que é uma homenagem digna e feliz ao grande brasileiro que desbravou os sertões que separam o Paraguay do Amazonas, pondo os dois cursos de agua em communicação por meio de estrada de rodagem e pelo telegrapho, encerra a flôr e o fructo das investigações que pôde fazer. Não é simplesmente um livro de sciencia, rígido frio, impenetravel aos profanos: é tambem um delicioso roteiro de viagem em que estão lançadas, com a brevidade e a singeleza das annotações vivas apañadas em flagrante, todas as observações que, no correr da excursão, acudiram ao espirito sagaz do viajante. Contribuição inestimavel para anthropologos e ethnographos, é ella tambem um companheiro valioso para os exploradores de gabinete: Proporciona a quem quizer, ao par de observações scientificas de elevado alcance, uma excursão commoda e rapida aos sertões de Matto Grosso, a partir de Montevideo, sem nenhum risco e com todos os lucros...

Souza Bandeira — Páginas literarias — Livraria Francisco Alves, 1917.

Encontram-se neste volume varios estudos literarios que o sr. Souza Bandeira, em épocas diversas, publicou em jornaes e revistas e os discursos que tem pronunziado na Academia Brasileira. O sr. Souza Bandeira, já o sabem os leitores da *Revista do Brasil*, da qual elle é um distincto collaborador, tem o condão de escrever com simplicidade e elegancia, dizendo o que quer sem fatigar, antes prendendo o leitor, e dizendo quasi sempre coisas interessantes. A violencia de linguagem e de idéas repugna ao seu espirito calmo e delicado de modo que, analysando homens ou factos, o seu estylo, tocado aqui e alli de um leve tom de ironia graciosa,

nunca se aparta de uma compostura discreta e corre sempre fluido e limpido, sem rodeios inuteis e sem intumescencias de mau gosto.

O escriptor conquista para si senão a maior, uma parte igual da sympathia que sabe despertar no leitor pelos vultos que analysa.

João Luso — Elogios — Edição da Renascença Portuguesa.

O sr. João Luso é um dos escriptores mais completos que o jornalismo desfruta e não consegue estragar. As suas chronicas, os seus artigos mais ligeiros guardam sempre uma linha de distincção literaria e trazem sempre no boleio da phrase, no apuro da linguagem, e no jogo das idéas, a marea de uma obra de arte. A obra pôde variar, e varia de valor, mas, desça embora esse valor, nunca perde o seu character artistico. O jornalismo, que é uma escola de vulgaridades, ainda não conseguiu por o dente da sua ferrugem no estylo deste escriptor e devorar-lhe o colorido que o aviva, a linha, que o aformosea, a ironia, que o afina, e a sympathia, que o aquece. Basta, para vel-o, esta serie de *Elogios* que a *Renascença Portuguesa* acaba de editar...

A ARGENTINA E OSWALDO CRUZ

Uma delegação medica argentina, composta dos drs. Gregorio de Araoz Alfaro, David Speroni, José Aree, Eliseu Canton e João A. Gabastou, é da qual fizeram parte alguns estudantes de medicina, foi pelos medicos argentinos, encarregada de offerecer ao Instituto "Oswaldo Cruz", do Rio de Janeiro, uma artistica placa de bronze, como homenagem á memoria do illustre cientista brasileiro. A delegação foi recebida no Rio e em S. Paulo com as distincções que merecia, patenteando-se mais uma vez a

sincera cordialidade que existe entre argentinos e brasileiros. Foi uma missão muito sympathica, de que os brasileiros se hão de lembrar com gratidão. Na impossibilidade de trasladar todos os discursos trocados pelos medicos argentinos e brasileiros, reproduzimos apenas o do dr. David Speroni, entregando em Manguinhos, a placa de bronze ao dr. Carlos Chagas, director do Instituto "Oswaldo Cruz":

"Excelentissimo Sr. Director, Srs. colegas, Srs. estudiantes:

En nombre del cuerpo médico argentino tengo el honor de ofrecervos esta placa en homenaje de alta admiración para su creador y Director Oswaldo Cruz, Brasileño eminente, sabio ilustre, gloria de la raza latino-americana.

Su pensamiento está expresado en esa alegoría compuesta de la ciencia médica argentina, la humanidad y la higiene que rinden respetuoso homenaje á la memoria de Oswaldo Cruz. La ciencia médica argentina está representada por una figura de mujer clásica y augusta que ofrece una rama de laurel y sostiene el escudo nacional en su brazo derecho; la humanidad por una figura simbólica que enseña, á las nuevas generaciones, á un niño, sus brazos cargados de flores, el nombre de aquel que impuso la salud y la vida allí donde dominaban la enfermedad y la muerte; la higiene está representada por una mujer griega que ofrece sus armas á Oswaldo Cruz, su lanza vencedora y su copa de salud en holocausto á su sabiduría y feliz esfuerzo.

Señores: En nuestra Republica Oswaldo Cruz es conocido en todo su grande merecimiento; cuando la triste noticia de su desaparición llegó á Buenos Aires, nuestras corporaciones médicas: la Academia Nacional de Medicina, la Sociedad Medica Argentina, la Sociedad de Higiene, el Instituto Bacteriológico, honraron su memoria con sesiones extraordinarias y oraciones póstumas y en ocasión de esta visita á vuestra Universidad los médicos de Buenos Aires han querido expresar una vez más su admi-

ración hacia el investigador de magnificas concepciones, hacia el patriota abnegado que consagró su actividad y su vida al servicio de su país; ellos os envían esta placa, fundida en el bronce eterno, para que sea incrustada en los muros de este templo, que el apostol creó con sus altos prestigios é iluminó con la luz, no extinguida, de su genio maravilloso.

Entre nosotros la obra de Oswaldo Cruz se sintetiza en esta fórmula bien sencilla: Antes de Oswaldo Cruz la noble Republica del Brasil, languidecia, muriente, bajo la influencia de la peste y de la fiebre amarilla; despues de su campaña vencedora, el Brasil queda saneado y resurge como en una reconvalecencia con fuerzas nuevas que lo llevan al actual florecimiento; sale así de la angustiosa letargia que degeneraba la raza e impedía su desarrollo económico, para entrar de lleno sana y vigorosa en la vanguardia de la civilización en marcha. Honra y gloria impercedora de aquel, su hijo venerable!

Despertó entre sus compatriotas el sentimiento de la investigación científica; tenía los contornos del maestro bien modelado: justo y bueno, sabio y laborioso, abnegado hasta el sacrificio, era de una modestia que enaltecia su evangelica personalidad. Lo conocí pobre como Jesucristo y ya era grande como un Dios! Era el año 1909; se reunió aquí el IV Congreso Médico Latino-Americano, certamen en el que estaban representadas todas las naciones de América. Los colegas brasileños quisieron honrar en aquella ocasión á su sabio ilustre y nos invitaron á presenciar en este mismo Instituto la entrega de una medalla alegorica á Oswaldo Cruz; aquella fiesta de contornos augustos, apoteosis del genio, dejó en nuestra memoria un recuerdo que nunca se borrará. Era una mañana radiosa como la de hoy; siguiendo este mismo camino que acabamos de recorrer, subiendo la misma pendiente, llegaron hasta la puerta de este santuario aquellos cruzados de la ciencia médica americana. Allí nos recibió Oswaldo Cruz, bajo el

cielo azul; sencillo, modesto, pobre, humano y sonriente, con aquella dulce expresión del apostol. Vuestro eminente clínico el profesor Azevedo Sodré, hizo en un brillante discurso la presentación del genio. Nicolás Lozano, en nombre de la delegación argentina, habló para aplaudir tan alto como merecido homenaje y agradecer la participación que se había dado a los representantes del Gobierno de la Nación Argentina. Después contestó Oswaldo; lo hizo con palabra tan humilde, tan generosa, como si hubiera querido disgregar su gloria para distribuirla entre los colaboradores de su obra magna; su discurso breve, tocante, conmovió hasta las lágrimas. Los colegas brasileños que llevaron á esa fiesta cartuchos llenos de pétalos de rosas los abrieron y dejaron caer una lluvia de flores sobre la cabellera, que, como una fronda de plata, caía de aquella cabeza augusta. Manifestación exelsa de la sensibilidad y del sentimiento artístico de los Brasileños. aquella fiesta clásica, de mitológicas líneas, fue la apoteosis, fue la consagración divina de Oswaldo Cruz. Era pobre como Jesucristo y grand: como un Dios!!

Señores:

La eficaz influencia de la obra de Oswaldo Cruz ha sobrepasado los límites de esta nobilissima Republica; la Argentina ha sido grandemente beneficiada por ella. Los últimos des-acuerdos políticos que tuvimos con esta nación hermana, que tanto queremos de verdad, fueron provocados por aquellas repetidas y prolongadas euarentenas que interrumpian y perjudicaban nuestro intercambio económico; saneado este país, desaparecieron los motivos de aquellas desavenencias; se estableció el intercambio económico, intelectual científico y social; nos conocimos de cerca, con la palabra hablada y tenemos llegado así á esta armonica comunidad de sentimientos en que estamos viviendo; merced a la obra de Oswaldo Cruz podemos llegar con esta frecuencia hasta vosotros para admirar la belleza de vuestra tierra, los progresos de vuestra ciencia y apreciar y sentir de cerca la honda

y entusiasta simpatia que teneis por nuestra patria.

Oswaldo Cruz ha creado este Instituto destinado á la investigación científica, el primero y más grandioso de nuestra América; él ha servido de estímulo para la creación y organización de un instituto similar en nuestra Capital Federal. Como una prolongación de esta escuela científica, un discípulo formado en esta casa, Arturo Neiva, ha dirigido y formado la división de protozoología média en nuestro Instituto Bacteriologico; ya debemos á esta casa un injerto valioso. Esta institución es un modelo en su género, al que tendrán que recurrir las naciones sudamericanas cuando hayen tomado la resolución de organizar la suya propia. La América debe á Oswaldo Cruz esta creación de avanzada cultura humana.

La Republica de Bolivia ha beneficiado tambien de la obra de Oswaldo Cruz. Gracias á la lucha contra el paludismo ideada y establecida por vuestro sabio, ha sido posible la construcción del ferrocarril Madeira-Mamoré que ha abierto un horizonte nuevo al intercambio económico de estas dos Republicas. Antes de la profilaxia del paludismo hecha con toda eficacia en la zona infestada, los obreros caían dizemados, víctimas de aquella endemia; el ferrocarril solo pudo construirse después de saneada aquella región.

Las Republicas de Chile, del Uruguay, del Peru' y las demás naciones de este continente han sentido tambien directa ó indirectamente da influencia de esta obra americana de Oswaldo Cruz.

Señores:

Me he permitido entrar en estas consideraciones porque pienso, en mi carácter de representante del cuerpo médico argentino, que el monumento nacional que esta Republica está preparando, para honrar la memoria de Oswaldo Cruz, debe ser, no sólo un monumento nacional brasileño, sino un monumento continental americano y si esta idea es aceptada por vosotros desde hoy, desde este momento, esta delegación médica se avoca la

iniciativa para darle esa mayor grandeza.

El Gobierno de mi país, aunque no estoy autorizado para hacer ningún ofrecimiento, ha de contribuir seguramente á la realización de este proyecto; si, puedo asegurarvos que la clase médica argentina y el pueblo argentino, siempre dispuesto á colaborar en las grandes acciones, le dará su sanción moral y material, para que en la enorme masa fundida que ha de glorificar al genio vayan amalgamados los sentimientos de afinidad científica, social, económica y afectiva del pueblo brasileño y del pueblo argentino; habremos así levantado los dos grandes monumentos de nuestra América: uno allá en la cresta de los Andes, frente al Aconcagua, la image divina de Cristo, que, serena, vijila la paz americana y la concordia de estos países; el otro, aquí, al pié del Corcovado, el monumento á Oswaldo Cruz, vijilando los progresos de la ciencia médica americana, para felicidad del individuo, el mejoramiento de la raza y la mayor grandeza de nuestras patrias."

O DARWINISMO E A GUERRA

Todas as armas são boas, para os allemães, desde que se trate de sustentar a missão hegemónica da propria raça.

A "Kultur" prova por A mais B que os germanos são os verdadeiros aryanos encarregados de civilisar a Europa. Tudo o que ha nas outras nações de grande e de bello, é um derivado da Germania. Dante era tudesco; Raphael e Miguel Angelo são descendentes directos de Herminio; Jesus Christo era allemão porque tinha os cabellos loiros e os olhos azues!

O papel acceita tudo, e a ousadia em affirmar as theses mais absurdas não conhece limites do outro lado do Rheno.

Si Aristarchos de Samos correu o risco de ser queimado vivo por ter affirmado que o sol era maior que o Peloponeso, hoje, em com-

pensação, von Bernhardt, Reimer, Woltmann, Tonnemberg, podem dizer tudo o que quizerem sem risco nenhum.

Agora é a vez do darwinismo. Schoroeder assegura que, segundo Darwin, os allemães devem venerar porque representam a raça superior.

Na verdade a theoria de Darwin, mal interpretada e mal applicada, por espiritos tendenciosos, pôde servir de conforto e excusa á megalomania tudesca. Mas antes de tudo, vejamos: é a guerra um phenomeno biologico?

Parece-nos que não. Mas mesmo que estivesse provado, como se poderia applicar a elle a theoria de Darwin, na sua parte mais contestada e mais duvidosa e que, no fundo, não passa de uma hypothese?

Demais, os caminhos d'essa selecção natural são varios e multiplos. O proprio Darwin não invocou a guerra como principio genetico e como transformador das especies. A sua observação mostra-nos, sobretudo, a lucta com o ambiente, a adaptação e a sobrevivencia dos organismos mais adaptaveis e resistentes. Mas no seio das especies a lucta é um facto inedito: o lobo não come o lobo e o leão não come o leão.

E a prova que a selecção natural resulta mais da adaptação ao ambiente do que do conflicto e do triumpho sobre as especies ou raças rivais, é que animaes formidaveis da era prehistorica, como o mamuth, o "leo spalius", o mastodonte, desapareceram, ao passo que os termitas, as ephemeris e a humilde barata chegaram até nós, vindos desde a época paleogeoica!

São justamente as formas animaes mais poderosas, mais colossaes, as que desapareceram, servindo os seus restos, hoje, de ornatos espaventosos dos museus.

Donde se conclue que nem a biologia nem o darwinismo dão razão aos allemães, e que nem todas as leis ou hypotheses do mundo physico ou biologico se podem applicar com justeza ao homem e ás sociedades. — J. D.

NA ACADEMIA

BRASILEIRA

A 19 deste mez foi recebido na Academia Brasileira o sr. Luiz Guimarães Filho, eleito para a vaga de Garcia Redondo. Do discurso do novo academico reproduzimos abaixo alguns trechos, assim como do sr. Paulo, Barreto, que o recebeu em nome da Academia.

O sr. Luiz Guimarães Filho tratou da personalidade literaria de Garcia Redondo:

"... Nas *Viagens pelos paizes da ternura* transparece, á vontade, a physionomia moral deste escriptor. Sobre as paginas do livro adreja, maravilhosamente sereno, o Espirito Santo da felicidade familiar. Ellas nos transmittem a poesia dos seus primeiros idylls, a historia dos seus primeros arrufos. — arrufos de namorados que são amores dobrados — o chilreio do seu primeiro filho.

Tudo é alli narrado com um geito commovente e discreto, onde o ridiculo não ousa embrenhar-se nem o braço impaciente da Critica se atreve a metter a foice. Ha, todavia, outro amor que não deixa repoiar o espirito de Garcia Redondo, é o que elle sente pela fecunda Natureza. Em quasi todas as paginas dos seus livros abrolham plantas e corollas, luzem cearas, se enramam bosques, entrelaçam-se amorosos troncos.

O character affectivo da sua individualidade manifesta-se em todos os actos da sua vida: ás pessoas e cousas da sua juventude conservou sempre esse tenaz apego que só acha agasalho nos corações superiormente perfectos.

Já professor da Escola Polytechnica de S. Paulo, parte um dia para Coimbra, no intuito de rever o quarto do seu tempo de estudante. No mesmo dia da chegada, ao amanhecer, ás horas em que as lindas lavadeiras acordam o Mondego com a jovialidade das suas vozes, o illustre escriptor escapa-se sorrateiramente do hotel, onde alojára a fa-

mília, e ali vai subindo lentamente a ingreme rua, olhando para as fachadas de todos os predios, que não haviam envelhecido como o seu rosto, pisando as roliças pedras da ladeira, que o tempo não havia tornado mais macias, no descortino da casa das velhas Seixas, onde trinta e quatro annos antes o seu coração ainda não provára as coleras da vida. E sobe a mesma escada de degrãos baixos, a escada de João Penha! e abre a mesma porta de madeira roida, a porta de Gonçalves Crespo! e arrima-se á mesma parede de cal desmaiada, a parede de Guerra Junqueiro! e afinal bate palmas como trinta e quatro annos antes...

— Que deseja o sr. doutor? indaga uma voz de mulher.

— Quero visitar o predio, senhora.

— O predio está alugado. O senhor é da Hygiene?

— Sou um antigo morador desta casa e venho visitar o meu quarto, se a menina der licença.

— Pois não, concede a dona da voz, apparecendo ao antigo estudante, como uma enviada, talvez das velhas Seixas que teriam ouvido, na paz do tumulo, a supplica do seu hospede. Mas ha gente no quarto, um quintannista de Theologia, que ainda não acordou. Não pôde voltar mais tarde?

— Ai, se soubesse a pressa que tenho de rever o meu quarto...

— Então, venha commigo, meu rico senhor...

— Era aqui o quarto do Pareto, murmura o autor das *Caricias*, estacando no primeiro patamar

— Agora é o do sr. Simões, elucida a tricana.

Outro lança mais e eil-os em frente a uma porta de tristonho aspecto. *Anima rerum*, Garcia Redondo inclina-se, recolhe a chave que jaz no soalho, debaixo da porta, como trinta e quatro annos antes, mette-a na fechadura, dá a volta, entra... Era o seu quarto! Os mesmos muros, a mesma janella, a mesma cama de ferro no mesmo lugar de outr'ora! O estudante de Theologia empina-se no leito, alvo-

roçado com tão inesperada visita.

— E' aqui o cavalheiro que morreu neste quarto, ha trinta e quatro annos e quiz tornar a vê-lo, explica a amavel cachopa.

O futuro capellão reengolfa-se nos lenções e Garcia Redondo queda-se, contemplativo, dentro daquellas quatro paredes que tantas boas cousas lhe diziam!

Subito — que é isso? está-se lembrando de tristezas? interroga a pobre mulher fitando os olhos no seu rosto... E' que surprehendera uma lagrima que elle em vão procurava reter, homenagem silenciosa á juventude desaparecida!

...A convivencia com os melhores espiritos da geração de Coimbra influíu poderosamente na formação literaria deste notavel academico. Leituras dos mestres methodizaram e fortaleceram o seu irrequieto talento. Maupassant e Carlos Dickens, Heine e Eça de Queiroz, Gautier e Gonçalves Crespo, chamaram-n'o ao amor das curiosidades artisticas. Findos os estudos preparatorios, Garcia Redondo regressa ao Rio de Janeiro e matricula-se na Escola Central, de onde sahe em 1876 sobraçando um diploma de bacharel em mathematicas. Constrôe o theatro Guarany, vulgariza as estradas de ferro de bitola reduzida, canaliza as aguas thermaes de Poços de Caldas, funda o Instituto Historico de S. Paulo, é nomeado professor de botanica e zoologia, lança revistas, collabora em quasi toda a imprensa das duas capitães. Em 1882 publica os *Arminhos* e, a partir desse anno, o seu talento parece acommettido de uma febre sem intermittencias. Aos *Arminhos* succede o *Attentado da rua S. Leopoldo*, depois vêm as *Caricias*, em seguida a *Choupana das Rosas*, as *Molestias e bichos*, a *Salada de frutas*, *Através da Europa*, *Conferencias literarias*. E' autor dramatico. E' abolicionista. E' historiador. E' critico de arte. E' até feminista.

No estudo deste inesgottavel assumpto é que o nobre academico mais nitidamente revela a feição bondosa do seu caracter. A sua

penna está sempre á mercê dos opprimidos. A sorte da mulher inspira-lhe paginas de uma grande elevação moral, combatendo sem trevas o despotismo do homem. Para elle o homem "é brutal e egoista, mantendo em si o germen da fera inconsciente. Escravisar, escravisar, eis o thema da sua eterna preocupação. Para oppôr uma barreira a esse dominio é indispensavel que as mulheres se levantem em massa e, por sua vez, neguem tudo a quem nada lhes quer dar."

... Garcia Redondo, que mostrava pelos infortunios alheios uma grande commiseração, era para a propria dôr de uma estoica philosophia. Cultivava, com certa voluptuosidade, a memoria das maguas intimas. Tinha a nitida comprehensão da inutilidade de combater o irremediavel. Os systemas metaphysicos que negam a entidade do Mal deviam de se lhe affigurar absurdos nesses momentos de suprema angustia. Elle bem sabia que na vida os dias felizes são apenas breves entre-actos da immensa tragedia que é a historia dos homens. Duas vezes combalido com a morte das filhas, não perde o equilibrio moral em presença da espantosa catastrophe.

Transforma-se no tumulto vivo das crianças mortas. Não blasphema, como Guilherme Braga, á beira dos esquifes:

Hei-de orar? mas na sombra da

|consciencia

Não me luzem cá dentro ignotos

|brilhos!

Hei-de crer? mas a mão da Pro-

|videncia

Tem garras para mim... rouba-me

|os filhos!

Alma delirantemente panteista, é ao regaço da natureza que vai entregar o coração coroado de martyrios.

Tudo canta e ri, no cemiterio onde as mortas se esquecem da vida... "O lyrio branco faz madrigaes ás rosas, a hera abraça os troncos" e do marmore alvejante cresce para o céu uma onda de tão ethereos aromas que pouco a pouco se lhe suavisa a immoredoura

afflicção... "Vamos, coração, enfeitá-te. Ha nos muros madreilvas cheirosas, anêmonas e lyrios nos canteiros fôfos. Cobre-te de flôres, coração torturado, e assim disfarçarás a tua angustia sob essa capa de petalas macias de perfumes narcotizadores. Eu sei onde ha violetas brancas e róxas, grandes, lindas, alvas e douradas, de corolla de veludo. Eram essas as flôres que Elizinha amava. Corre, vóá, coração dorido, vai a Campinas buscalas e põe-lh'as no seio alvo e candido, depois de o beijares docemente. Mas não chores, pobre amigo, não chores para não atormentares as pobresinhas que soffrem de te ver soffrer."

O sr. Paulo Barreto disse:

"... Apraz-me — e só desta arte a comprehenderíamos! — encerrar a vossa obra como uma daquellas legendas arabes que em torno do "raio da felicidade" se teceram nas miragens dos desertos e nas riquezas dos serranhos. Eu vos vejo adolescente mediteraneo, eleito das musas, abençoado de Apollo, amado de Venus. Dos risos e alegrias o sobresalto é a nostalgia do ignoto. Cantais, e de subito paraís a canção. E' que ao vosso olhar ácenam paizes de porcellana entre festões de glycinas. Partir! Faz-se necessario partir. O destino manda. E caminhaís. O vosso verso espelha a perfeição das cousas: a cada novo amor abandonado, as estrophes do vosso estro desnastram rosas. Seguis enebriado, a memoria de Venus dentro d'alma:

Lembro-me ainda dessa esbelta e flava
Caricia dos teus braços amorosos...
Por mais que evite o encanto os
impiedosos
Perseguem sempre a minha carne
|escrava!

Eram suaves, calidos, cheirosos.
Como doces damascos!... eu beijava
Aquelle morna pelle que tentava
O paladar! Oh braços delieiosos.

Como esquecer as nupcias perturbantes

Os longos desalentos delirantes
Que sem misericordia vós me da-
|veis?

Ah! Torna Venus para o sacro
|Eleuzis!
Fui condemnado á morte pelos deu-
|zes,
E quero-a nos teus braços impla-
|caveis!

Erro melancholico. Do alto Venus sorria. E os deuses todos de concerto seguiram o predestinado com o olhar suave de bondade. De repente o ar escureceu. Sobre os combros das ladeiras e os torrões dos valados, as flôres vermelhas de Proserpina annunciavam a morada do fogo. E no vento suffocante a voz de Hermes Trimegista cantou o vaticinio: "Tu serás o renovador do eterno e grande e palpitante pasmo. Tu tornarás a explicar aos homens o segredo perpetuo das luzes solidas. Tu escreverás o novo lapidario! Retomarás a multifôrme explicação do mundo e a teus pés terás o mundo sem reflexão: as religiões e as negações, as superstições e as volupias, os artistas e as mulheres, os rajahs da India e as odaliscas do Grão Mogol, as Imperatrizes romanas e os sabios de Alexandria, as doze tribus da Biblia e as bayadeiras de Visapur, O Rational e Satanaz, a cinta do Papa e os feiticeiros medievos, todas as tentações e toda as virtudes. E Helena a que se dá, e Margarida a que se colhe, sob a gargalhada infinita de Mephistopheles..."

Disse, e todas as flôres desfolharam-se em joias. Diante de vós a terra era miraculoso thesouro de gemmas a luzir. Com a graça de Deus, no vosso olhar em vez do extase morava a sabedoria accumulada; e vós, em vez de bolantim correndo sobre maromas de côr a jogar com as pedras os signos zodiacaes, ereis de subito o explicador transcendental do iris subterraneo. O inicial Theophrasto, Democrito, que dizia haver nas pedras alma elementar, Dioscoridão que lhe deu propriedades medicas, o Consul Rutilianus, Plinio, Da Vinci, e os anony-

mos escriptores dos lapidarios chinezes que classificavam a pedra o osso da terra, e os ignorados receitistas philosophos dos lapidarios asiaticos, e os tropologistas da sombra da decadencia dos Imperios — abriram-se ao vosso entendimento. E o grande segredo attribuido na idade media a Evax Rei da Arabia, a Enoc, ao Rei Salomão e ao proprio anjo Gabriel — vós o relevastes, contando a correlação de cada uma pedra, com os astros, com os mares, com os campos, com os mezes, com a molestia, com o amor, com a Belleza. No enorme thesouro refulgente amontoavam-se as pedras da Kabala que jámais ninguém viu: a aleioctica que se encontra na cabeça de um certo gallo, a aquilaria que só se via nos ninhos das aguias na Persia, a silonite formada no corpo das tartarugas da India, a mephite que afasta a dor, a feripendanus e a androdamas, pedras de fogo. E, recordando penugens de passaros irreaes crystalizadas, pedaços de astros frios e vidramentos de flôres eternizadas, sob a regencia indomavel de adamas, o diamante scintillava a symphonia das pedras que todos vêem. Mas vós dizeis a cada uma o proprio segredo. Entre as aguas marinhas azues, brancas, verdes, de um pallido translucido — o vosso verso aconselhava:

Fugi desses vagos
Clarões aziagos
O' ruivas Princezas, ó loiras rainhas!

Fugi, para serdes
Ditosas, das verdes
E falsas pupillas das aguas marinhas.

Deante da amethista "da côr dos olhos de S. João Baptista" murmuráveis os versos de oleo perfumado:

Tens os fulgores, debeis e frouxos,
Da luz das tochas no altar dos santos...

Corres nas veias dos lirios rôxos
E nas umbellas dos agapanthos...

Nas florescencias da Natureza

Vejo-te aos montes pelos canteiros,
Pois as violetas são, com certeza,
As amethistas dos jardineiros.

Entre os aludes rubros dos rubis,
o vosso engenho via, além, a
tragedia do bem:

Parece, ao ver-vos, que ao drama
assisto
Rubis purpureos, que eternizaes
Todo o Calvario de Jesus Christo
Na luz dos vossos febris cristaes...

Enxergo o lenho da atroz tortura...
Os vis insultos da plebe escrava...
E o sangue vejo na santa e pura
E rota carne que palpitava!

Da Dôr nascestes, rubis do Oriente!
Das mãos do Christo, pregado á Cruz!
Sois frias gotas de sangue ardente...
Gotas de sangue... cheias de luz...

Caminhaes entre ardores e chispas como numa fauna em que metarmophoseaes as pedras — agathas, coraes, beryllos, "onixes", granadas, pedras da lua, crysolitos, topasios, saphiras, esmeraldas, sardonicas, perolas, feitas das gotas do orvalho da manhã na valvula das ostras. E como á procura de um enorme acôrde universal, deante da opala, dizeis estas palavras devinatorias:

De blasphemias coberto e de afeições alheio,
Teu nome faz fugir os credulos mortaes...
Ha feitiços na luz dos teus olhos fataes...
E's a fonte do medo e do perpe tuo anceio...

Mas eu que sempre amei teus raios sideraes,
Eu oiço no teu claro e matizado seio,
Um canto luminoso... um rutilo gorgoeio...
O hymno da tua alma a todos os cristaes!

A saphira, o topazio, a perola, o berylo,
 Buscam no teu regaço um fulgu-
 rante asylo...
 E embora o amor te evite e o mun-
 do te rejeite,

E's a pedra immortal dos magicos
 Um pedaço de céu destacado do ar-
 Um naufragio de luz... numa gota

Sobre essas pedras animadas pela nigromancia do vosso estro, luzia Venus. O descobridor do conto arabe não podia deixar de ver, ao phenomeno da autoglyptica, nas pedras gravadas: — andromedas, berenices, floras, dianas, as mil e uma visões da fôrma feminina. Assim, cada pedra nas vossas mãos é um gamapheu providencial e conta do vosso anhelto, aquelle que vos fazia dizer:

Opala: muda sempre e serás a har-
monia!

Poeta: ama a mulher nos braços
[das mulheres!

Aquelle aneio de perfeição que ainda agora gravemente vos fez pregar todos os direitos para a mulher, fiel ás palavras que os evangelhos apocryphos fazem de Jesus: "Respeitae a mulher, porque é a mãe do universo e toda a verdade da criação vive nella. Ella é a base de tudo quanto é bello e bom, como é o germen da vida e da morte. Della depende a existencia dos homens, porque é para elles o apoio moral e natural em todos os trabalhos."

Hermes Trimegista, a vós eternamente joven, dera os lapidarios para compôr a maravilha. Do alto Olympo Venus vos seguiu — Venus, que está nas flôres e nas pedras, sendo Iris a alliança das côres, Venus, que é a vida nocêo, porque abre o dia e fecha o ocase, sempre perto da lua, Venus-Mulher, balsamo do coração. Assim realizastes, no “claro obscuro de um esplendor resplandecente”, a vossa

obra, a revelação das pedras com a força persuasiva do unico valor positivo: o amor! E de nenhuma sei que a fama diga mais encantadora."

A PINTURA NO BRASIL

Recebido no dia 14 do corrente mez, no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o sr. Laudelino Freire pronunciou então um discurso, em que tratou da pintura no Brasil. Eis os principaes trechos desse trabalho:

... A quanto possam remontar as referências dos que do nosso passado se têm occupado. é hoje facto que se não pôde pôr em duvida, que os primeiros pintores que vieram ao Brasil foram os seis pintores holandezes trazidos pelo Principe Mauricio de Nassau, quando, em 1637, veio apossar-se da colonia do norte do paiz, dos quaes apenas sabemos os nomes de Frans Post, Zacharias Wagner e Eckhout, este irmão de Gérbrandt, discipulo de Rémbrandt.

Os forasteiros hollandezes não encontraram terreno preparado e ambiente propício para germinarem. Tudo lhes fôra esquivo e contrario. Safaros o negro, o indigena e o portuguez de "cubica dessas cousas". E uma vez expulsos, tambem expulsa ficara a arte peregrina, que, por accidente da historia, aqui tentara aninhar-se.

Perdido que foi esse ensejo em que, sob os melhores auspícios, poderia ter despontado a arte, outro não se nos deparou no transcurso da vida de colônia.

E' lendaria por essa época a existencia na Bahia, de um Euzebio de Mattos, como pintor laureado. Se de facto existiu, o seu pincel e obra não transpuzeram os tempos.

A singular aparição da biso-
nha figura de Frei Ricardo do Pil-
lar, é outro episodio que não lo-
grou sequer transformar-se num
antecedente.

Dão-lhe, é certo, virtudes mo-
raes de raros encantos. Sob a sua

sotaina de monge soffredor e arre-diô das paixões mundanas, pulsava um coração de incomparavel bondade que, unida á doçura da sua palavra, era o allivio de quanto desgraçado se acceava do claustro de S. Bento. Posto que muito tivesse produzido, segundo o testemunho de Porto-Alegre, que salienta como a obra prima do frade beneditino a Imagem do Salvador, pertencente áquelle mosteiro, nenhuma influencia exerceu. Não teve discipulos e por isso não chegou a ser um precursor da pintura. Passou a vida dentro das quatro paredes do claustro a que se condemnara, entregue a um mysticismo morbido, que de todo o afastara do convívio com os homens. Assim vivera trinta annos, vindo a fallecer em 1700.

Só na segunda metade do seculo XVIII é que surgiram os percursores. E estes foram — José Joaquim da Rocha com os seus discipulos, na Bahia; José de Oliveira, João de Souza, Manoel da Cunha, Costa e Silva, José Leandro, Brasi-liense e Solano, nesta cidade.

Que arte, porém, poderiam ter feito estes homens no meio inculto em que medraram?

As condições mesologicas do Brasil, no terceiro seculo da sua civilização, ainda não permittiam o surto de uma arte superior. No seio da sociedade em que elles viviam, formada por um conjuncto de elementos ruins e explorada pela ganancia, crueldade, intriga e fereza da época, seria inadmissivel a existencia de grandes artistas. A arte que então irrompera não podia deixar de ser acanhada, inferior, balda de inspiração. Era principalmente o producto da fé religiosa, que lhe determinara e traçara o circulo das inspirações.

Fôra aquelle reduzido grupo de mediocres pintores sacros, retratistas e decoradores que aqui viera encontrar a côrte de D. João VI.

O Rei, querendo aproveitar a capacidade de artistas francezes que, como elle, foragidos, vieram buscar asylo ás nossas plagas, e que lhe buscaram a sua real e graciosa pro-

tecção para serem empregados no ensino, creou, por decreto de 12 de Agosto de 1816, a primeira escola de instrucção artistica no Brasil. Houve por bem mandar que se lhes pagassem pensões que ainda, por effeito da sua real munificencia e paternal zelo pelo bem publico, lhes fizera mercê para a sua subsistencia, determinando-lhes firmassem contrato pelo tempo de seis annos, o que posteriormente foi feito.

Os termos do decreto real affastam desde logo a hypothese de terem sido mandados contratar no estrangeiro artistas que aqui vieram ter em virtude dos successos politicos occorridos em sua patria por occasião de subir ao throno Luiz XVIII.

Com o aproveitar-lhes as habilitações, prestou D. João inolvidavel serviço á nossa cultura.

E' facto que essa colonia de francezes, tão liberalmente aproveitados em prol da nossa nacionalidade, para logo entrou a desfazer-se. E taes foram as difficuldades para a realização dos fins a que se obrigaram que só dez annos mais tarde, a 25 de Novembro de 1826, ficara definitivamente instalada a primeira academia artistica.

Por essa época, do primitivo grupo aproveitado, que em começo se compunha de 11 artistas, restavam apenas Grand Jean de Montigny e João Baptista De Bret.

E' na pessoa deste eminente artista que a pintura brasileira entra na sua phase organica, já hoje dividida em duas grandes épocas — uma de formação e outra de desenvolvimento.

Da primeira que se estende até 1860, foi elle o factor principal. Coube-lhe formar o primeiro grupo de pintores nossos, que foram — Porto Alegre, Francisco Amaral, Francisco de Souza Lobo, Arruda, Carvalho dos Reis, Simplicio, Moreira e Affonso Falcoz. Em Julho de 1831, com a consciencia do dever cumprido, regressou á patria. Aqui, porém, deixára o seu grande esforço fructificado, e assegurada á cultura artistica a continuidade necessaria na pessoa dos discipulos,

que mais tarde se fizeram mestres.

De Bret leccionara a pintura historica. Secundara-o no magisterio o vulto, por muitos titulos sympathico, de Felix Emilio Taunay, o segundo barão deste nome, a cargo de quem, desde 1824, ficara o ensino da paizagem.

Da acção inicial e conjunta destes dous illustres artistas francezes, resultara a formação, já em nosso meio, de pintores, cujo merecimento não pôde ser contestado.

Entre estes excellen Augusto Muller e Agostinho da Motta, os maiores artistas da época de formação, seguindo-se-lhes Corrêa de Lima, Maximiano Mafra e Leão Palliere.

Augusto Muller, nome hoje injustamente esquecido, foi o mais notavel artista da sua geração e um dos maiores pintores brasileiros. A sua arte é larga e vigorosa. *Jugurtha na prisão*, o *Retrato de Montigny*, que figuram na Galeria Nacional, são disto comprovação.

Com estes primeiros artistas começara a accentuar-se a tendencia da pintura para libertar-se da estreita preocupação do estylo decorativo e do genero sacro, e em cujo trabalho não se deixara de fazer sentir a acção de pintores estrangeiros, que aqui se vieram domiciliar. Ferdinando Krumoltz comnosco convivera dez annos, elevando a pintura do retrato; Julio Le Chevre, por espaço de um lustro cooperou esforçadamente para o desenvolvimento da pintura de genero; Vinet, nosso hospede de vinte annos foi um interprete fiel da natureza brasileira, em contraste com a technica amaneirada, minuciosa, mas, todavia, inconfundivel do seu emulo Facchinetti; Baptista Borely iniciara a pintura a pastel; e Henrique Fleiuss, delicado aquarellista, foi grande professor das artes graphicas.

A despeito dos progressos da technica da evolução gradativa da pintura dos claustros e das igrejas, das irmandades e dos conventos para a pintura de todos os generos — faltava, contudo, á arte a indispensavel liberdade e, consequentemente,

um mais largo conceito esthetico. Começava ella a expandir-se, é certo, mas detida nos circulos, que lhe traçaram a realzeza e a igreja. Ao espirito aulico que se impunha ao artista, esguia-se-lhe uma especie de determinação tacita para que "não ultrapassassem as raias de uma mediocridade discreta".

Dahi a ausencia nos pintores da época, do que poderíamos chamar o "instincto de nacionalidade", unico capaz de mover o artista, como representante da sua raça, a contrapôr-se aos excessos do idealismo da sociedade do tempo e a beber inspirações na harmonia da crença com o sentimento patrio.

Tal fôra a situação a que attingira a pintura até 1860.

Transposta a primeira metade do seculo, firmados estavam os factores fundamentaes da vida constitucional do paiz — a independencia, o throno e a ordem. O Brasil firmara-se na politica, prosperara na economia e desenvolvera a cultura.

Acontecimentos de varias ordens e de procedencias internas e externas reflectem-se sobre a nossa consciencia.

De um lado, a guerra do Paraguay, a questão do elemento servil e a luta religiosa abalam as consciencias, e agitam fortemente a alma nacional; de outro, chegam-nos os écos da guerra franco-prussiana, do advento da Republica em Hespanha, a queda do segundo Imperio napoleonico e immediata proclamação da Republica em França.

A vida litteraria attinge á phase brilhante da segunda geração romantica. Os poetas identificam-se, communicam-se com o meio social em que florescem; e a sua poesia, unida de sinceridade, já é a expressão da alma de um povo, ao cabo de tres seculos de vida historica e de algumas dezenas de annos de vida autonoma.

Como a litteratura, a pintura não poderia deixar de reflectir os salutaros effeitos de tão poderosos elementos de renovação, e nesse ambiente de maior liberdade espiritual, em mais dilatado campo de

inspirações, entra a desenvolver-se nas propícias condições que o meio já lhe proporcionava.

E é precisamente nesse momento historico que nos apparecem as figuras dominantes de Victor Meirelles e Pedro Americo.

Através do seculo decorrido — foram elles os que firmaram a época de verdadeiro desenvolvimento da pintura, ao mesmo tempo que foram os seus maiores representantes. Iniciaram o que poderia chamar a nacionalização da arte, passando a pintura a inspirar-se no sentimento das cousas patrias e embeber-se em motivos propriamente nacionaes — Arrancaram-n'a dos laços em que a detinha a estreiteza do meio e elevaram-n'a a concepções mais amplas e á cultura de todos os generos. Revestiram-n'a de fórmãs brilhantes e a souberam concretizar em télas que nos honrariam em qualquer meio adiantado e culto. Por fim, emulos e competidores, na verdadeira luta artistica, se tornaram os nossos maiores mestres.

A influencia de Victor sobreexcedeu a de Americo no ministrar o preparo technico, na dedicação ao magisterio, no esforço em pról da formação de uma escola brasileira, assegurando a continuidade da cultura nos discipulos que preparara e que vieram a formar as gerações de 79 e 84. A nenhum outro pintor foi dado exercer acção mais significativa e preponderante.

A obra de Pedro Americo, porém, sobreleva-se na unidade criadora das manifestações do genio.

Em nenhum momento da nossa desenvolução, tivera a pintura pinceis que a traduzissem com accentos de inspiração tão subida, de mais nobre pensamento e superioridade de expressão. Se o sentimento, a correção esthetica de cada um tem, por vezes, uma feição especial, traduzindo-se na variedade dos themas, acções e episodios de que se occuparam não raro a emoção os unificara no mesmo culto do amor civico, do entusiasmo pelos feitos da historia, pelas crenças e

lendas dos nossos homens e da nossa cultura.

Não vos fatigarei como o estudar a significação da obra de cada um destes dous grandes Brasileiros. Nella apenas procurarei transmitir a impressão da identidade de sentimentos que os irmanara na criação da epopéa na pintura.

As primeiras manifestações do talento de Victor Meirelles se concretisaram na *Primeira missa do Brasil* e na *Moema*, trabalhos de fina e apurada arte. A *Primeira missa no Brasil* foi o primeiro quadro de pintor brasileiro exposto no salão de Pariz. Com a *Moema*, o autor conquistara a laurea do nosso salão de 66.

... Por seu lado, Pedro Americo se estréava nos mesmos vãos de inspiração fecunda e grandiosa.

Pintando a "Carioeca", quando ainda não tinha os seus 21 annos completos, não quiz nella deter-se numa nova reprodução da belleza tradicional da arte, não "violantando a nymphã grega, exilando-a dos valles da Arcadia para as florestas e fontes da Guanabara".

A nymphã da Carioeca é brasileira, e sua belleza a das nossas patrias; a sua "Carioeca", aprecia um critico francez, a mãe da agua, a náíade, a suave filha das aguas, do perfume e dos raios do sol americano, é morena como uma Andaluza, de cabellos negros como a aza da tormenta e flanco avelludado, com ondulações da serpente e graciosa virgindade das espadas da onça indomavel. Antevê-se naquelles olhos fitos, naquelles profundos olhos luminosos, o resplendor mysterioso do horizonte em noites de tempestade chammejante, e do negro abysmo do mar em cujo seio floresce o coral voluptuoso e a perola se esconde na crystalina crysalida.

"Como são bellos, como são penetrantemente irresistiveis os contornos da náíade brasileira, cuja pelle amorenada e rica de um sangue virgem faz o effeito das lampadas de alabastro coradas pela restea da luz interior e vival!

Como Victor, Pedro Americo

transportou também para a tábua o infortunio de Moema, rolando á flor das aguas, numa suave transparencia de belleza e graça.

Todas essas manifestações, porém, senhores, não eram senão prenúncios de uma arte mais ampla e vigorosa, com que os dous grandes artistas haviam de perpetuar os acontecimentos da historia, que já eram patente affirmação do nosso espirito de nacionalidade.

Chegamos ao mais brilhante decennio, no qual parece que todas as forças e energias, até então latentes, se manifestam na mais alta expressão de vitalidade.

Na philosophia, o Visconde do Rio Grande dá á publicidade o primeiro trabalho vasado nas correntes do naturalismo darwinista, opondo-se ao impenitente espiritualismo. Na sciencia, são accrescidos os novos cursos profissionaes das cadeiras referentes ás sciencias physicas e naturaes; surgem os estudos originaes de anthropologia, archeologia, ethnographia e historia natural, pelos sabios Lacerda Ladislau Netto, Rodrigues Peixoto, Ferreira Penna, Orville Derby, Hart, Fritz Muller. Ruy Barbosa surge no scenario do pensamento brasileiro, assombrando-nos já com a vastidão da sua cultura, na Introducção do "Papa e o Concilio". Na politica, o ideal republicano se consubstancia num manifesto e se concretiza num partido. A mancha indelevel da escravidão recebe o primeiro golpe, com a aurea *lei do ventre livre*. No romance, Machado de Assis, seguido de Taunay e Franklin Tavora, succede a Alencar. Na poesia aos ultimos e geniaes representantes do romantismo, Castro Alves, Fagundes Varella e Tobias, succedem os primeiros cultores do parnasianismo francez, que foram — Luiz Guimarães e Machado de Assis. O cantor immortal do Guarany firma-se nas scintillações de seu genio musical.

Finalmente, nas artes plasticas, é a pintura que se eleva ao esplendor e brilho desse decennio entrando num periodo de florescencia como jámais tivera attingido.

Victor e Americo, depois de terem produzido, o primeiro — "O combate naval do Riachuelo" e a "Passagem de Humaytá", e o segundo — "O passo da Patria e a batalha de Campo Grande", elevam a sua nobre arte á altura da "Primeira batalha dos Guararapes" e da "Batalha do Avahy", as mais potentes manifestações, ainda hoje inexecedidas, da nossa cultura artistica.

O autor dos "Guararapes", proseguiu no caminho do verdadeiro fundador da pintura brasileira, chegando, por fim, pouco antes de fallecer, a dar-nos os seus inolvidaveis panoramas, através de inauditos esforços, cuja narrativa seria a de uma pequena tragedia.

Imaginassemos representar a producção do excelso autor do "Socrates afastando Alcibiades dos braços do vicio" — por uma pyramide de luz, cuja base assentasse na "Batalha de Avahy", e em cujo apice brilhasse a imagem seductora da Carioca brasileira — em cada uma das faces luminosas do polyedro refulgiria o genio do artista, cujo admiravel pincel houvera debuxado — A Noite acompanhada dos genios do amor e do estudo, Judith e a cabeça de Holophernes, Joanna d'Arc, O voto de Heloisa, A Virgem Dolorosa, Moysés e Abisag, Jacobed levando ao Nilo seu filho Moysés, Voltaire abençoando o filho de Franklin, a Proclamação da Independencia, Visão de Hamleto, Paz e Concordia.

"A batalha de Avahy" e "A Batalha dos Guararapes", foram apresentadas ao publico na exposição official de 79, que, por isso, assignala o momento culminante da evolução da pintura.

A par dos dous eminentes artistas, outro mestre, com a alma aberta aos bons sentimentos, idealista dos mais accentuados e com esmerada educação do fino colorista, serve á arte de Apelles, elevando-a, por seu turno, a essa tranfusão e communicacão de vida palpitante.

Zeferino da Costa, depois de ter produzido — "S. João Baptista no deserto", "O obulo da viuva" e a

"Caridade", concentra a sua maior actividade na grande obra da Candelaria e no formar discipulos, que se tornaram os representantes das gerações que se succederam.

Faz-se tambem sentir no magisterio a acção de Souza Lobo.

Arsenio Silva traz-nos da Europa o segredo de pintar gouaches, genero então desconhecido no paiz.

Começam a vicejar os primeiros pintores formados por Victor Meirelles, entre os quaes sobresaem Augusto Duarte, Pedro Peres, José Maria Medeiros, simples e retrahidos, mas conscienciosos e delicados. Apparecem tambem os principaes e mais directos discipulos de Pedro Americo, Decio Villares e Aurelio de Figueiredo. A pintura do primeiro prima pelo sentimento poetico, que é a sua nota pessoal; do segundo, bastaria para lhe ter firmado reputação a grande tela representando o "Baile da Ilha Fiscal".

Henrique Bernardelli e Daniel Berard entram de lança em riste para as conquistas da grande arte.

No Norte, em Sergipe, a pintura eleva-se na palheta de Horacio Hora, produzindo trabalhos de admiravel belleza, como "Pery e Ceey", "A miseria e a caridade".

Mas nos seus maiores traços, a pintura desce das epopéas das batalhas para inspirar-se em assumptos de tocante serenidade, que se espelha na "Partida de Jacob", no "Ultimo Tamoyo", "Jesus em Capharnaum" e "Narração de Philectas"; ou na simplicidade dos habitos e costumes da nossa terra, dos typos e aspectos do nosso meio, que se revelam no "Derrubador brasileiro", nos "Caipiras negaceando", no "Caipira picando fumo", no "Violeiro" e na "Partida da Monção".

Amoedo e Almeida Junior, nas revelações do engenho artistico, que se lhes desabrocha, com mais intenso brilho, na decada de 80, são os continuadores das gloriosas tradições dos dous decennios anteriores.

A belleza moral dos sentimentos que se possam traduzir no osculo materno, num sonho de amor, no ly-

rismo bucolico, na piedade christã e no sentimento vivo da poesia em seus aspectos mais sensiveis — eis o que reguma da obra de Amoedo, se tentassemos traduzi-lo numa synthese.

De natureza timida era o pintor predilecto da Paulicéa. Modesto provinciano, Almeida Junior não quizera nem se preocupara já mais de renunciar aos habitos e gestos do caipira. No entanto, nenhum pintor, mais que elle, soube alçar-se á eminencia do momento esthetico da sua época. A sua arte fôra sempre inspirada pelo amor das cousas patrias, especialmente da sua terra, e nesta orientação deixou-nos com admiravel simplicidade, obra imperecivel de belleza. Com essa mesma simplicidade tratara de assumptos biblicos, dando-nos o "Remorso de Judas" e a "Fuga da sacra familia", obras de mestre.

Dir-se-hia que ao pintar o "Descanso do modelo" o artista devasara um ponto no céu, onde fôra embeber-se nas alturas purissimas para maior refração do seu genio.

A pintura chega ao fim do segundo Imperio, senão com o mesmo intenso brilho dos periodos anteriores, mas com exuberancia relativa. Se diminue o numero de finos espiritos que a cultivam, paira ainda sobre ella o espirito liberal de Pedro II trazendo-a sob a sua immediata assistencia, de modo a dar-nos artistas da ordem de Belmiro de Almeida, Weingartner, Oscar da Silva, Castagneto, Vasquez e Caron.

E' a mesma época em que Antonio Parreiras se inicia auspiciosamente na paizagem, sob a segura orientação da pintura ao ar livre, aqui introduzida por Jorge Grimm, para logo depois, tornando-se independente nos estudos, que os fez por si, entrar a produzir uma obra, na qual se não sabe o que mais possa impressionar — se uma altissima intelligencia, ou se a audacia, o esforço e uma espantosa capacidade de trabalho. Nesse se pôde dizer que o temperamento de artista excede a obra do pintor.



Chegamos ao anno de 89, e com elle chegara a pintura a evidente grão de desenvolvimento progressivo. Cultivaram-se todos os generos. Do sacro ao nu'; do retrato ás batallas; do genero historico ao de natureza morta.

Como ultimo representante da cuidada cultura no Imperio, um pintor apparece que se torna o nome representativo e de maior relevo da primeira geração que desportara na Republica.

Com Elyseu Visconti reveste-se a pintura de uma expressão superiormente vigorosa, em rasgos que transportam.

A natureza brasileira, no que ostenta de suggestivo e empolgante, de bello e maravilhoso, não deveria deixar de produzir o paizagista. Aqui, como em nenhum outra parte deveria ter-se verificado o conceito de Taine — a natureza faz o colorista; o meio physico impõe ao artista os seus assumptos, os seus aspectos e o seu colorido. Por isso é extranho que no Brasil, no transcurso de todo um seculo de pintura, não tivesse havido um cyclo de grandes paizagistas. Sem apanharmos como factores, os pequenos artistas, todos proporcionalmente iguaes, como diria o proprio Taine — não houve da paizagem um cultor á altura do meio.

Nascida timida e sem vôos, embora mimosa e delicada, na palheta de Felix Emilio, poderia ter-se notavelmente desenvolvido com Agostinho da Motta, se os estos da sua capacidade artistica não tivessem sido represados por morbido e enervante egoismo.

Depois d'elle, entrou a pintura na maior expansão de todos os generos, sem que, no mesmo pé destes, se ostentasse a paizagem. De modo que, só tardiamente, e sem antecedentes que lhe trouxessem elementos vitaes para a formação de uma individualidade, foi que chegámos a ter um interprete no sr. Baptista da Costa.

Mas se consideramos a tautologia de uma technica que se reveste sempre dos mesmos tons, dos mesmos aspectos, dos mesmos verdes, dos

mesmos trechos, espantamo-nos de vêr que na cultura da paizagem se não tenha verificado o conceito de Taine.

Mal se começára a extinguir o impulso communicativo da cultura no Imperio, que chegara a dar-nos não pequeno numero de bons pintores, alguns dos quaes de universal renome; faltando-lhe, por outro lado, como lhe tem faltado, o concurso do Estado que se devera concretizar numa real e efficiente protecção — a arte é hoje não desvalorada, obediente á direcção de mãos remadores que a ciaram.

Inilludível é o seu declinio ao atingir o primeiro marco secular da sua evolução.

Ha vinte annos ella decahe.

... E' que lhe falta o espirito protector de quem, com inextinguível empenho, velara, protegera e fizera a nossa educação artistica; o espirito bemfazejo, suplantado pelo desamor actual.

Os Mecenassas de então mediam-se pelos fulgores da intelligencia e pela extensão do saber; os de hoje medem-se pela bitola dos Calibans de Shakspeare.

A Republica ainda não nos deu um grande artista; e assim como vai não nol-o dará. O ensino cahe de roldão. E' o proprio Governo quem já reconhece e proclama a necessidade de batermos ás portas extranhas para importarmos professores."

NOTAS DE SCIENCIA

O ALCOOL E A ENERGIA HUMANA

Que influencia exerce o alcool sobre a energia humana? — Mesmo em doses minimas e regulares o seu effeito é depressivo e degenerante sobre o corpo e o espirito — responde o sr. Eugene Lyman Fisk, numa revista norte-americana. E, para demonstral-o, refere-se ás seguintes experiencias realizadas no "Laboratorio de Nutrição": primeira, o exame do reflexo patellar por meio de um aparelho que

registra as variações até o millesimo do segundo; segunda, o exame do movimento da palpebra, registrado photographicamente; terceira, o exame da reacção do olho sob um estimulante repentino; quarta, o exame da reacção da palavra sob estimulantes visíveis; quinta, o exame da associação das idéas, obtido fazendo pronunciar ao paciente uma palavra em resposta immediata á pronunciada pelo experimentador; sexta, o exame da memoria, da sensibilidade ao estímulo electrico e dos movimentos dos olhos e dos dedos.

Essas experiencias foram effectuadas sobre individuos normaes, moderados bebedores de alcool, e livres, na apparencia, dos effeitos dele. O alcool lhes fôï ministrado em duas doses separadas: a dose A, de 30 centimetros cubicos, e a dose B, de 45 centimetros cubicos. O alcool foi bem diluido sob formas diversas, para evitar a auto-sugestão. Em todos os casos acima enumerados, com excepção do quinto e do sexto (exame da memoria) a respeito dos quaes os dados foram insufficientes, — foi manifesta a depressão devila ás dose alcoolicas.

O registro das pulsações durante essas experiencias, foi importante. Estabeleceu-se discussão entre os physiologos, ácerca dos effeitos do alcool sobre o pulso, mas a evidencia das experiencias, cuidadosamente verificadas por meio dos mais delicados instrumentos modernos, parece conclusente. Eis como as refere o relatorio: "Considerando a abundancia dos nossos dados e a sua exactidão, acreditamos que a influencia accelerante do alcool sobre o pulso de pacientes normaes, durante uma moderada actividade mental e physica, pôde estimar-se como certa. Acreditamos tambem que as provas são sufficientes a indicar, como causa dessa relativa acceleração, a paralyisia parcial dos centros cardio-inhibidores". Por outras palavras, além de varias perturbações, o alcool produz a diminuição da energia organica.

Surge agora o problema de vêr a que resultados conduzem as provas obtidas, com relação á tradição scien-

tifica que se formou durante experiencias anteriores. Certamente, confirma-se o juizo moderno sobre o alcool como narcotico, mas ha mais: o alcool não estimula nem ao menos parcialmente as funcções musculares e organicas, antes uniformemente as deprime, e, como deprime as inferiores, deprimirá seguramente as mais complexas do systema cerebro-espinhal.

A proposito dos effeitos de trinta centimetros cubicos de alcool, na acceleração da reacção ocular, é significativa a observação de Frankfurth, que achou os erros da escripta á machina enormemente accrescidos pelos alcool, como tambem ás vezes, a velocidade.

Qualquer que seja o effeito do alcool sobre um corpo são, forte e resistente, não se pôde pôr em duvida a sua acção deletéria sobre um organismo debil ou não resistente. Quem o bebe deveria fazer-se visitar ao menos uma vez por anno pelo medico: precaução boa para todos, mas indispensavel áquelle que ingere habitualmente alcool. Sem essa precaução o individuo apressa esse "lento suicidio" que é o viver contra a hygiené.

A DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO NA CHINA

A China tem uma população de 326.000.000 de almas, nas 22 provincias que constituem a China propriamente dita, isto é, com exclusão do Thibet e da Mongolia autonomos, que contam respectivamente 2.000.000 e 1.800.000 habitantes. Como a superficie da China é de 6.242.300 kilometros quadrados, a população relativa vem a ser de 52.3 por kilom., inferior á de muitos paises europeus e á do Japão, onde é de 115.

Mas a distribuição dos habitantes na China é tão irregular que essas cifras têm pouco valor. Com effeito, 95 por cento da população está localisado em cerca de um terço (35 o/o) da area total, attingindo assim a uma densidade de 141 habitantes por kilometros. Os restantes cinco por cento vivem sobre 65 por

cento da superficie total, de sorte que em cada kilometro quadrado não se encontram mais de 4 habitantes. Ha ainda a notar que 40 o/o da população, comprehendida nos 95 o/o aludidos, localisa-se ao sul do rio Yang-Tse, ou sobre a immediata margem septentrional, de sorte que a população relativa sobre nessa região a mais de 162 habitantes.

Esses dados têm muita importancia, e servem a tranquillisar-nos acerca da China. Se a população relativa de 52,3 fosse uniforme em todo o ex-Celeste Imperio, poder-se-ia temer um rapido crescimento, como se verifica na Russia. E no momento em que o numero dos habitantes por kilometro quadrado egualasse o de varios paizes europeus, teriamos um bilião de chinezes para a população total absoluta. Os dados acima mostram entretanto que só em certas zonas o desenvolvimento demographico poude effectuar-se, ao passo que em outras é prejudicado por elementos naturaes, como o clima, a capacidade productiva do solo, o relevo orographico, a falta de vias naturaes de communicações etc.

Quanto ás terras meridionaes, comprehende-se que a população relativa chegou ao seu limite de saturação, como demonstra a leve porcentagem de augmento nos ultimos decennios. E' claro que a noção de saturação demographica é relativa ao systema de produção que fornece á população as subsistencias, o que não tem progredido nada. Vias de communicação, meios de transporte, systemas de produção, pode-se dizer que, sob muitos aspectos, se acham ainda no estado primordial e representam por isso francos obstaculos ao desenvolvimento productivo. A cultivação do arroz, por exemplo, que se faz nas regiões mais populosas, poderia facilmente attingir ao dobro sustentando uma população mais numerosa e permittindo exportação mais larga. Mas, depois da constituição da Republica, e depois do impulso que terá de soffrer a China em consequencia da guerra européa, prevê-se um renovamento economico e um augmento de produção, com um conse-

quente progresso demographico que, antes que se acabe o seculo, ha de com certeza dar á China mais quinhentos milhões de homens.

AS SCIENCIAS BIOLOGICAS E A AGRICULTURA NOS ESTADOS UNIDOS

O agricultor moderno tem necessidade de tantos conhecimentos scientificos que é necessario ser auxiliado nisso pelo Estado: por si só não poderia desenvolvê-los convenientemente. Por isso, o Estado se encarrega de estudar e de fazer experiencias por elle. Ainda agora o professor Marchal do Instituto Nacional Agronomico francez publica na "Actualité Scientifique" um estudo sobre as sciencias biologicas applicadas nos Estados Unidos, á agricultura e á lucta contra os inimigos das plantas. A organização especial de que o prof. Marchal revela o funcionamento, refere-se especialmente ás relações das sciencias biologicas com a agricultura. A sua sede é em Washington, com quatro departamentos, que são verdadeiros institutos: o da cultivação, o do gado, o da entomologia e o da biologia. Cada um destes é dirigido por scientistas, e realisa, sob um plano, prestabelecido, investigações theoricas e ao mesmo tempo praticas. Todos esses institutos são dotados de laboratorios, jardins e estufas, mas a maior parte dos trabalhos e das experiencias se effectua sob a sua direcção, nas estações ruraes espalhadas pelo territorio.

Os chefes destas estações mantêm-se em contacto permanente com os institutos onde se entretêm durante as estações de repouso rural, encontrando ahi uma bibliotheca, um museu e as observações dos seus collegas, emquanto conferencias adequadas procuram dar-lhes a orientação necessaria á campanha seguinte. Quando voltam ás respectivas estações, onde têm á sua disposição pessoal numeroso e bem instruido, e material technico completo e aperfeiçoado, cultivam vastos campos de experiencias. Assim, é facil ao che-

fe de cada estação, trabalhando segundo os planos traçados no Instituto de onde veio, orientar as suas indagações e coordená-las com as dos seus collegas, que se encontram nos outros Estados da União.

O trabalho de todas as estações e institutos é reunido, e o que pôde ser aproveitado pelo publico se publica, em opusculos documentados, que são verdadeiras "Georgicas" modernas, menos poeticos do que as de Vergilio mas de innegavel utilidade. A esse trabalho de publicação se destinam largas sommas, que mostram bem a grande importancia que os norte-americanos ligam a essa propaganda: só o Departamento de Entomologia possui um orçamento de 142.000 dollars, cerca de 2.800 contos da nossa moeda.

M. P.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COUSAS NACIONAES

A LAURA DO PETRARCA DE VILLA RICA

Marilia de Dirceu não se chamava D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas Brandão, mas D. Maria Dorothea Joaquina de Seixas, nome igual ao de sua mãe. Com esse nome, fez ella o seu testamento, a 2 de Outubro de 1836, em Ouro Preto. Marilia era uma das filhas do casal do capitão de dragões Balthazar João Mayrink e sua mulher D. Maria Dorothea Joaquina de Seixas; e nascera em Villa Rica, na freguezia urbana de N. Senhora da Conceição de Antonio Dias, aos 8 de Novembro de 1767 na mesma casa onde ainda hoje no largo de Marilia se conserva o historico solar dos Ferrões, actual convento dos frades franciscanos hollandezes, em Ouro Preto. Não era filha unica, mas, ao contrario, tinha duas irmans e dois irmãos. Tendo perdido seus paes ainda em tenros annos, foi Marilia residir em companhia de seu tio materno e tutor, o então coronel João Carlos Xavier da Silva

Ferrão, irmão de sua mãe, em cuja casa passou toda a sua infancia, respirando uma atmospheria de luxo e conforto, pois os Ferrões eram gente de brazão e remontavam á melhor aristocracia do Reino. Marilia tinha havido em herança de seus paes sufficiente cabedal em bens, joias, moveis e muitos eserravos, um dos quaes, de nome André, muito se lhe affeigou, e com ella viveu até a morte de Marilia, acompanhando-a já idosa á missa, na matriz de Antonio Dias ou na egreja de S. Francisco de Assis.

Em fins de 1782 completara Marilia quinze annos de idade e estava moeinha, em pleno esplendor da sua radiante formosura, attestada por quantos coevos della falavam. Era muito clara, de pequena estatura e gracioso semblante, olhos tímidos e modos discretos. Neste anno chegára a Villa Rica o novo ouvidor, dr. Thomaz Antonio Gonzaga. Gonzaga, que nesse tempo andava pelos trinta e oito annos apenas conheceu a joven sobrinha do coronel Ferrão em casa deste, por ella se inflamou de ardente amor. Mais velho vinte e tres annos que a eleita do seu coração. Dirceu manteve o doce idillio á altura de um enamorado adolescente; e quando estalou o drama da Inconfidencia em 1789, destruindo com o calabouço e o degrado as illusões do noivado, já o poeta andava pelos seus quarenta e cinco annos e Marilia repontava a idade da mulher em flôr nas suas vinte e duas primaveras louçans. O terno enleio durara do Natal de 1782 até fins de Maio de 1780, quando foi preso Gonzaga na manhã do dia 23, em Villa Rica. Exilado para Moçambique, lá falleceu Gonzaga em 1809, aos sessenta e dois annos de idade enquanto que Marilia só veio a morrer em Ouro Preto, sua terra natal, em 1853, mais que octogenaria, com oitenta e seis annos de idade. Sobreviveu ella, portanto, quarenta e quatro annos ao seu apaixonado Dirceu, o qual ao clima inhospito do degrêdo apenas ponde resistir quinze annos. Mas se fôr considerado o facto de que desde a prisão de Gonzaga ella não mais o viu, dever-se-á dizer que durante

sessenta e tres longos annos viveu Marilia carpindo as saudades do noivo inditoso: sendo-lhe fiel no celibato, em quê se conservou; apagando-se na penumbra da prece e das obras de discreta beneficencia; vivendo na casa solitaria donde apenas sabia para o templo; afastada da sociedade, ella que, ainda bem moça, formosa, prendada e rica, poderia ter brilhado nos salões de Villa Rica, onde ao certo seria disputada a sua mão pelos melhores pretendentes ao enlace com a pupilla do opulento e influente coronel João Carlos. Ao contrario, disso, Marilia se furtava ao convívio social raramente falava no nome proprio de Gonzaga, a quem sempre que alludia era com o designativo em terceira pessoa, *Elle*.

E Gonzaga como procedeu? No exílio foi duas vezes infiel na verdade: primeiro, quando ao lhe ser tomado o depoimento na Sé da Matriz de Moçambique, em 9 de Maio de 1793, para os seus desposorios com a luso-africana D. Juliana de Souza Mascarenhas, que tinha apenas 19 annos de idade elle commetteu a fraqueza de diminuir a sua propria idade, deixando de declarar que então contava sessenta e dois annos, para talvez, em homenagem á juventude da segunda noiva, jurar á falsa fé que tão sómente tinha trinta e oito annos; segundo, quando esquecendo as juras trocadas com Marilia e o pacto esponsalicio de Villa Rica, elle declarou nos ditos depoimentos que "nunca déra a palavra de casamento a pessoa alguma!" Por esta forma contrahiuz Gonzaga nupcias com a ardente mestiça de Lourenço Marques, uma creoula analfabeta e de bastarda descendencia, olvidando os seus castos amores (que a lyra de Direcu jurara eternos!) com a fidalga e loura ouropretana, typo de belleza patricia, prendada de corpo e de espirito, e a qual de vez lhe entregou o coração virgem, conservando-se solteira até render a alma ao creador em 1853.

Por muito ter vivido muito soffreu Marilia, já pela tragica viuvez de seu casto noivado em flôr, cortado pela brusca separação de Direcu,

já pela critica impiedosa de alguns escriptores patrios e estrangeiros, que a ella não perdoaram o "crime" de se ter deixado envelhecer só desapparecendo do mundo terreno quando lhe soou a hora fatal, aos oitenta e cinco annos e tres mezes de idade... (Nelson de Senna — *Revista Americana*, Rio).

SOBRE A NOSSA LITERATURA

Ainda não possuímos uma consciencia nitida e perfeita da literatura nacional. A literatura brasileira effectivamente parece um pouco problematica nas suas feições essenciaes, por que será sempre coisa difficil distinguir profundas differenciações de espirito quando só existe uma lingua commun.

Livros como a *Iracema* e o *Guary*, parecem frivolos e ridiculos, além mar. Na generalidade as obras de ficção, verso ou prosa, quando passam o Atlantico, lá chegam como certos generos avariados, molles, humidos e deliquescentes; buscam-lhes fórma, linhas e correções e nada encontram senão uma volupia liquida e informe.

Nada de terso, rude ou forte; ao contrario, o vicio de que nos accusam é a mollicie selvagem de lambões lubricos, mellosos e ridiculos.

Ha uma incomprehensão lamentavel entre os dois mundos. A distancia esmorece, esfuma, apaga todas as arestas e projecta n'um cahos de neblina todas as linhas.

Somos vistos a uma só dimensão; toda a nossa solidez stereometrica esplama-se n'uma mancha confusa.

Os nossos versos chegam aos ouvidos de lá como clangores mortos da inubia selvagem, perdem nas ondas da travessia o rythmo proprio.

Não podem ser lidos.

A prosa dá idéa de uma traducção. Faltam-lhe todas as ellipses mentaes que não podem arrastar comsigo. Chega sem alma.

E acima de tudo não sabemos a lingua. A prole escarumba, como

diz um auctor, papagueia coisas insolitas, mólha as palavras.

O nosso *portuguez com assucar* (agora mais docemente com *açúcar*) é a definição dada por outro publicista. Deve offerecer paladares jogralescos, chocarries imprevistas, de infinita graça em bocas femininas, mas destoante da varonilidade asperrima das barbas tradicionaes de Dom João de Castro.

Eis um caso pathetico. Na qualidade de critico não posso dispensar a lei. Aconselho barbas e rebarbas, se o querem. Que as rapem alguns ineréos transmarinos, se isto lhes não accresce a feminilidade dos gestos.

O remedio, porém, não é tão amargo e a bem ponderar o nosso diagnostico podemos vender saude.

Fingimo-nos de enfermos, mais do que o pintava Moliére.

D'ahi a necessidade que temos de mascarar os nossos solecismos com certas diligencias grammaticaes que cá se climatizaram definitivamente. aBem-n'o os livreiros; as antigas edições classicas portuguezas têm encarecido e cada vez se tornam mais raras na Europa, pois que passaram e passam ainda ao Brasil.

Os bibliomanos de Lisboa, Coimbra e Porto, queixam-se d'essa migração das suas preciosidades livrescas. A qualquer proposito, discutem-se aqui innumeras pequices grammaticaes; a orthographia é um pesadello para muita gente e ha até quem consagre á prosodia algumas horas de desfastio. Sei de uma senhora que diz agora *quere* e *pregunta* e já ouvi de uma rapariga indigena a declamação de uns versos de Antonio Nobre: Man'él, tains razão. Vanho tarde Mêx nã-fui eu quain teve culpa...

Não desgostei de todo d'esse *sotaque* peregrino.

Esta gente parece esquecer que o brasileiro é infinitamente complexo e que deturpar a prosodia ou a escripta é esconder-se, como o gato, com o rabinho de fóra.

Em qualquer caso é um symptoma. Temos esse lusitanismo, em ver-

dade, raro e esparso, mas impertinente. Temos discussões, polemicas e rifarias, infindaveis, cá e lá; de todos os ramos de erudição, o mais volumoso e aggressivo pelas suas razões, réplicas, tréplicas, apolo-gias e contraditas, é o das questões grammaticaes. A imprensa que reflecte o gosto e as tendencias do publico sustenta, como folhetim obrigatorio uma secção respeitavel acerca do que *se não deve dizer* — ou de — *O que é correcto*.

Esta caça formidanda, constante e pertinaz aos barbarismos da lingua deve causar eterno descredito á fraqueza da nossa organização militar. Estão muito longe d'ella e da sua violenta contumacia, as nossas nobres pobres sociedades de tiro.

Entretanto, a nossa literatura soffria ou ganhava d'essa vagabundagem letrada e douta. Toda a cidade andava ás portas dos ministros da lingua:

Enfin, Malherbe vint. e um dos nossos humoristas poud exelamar: *Os pronomes estão já collocados*. Que allivio!

Esta foi a primeira grande victoria das questiunculas. A critica e a censura *pro lingua* andam es-corraçadas agora.

Já é possivel respirar um pouco desaffogadamente, em quanto ás traças o caruncho e o lepisma, cá enormemente vorazes, roem em paxorra as florestas e silvas do padre Manoel Bernardes e guloseam com os ineditos de frei Fortunato de São Boaventura. Bom proveito lhes faça.

Uma coisa, porém, ficou verificada, á saciedade: é que os nossos chamados brasileiroismos são fórmas classicas e até archaicas da linguagem, embalsamadas pelas essencias fragantes do nosso clima. A colonia guardou phonographicamente nas carnaubas, como nas de Edison, todas as vozes primeiras perdidas na matta virgem.

A pronuncia camoneana só ha entre nós. Gonçalves Vianna, o erudito, demonstrou que nunca Gil Vicente ou Camões pronunciou como o fazem os portuguezes de hoje. E

é fácil verificar que o modismo nosso é o antigo. Gil Vicente nem Camões e nenhum outro, rimou já-mais *mãe* e *tambem* e nem começaram as vogaes e os hiatos com tamanha voracidade.

Não é aqui o lugar de mostrar que até o — *vi elle* — é a linguagem normal dos Nobiliarios. Que o caipirismo do *preguntar* é o archaismo recente dos neographos portuguezes e dos seus macacos cisatlanticos.

Donde, pois, o nosso crime?

Temos construeções classicas, autenticas e de tal arte que annotando os versos de Sá Miranda,

Andrade, eu vou seguro...

... a um só certo

Juizo, bom, fiel sempre me atando, diz em glosa o Visconde de Castilho (Julio): "Hoje seria acoi-mada de brasileirismo essa *viciosa* construeção: *sempre me atando*." E é um portuguezismo esse vicio do seculo de quinhentos.

A approximação, por nossa parte, da *linguagem actual* portugueza é, sobre absurda impossivel. Quando escrevemos — *póde se ver deve se escrever* — o portuguez philaucioso e ignorante, logo diz — é um erro e é brasileirismo. Se o censor é um sabio erudito, como Candido de Figueiredo, tem a condescendencia de apontar benignamente — não é normal. O normal é *pode ver-se e deve escrever-se*.

Essa condescendencia no seu espirito nasce de que elle sabe ser a nossa construeção abonada pelos grandes classicos. A *linguagem errada* do Brasil quasi toda, senão toda ella, é a mesma lingua do seculo XV e XVI como a falavam os conquistadores. E como podia deixar de o ser? onde haviamos de a inventar acaso?

Assim, uma situação mixta contemporanea, luso-brasileira, é de si mesma insustentavel. Por quanto, ao parecer d'ella a nossa tradição ou evolução propria é errada e desprezível; os nossos estudos e pesquisas classicas, por sua vez, nada adiantam pois que nos retemperam na lingua antiga e nos affastam do modelo *soi disant normal*.

D'esta arte, temos que repudiar as variações do nosso meio, isto é, a evolução propria, e tomar como *canon* a evolução europeia. Cada vez que Coimbra ou Lisboa altere um vocabulo, o esqueça, ou crie um modismo, só nos resta na qualidade de *tabula rasa* inscrever essas longinquas inconstancias.

Perdemos o direito de conservar ou faer criações novas tidas a conta de volubilidades doentias ou anormalas.

O melhor seria contractar para toda a nossa terra milhares de mestres lusitanos, renovados cada geração para que nos dictassem a *lingua normal*.

Emfim, nunca saberiamos a nossa lingua, sempre dependente dos tribunaes do *Que se não deve dizer*... em Lisboa (João Ribeiro—*O Imparcial*, Rio de Janeiro).

HOMENS E COUSAS ESTRANGEIRAS

O INDUSTRIALISMO ARGENTINO

Como é sabido, o industrialismo é o systema social que consiste em considerar a industria como o principal objecto do homem e o eixo das sociedades politicas. O seu objectivo é robustecer o poder da industria e tender á sua preponderancia dentro das actividades colonias. Para iniciar o seu ciclo e atingir logo esse fim, torna-se preciso desenvolver-se e facilitar-se gradualmente, em todo o paiz dotado de recursos naturaes e de inclinações laboriosas, um conveniente processo evolutivo, favorecido pela acção tutelar do governo e da legislação. E' tempo, sem duvida, de pensar nisso.

Presentemente, na vida economica argentina, constituem a mais fundada previsão publica e resultarão por isso proveitosos e beneficos, todos os esforços attinentes á solução do problema de nossa evolução industrial.

Em consequencia dos acontecimentos mundiaes e da expectativa dos resultados finais da conflagração européa, propagada á America, semelhante preocupação em nosso paiz é perfeitamente justificada e se impõe, com nitidos caracteres de permanencia e de crescente interesse. Devemos chegar ao estado industrial quanto antes e preparar, pois, o terreno e as aptidões com que affrontar a nova phase. O paiz reclama, não já uma "lei de industrias", nem a implantação de um systema aduaneiro rigorosamente proteccionista — mas toda uma legislação completa e harmonica, que preveja, attenda e favoreça a cada situação particular, a cada especialidade ou empresa fabril determinada e indique em todos os casos o caminho a percorrer até a obtenção de resultados positivos para o definitivo estabelecimento do industrialismo argentino. A evolução em materia economica é regida pelas mesmas leis de transformação da biologia: deve ser progressiva, mas lenta. Mas, nas circumstancias anormaes em que vai vivendo o universo e ante a dolorosa destruição européa actual, é licito e opportuno aconselhar-se a acceleração, de um passo que, noutra época, deveria ser graduado e receioso.

O desenvolvimento industrial apresenta, na Republica Argentina, tres aspectos igualmente importantes. O de ordem "natural" offerece as melhores perspectivas dado o inereamento das industrias principaes e a segurança com que temos de affirmar a nossa superioridade no abastecimento de carne, lan, cereaes ou fructas. O ponto fraco nos nossos recursos naturaes, consiste na falta de combustivel: por isso, nunca serão demais os esforços tendentes á exploração do petroleo.

Os outros dois factores do problema são o "social" e o "legal". Ao estudo do primeiro, corresponde, antes de tudo, a questão da regulamentação da vida operaria, em conexão com o regimen legal das industrias; e depois, ao que se refira ás exigencias impostas pela

seleção da nossa população immigratoria, praticada de accôrdo com paulatinas e acertadas modificações da lei sobre a materia.

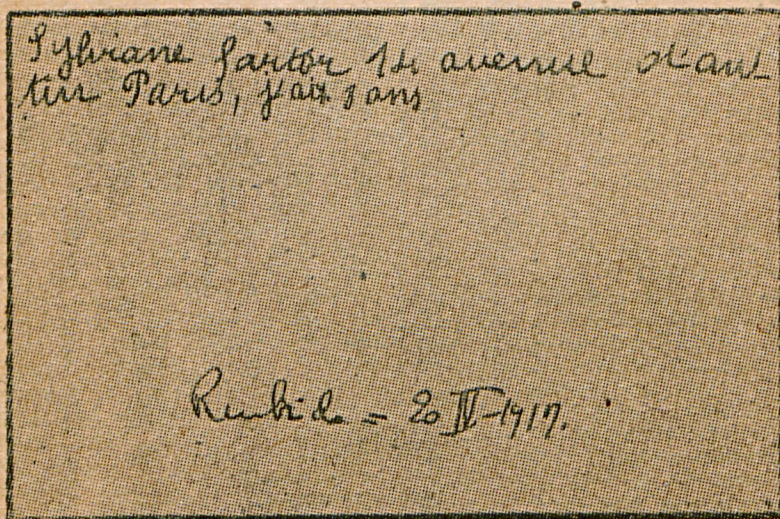
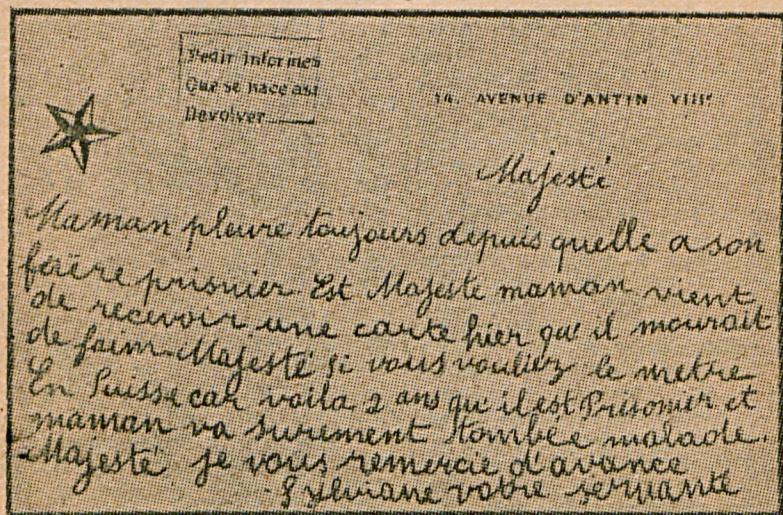
Quanto ao aspecto legal do industrialismo, seria conveniente ampliar a Direcção de industrias e commercio que, em qualquer outro paiz, poderia constituir um verdadeiro ministerio. Desde que é necessario crear-se um vasto programma legislativo, de realisação methodica e racional, pôde sustentar-se e concluir-se que a produção argentina e a sua proficua elaboração fabril requerem, antes de tudo, planos de governo adequados e leis tutelares que sejam a sua consequencia logica. Entretanto, a irradiação do credito rural e a investigação regional periodica para a sua distribuição mais equitativa; as reformas restrictivas de importação manufactureira; a preparação de tratados de commercio conformes á melhor defesa dos nossos interesses nacionaes; o melhoramento e a hygienisação da vida operaria; a educação técnico-industrial — são outras tantas idéas e rumos já generalisados, e constituem, precisamente, as etapas indispensaveis da almejada evolução fabril — (Emilio Pellet Lastra — *Revista Argentina de Ciencias Politicas*, Buenos Aires).

O MINISTERIO DA CARIDADE

E' hoje um verdadeiro Ministerio da Caridade a repartição ideal e organizada pelo rei Affonso XIII, para encarregar-se do serviço de informações relativas aos prisioneiros de guerra. Não ha quem de certa importancia que, indo hoje a Madrid deixe de visitar nos andares superiores do palacio real a installação desse serviço, que está sob a direcção pessoal do proprio rei. Toda a imprensa hespanhola e estrangeira tem dado a respeito detalhes interessantes que mostram como funcionam essa repartição. E' sabido como o rei foi levado a converter sua secretaria particular em repartição especial encarregada de assegurar

a exacta e prompta transmissão das petições que pelas famílias lhe são dirigidas. Logo nas primeiras semanas após o início da guerra, na França principalmente os paes e as mães se volviam para o mo-

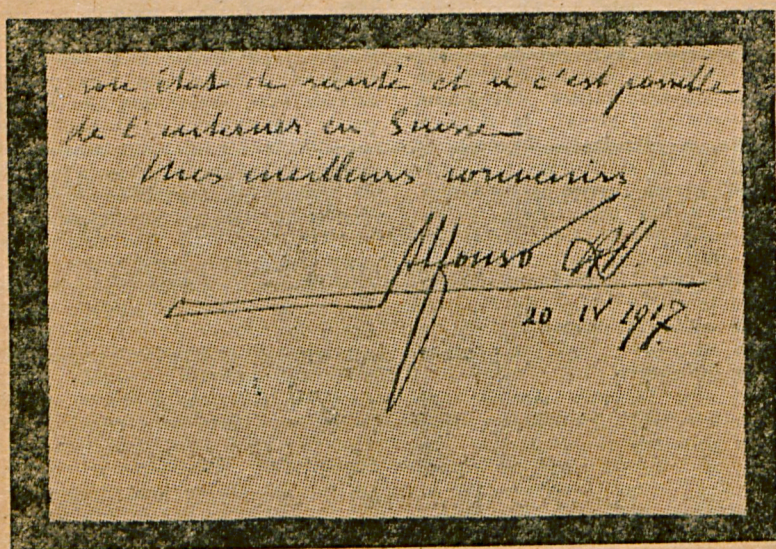
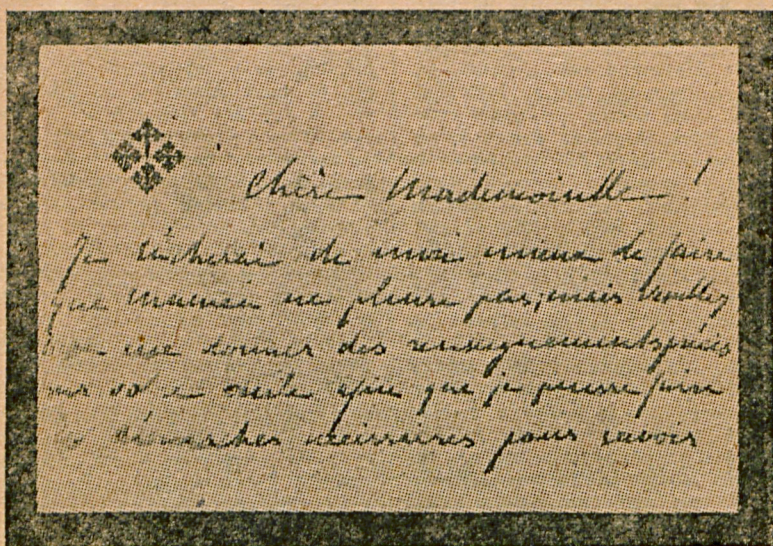
narcha hespanhol, guiados pela fé na sua fama de generosidade ardente e juvenil para obter de sua intervenção informações acerca da sorte dos seus queridos ausentes ou para solicitar a sua mediação em



favor de um condemnado. Inspirando-se nos seus sentimentos de caridade christã, Affonso XIII pedia immediatamente ao embaixador da Hespanha em Berlim, sr. Polo de Bernabé, que se informasse dos casos acerca dos quaes recebia pedidos. Algumas destas investigações deram resultado tão feliz quanto inesperado, de sorte que estes primeiros exitos attrahiram sobre o palacio real de Madrid uma correspondencia cuja extensão augmentava dia a dia e que logo exigiu um pessoal exclusivamente consagrado ao serviço do correio e á transmissão das petições. Tal foi o embrião da administração actual, verdadeiro Ministerio da Caridade, que occupa varios salões e mobilia um numero respeitavel de empregados. O pessoal habitual da secretaria, composto de seis funcionarios, teve que ser augmentado com pessoal extraordinario: tres senhoras e vinte addidos, isso sem alludir aos subalternos. A' frente do serviço estão D. Emilio Maria de Torres e o conde de La Union. Quando o trabalho é extraordinario, excedendo ás forças do pessoal, o rei acceita a collaboração de algumas comunidades religiosas, taes como as Irmãs do Sagrado Coração, as Irmãs Reparadoras, as Filhas de Maria, etc. Toda a despesa com o serviço — e é facil calcular a sua importancia — são pagas pela bolsa pessoal do rei. Esses gastos ficaram ultimamente reduzidos com a franquia postal concedida pela França ás quinhentas ou seiscentas cartas que diariamente se recebem ahi dos prisioneiros de guerra.

Mas esta franquia não se estende ao telegrapho, quando é precisamente pelo telegrapho que, ao chegar uma boa noticia ao palacio real, o soberano a transmite aos interessados, qualquer que seja o lugar de sua residencia. Um systema de fichas dispostas por ordem alphabetica em classificadores do ultimo modelo norte-americano permite conhecer immediatamente o estado progressivo de qualquer investigação. Pequenas bandeiras

de côr falam aos olhos e continuamente indicam se a ficha procurada é a de um servio ou a de um belga; se se trata de um aviador, se o interessado foi objecto de uma remessa de dinheiro, etc. A côr das fichas é a mesma dos livros diplomaticos de cada belligerante: amarelo para os francezes, azul, para os inglezes, verde para os italianos, branco para os allemães, alaranjado para os russos e vermelho para os austriacos. Recebem-se diariamente pelo menos setecentas cartas, tendo-se chegado a receber num só dia tres mil, e desde o principio da organização do serviço as cartas sôbem já a duzentas mil, cifra enorme quando se pensa que *nenhuma* carta fica sem resposta. Algumas vezes um sello de correio ou uma pequena quantia "para todos os gastos" acompanha a petição, o que constitue augmento de trabalho para a repartição, que devolve o sello e o dinheiro ao remetente, ao qual se faz conhecer que o serviço é gratuito. Quando é o proprio rei que recebe a petição, e por si mesmo pede noticia de um prisioneiro, carimba-se a carta com uma grande estrella azul, signal que não corresponde, entretanto, a nenhum favor especial, servindo sómente para chamar a attenção sobre a origem do pedido. A repartição serve indistinctamente a todos os belligerantes, mas é de francezes que se constitue a parte maior dos que a ella recorrem. Examinar ligeiramente a correspondencia dirigida ao rei pelas familias francezas é passar em revista todos os matizes da sensibilidade humana, realçada pela nota de delicadeza de tacto que caracteriza o espirito popular da França. Aqui está, por exemplo, uma carta semelhante a milhares de outras que se acha impregnada de um religioso sentimento de gratidão: "Senhor: Recebi a carta que houvestes por bem escrever-me relativamente ás pesquisas que tivestes a caridade de ordenar acerca do soldado... Sou muito feliz em dizer-vos que este soldado acaba de dar noticias suas á familia,



após quarenta dias de silêncio. A França e todos os francezes não esquecerão nunca tudo quanto devem á grande bondade de S. M.

o rei da Hespanha, e o seu reconhecimento será eterno. Rogo a Deus todos os dias por V. M. e peço ao Omnipotente que vos devolva em

felicidade e prosperidade de toda a especie, o que fazeis por nossos soldados e por nossas familias na desgraça."

Não é possível referir todas as iniciativas philanthropicas do rei da Hespanha. A' Hespanha, terra classica das obras de redempção, estava reservado desempenhar, na mais terrivel das catastrophes que o Mundo tem visto, uma missão de paz e de piedade. Sob o ardente impulso do seu fidalgo monarcha, a nação cumpriu essa missão nobre e desinteressada, que a fez credora de uma pagina gloriosa na historia de uma guerra, fóra da qual a sua neutralidade a tem mantido. (Alberto Mousset — *La Revista Quincenal*, Barcelona).

ALIMENTAÇÃO E SAUDE

Um dos methodos beneficos da grande conflagração que arruina a Europa é o entusiasmo com que todos aconselham a austeridade e a temperança. "Desappareça tudo quanto é delicia e prodigalidade habitual de todas as mesas" recomendava o sr. Paulo Boselli, presidente do conselho de ministros da Italia. Com effeito, não ha nada mais aconselhavel do que a frugalidade. Luigi Cornaro, cujos discursos ácerca da vida sobria têm tido editados innumeradas vezes, em italiano e traduzidos em francez, inglez e allemão, foi, no seculo XVI um eloquente exemplo disso. Nascido em 1467, Cornaro tinha uma constituição delicada, que logo, com uma mocidade de prazeres, deu de se tornar fraco. Por volta dos 35 annos passava tão mal, que certamente morreria dahi a pouco se, de repente, não resolvesse mudar de vida, o que fez decididamente. "Encontrando-me nessa triste situação, narra elle, tendo feito todas as tentativas para sarar, e nada melhorando, disseram-me os medicos que para a minha doença não havia senão um remedio — a vida sobria e methodica. Como não tinha outra coisa a fazer, pois o próprio vinho de que tanto gostava, já o não podia beber mais —

dei-me de corpo e alma a esse remedio. E (parecerá incrivel a muita gente) em menos de um anno senti-me curado de todas as minhas enfermidades". Luigi Cornaro viveu assim até 1566.

O dr. Cook, autor de um tratado em que demonstra que não ha doença que se não possa curar ou pelo menos attenuar com uma conveniente regra da vida, adverte que todas as pessoas delicadas, fracas ou em idade avançada devem comer pouco. Quando se come, diz elle, e não se sente que as forças augmentam — é que se está comendo demais. E' necessario que se espere o appetite e não comer nunca até ficar-se repleto.

Todos sabem, por experiencia propria, que de manha, antes de comer, se sentem ageis e leves, e que, logo após a um repastò abundante, se sentem pesados e até somnolentos. Quem faz uma refeição moderada deve sentir-se mais do que antes, disposto ao trabalho. Usando alimentos simples e bebendo agua, em vez de vinho, não ha perigo de conceder ao proprio appetite mais do que elle precisa.

Como observa sir Henry Thompson, no seu trabalho "Food and feeding" (alimento e alimentação), os alimentos mais são podem ser, graças ao seu preço, usados por todos; e nessas condições toda gente, fóra excepções de grande miseria, podem alimentar-se de maneira racional e verdadeiramente util.

E' um erro suppor que o melhor alimento seja a carne. O estudo do tubo digestivo demonstra que o homem pode ser herbivoro, frugivoro, ou carnivoro, mas será carnivoro mais do que herbivoro, segundo a sua compleição, o genero de vida e a terra que habita. Mas uma alimentação animal muito abundante dá origem a não poucos damnos: a plethora e todas as doenças suas sequazes, as hemorragias, a gotta, são, com o tempo, effeitos da carne demasiada que se come.

E' certo que os inglezes abusam da alimentação animal; se elles

não se sentem mal com essa alimentação é por causa da vida muito activa que levam. Como os selvagens, que correm o dia todo no encalço da caça, podem viver exclusivamente do que caçam — os anglo-saxões, occupados em trabalhos arduos, podem, ainda impunemente, comer muita carne. Mas as condições da vida dos povos tendem a alterar-se, o trabalho do cerebro tende a substituir o do corpo, e o homem acabará servindo-se quasi unicamente das machinas. Então, será preciso mudar o regimen da alimentação do homem, e quanto mais a sua vida se torne sedentaria quanto mais o seu trabalho se torne puramente cerebral, tanto mais a sua alimentação deve ser leve, e comprehender, principalmente os vegetaes.

Em geral se dá ás crianças e aos velhos uma alimentação errada.

As crianças, logo os pais querem pô-las á mesa, e fazel-as comer de quasi tudo — como “os grandes”. Os velhos não se capacitam de que a sua vida deve ser regulada com muito mais cuidado, pois, a idade os reconduz a condições physicas por varios aspectos analogos ás da infancia. Assim, tanto a uns como a outros, a alimentação mais conveniente é a de vegetaes, leite e doces.

Nos dois termos da vida tem-se maior necessidade de carbono do que de azoto, e, consequentemente, mais de vegetaes do que de alimentos animaes.

Quem quer nutrir-se convenientemente deverá distinguir, entre os varios alimentos, o pão e os legumes, que, infelizmente, vão sendo relegados das mesas, hoje em dia. (Giuseppe Loschi — *Rasegna Nazionale*, Florença).

O MEDO ENTRE OS SOLDADOS

A opinião publica confere generosamente o titulo de heróe a todo o soldado. Mas é preciso confessar que os heróes na guerra não são assim tão numerosos. O soldado conserva na guerra todos os seus defeitos e

todas as suas fraquezas. E' um homem como dantes, e o typo mais commum entre os homens é igualmente o mais commum entre os soldados. Qual é este typo mais commum? Um typo de mediana força moral, distante igualmente do heróe e do pusilanime. E' assim a maioria. A gente não se torna super-homem de repente, na guerra. O Marne, o Yser, os Eparges, a Champagne, Verdun e o Somme poderiam fazer pensar o contrario; mas é preciso não confundir o valor colectivo da tropa com o heroismo individual. Se o exercito realisa factos grandiosos, não quer isso dizer que cada um dos seus elementos seja um ser superior; quer dizer simplesmente que as qualidades excepcionaes de alguns valorosos, são afinadas por uma vontade dirigente que faz nascer momentaneamente o sopro do entusiasmo. Acalmado este, cada soldado volta aos sentimentos proprios do homem do typo ordinario. Um destes sentimentos é o medo.

O medo, os dicionarios o definem como sendo o sentimento que nos leva a evitar tudo quanto julgamos que possa prejudicar-nos. Para o homem em guerra o medo é o sentimento que o leva a evitar e a temer o projectil ou a baioneta que mata. O medo é além disso proprio do homem, pois parece que os animaes não o conhecem: nas trincheiras, por exemplo, os gatos que vivem a combater os ratos não se mostram de maneira alguma incommodados com as granadas que os visitam a cada instante.

Se o medo é um sentimento, as almas mais sensiveis deveriam ser-lhe mais sujeitas, dedueção esta que, levada ao extremo, faria concluirmos que na escala social as naturezas simples devem ser isentas de medo, augmentando este proporcionalmente ao desenvolvimento das faculdades individuaes. Felizmente, porém, os factos desmentem esse raciocinio. Em todas as categorias de combatentes ha pessoas medrosas e pessoas corajosas até o heroismo. Qual será a causa dessas duas disposições diversas? E' difficil dizel-o. Em todo o caso se é possivel dominar o tempe-

ramento proprio, é comtudo impossivel mudal-o, de sorte que o medroso se torne corajoso Na minha companhia eu via dois soldados, ambos intelligentes e vivos. Quando se achavam na primeira linha, um delles estava sempre inquieto, não comia e parecia fóra de si; o outro, ao contrario, parecia experimentar um verdadeiro prazer em expôr-se, e quando marchava para o assalto era como quem fosse para uma festa.

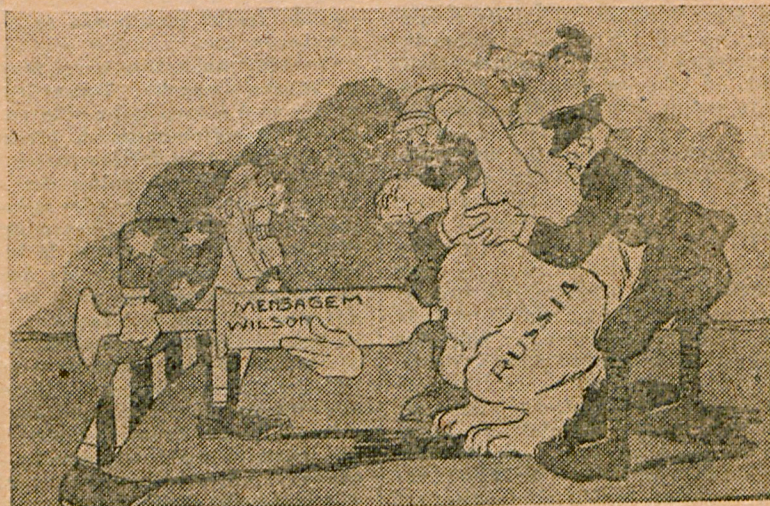
Ha ainda outros exemplos do medo entre os soldados. Entre os mais humildes, por exemplo, os que se acham addidos ás cozinhas, quando os projecteis assobiam por cima das trincheiras á hora do rancho, vêm-se soldados que trazem as marmitas caminhando agachados, ao passo que outros, mesmo durante os fortes bombardeios, caminham direito, com o cachimbo na bocca e assobiando como se fossem pacificos burguezes em passeio.

Conheci um official que soffria enormemente toda a vez que o combate fervia, lutando contra si mesmo para não deixar que os seus commandados o percebessem; mas conheci tambem outro que debaixo de uma chuva de bombas caminhava sem nem ao menos abaixar a cabeça. O capitão S., encarregado de reforçar a posse de uma posição recentemente arrebatada aos allemães, para lá caminhou impavido contra as metralhadoras que dizimavam as columnas francezas. Naturalmente foi morto antes de chegar. Mas porque tão inutil arrojô? Provavelmente porque esse official não tinha consciencia do perigo. A coragem não consiste

em nunca ter tido medo, mas em achar em si a força de olhar o perigo de frente quando não se pôde evital-o.

O medo manifesta-se quasi sempre da mesma maneira. Tem-se medo porque se é ameaçado na vida ou se temem os soffrimentos. A presença de cadaveres e de feridos parece influir pouco sobre o animo dos soldados, mesmo antes que elles se habituem a isso. E' que talvez o espectáculo da morte no campo de batalha é muito menos triste do que o da morte ordinaria. Em geral os soldados se habituam logo ás fuzilarias; as metralhadoras são, comtudo, muito temidas, sendo precisa uma notavel dose de coragem para atravessar com sangue frio uma zona batida pela artilharia. Todavia, é mais facil vencer o medo nos assaltos do que na resistencia passiva; no ataque, a massa, excitada pela energia dos chefes e pelo exemplo dos temerarios, lança-se como se fosse um só homem; ao passo que durante os tiros de preparação e contra-preparação, quando o soldado, firme no seu posto, vê cahirem fragorosamente as fortificações vizinhas, desaparecerem os companheiros ou se despedaçarem, quando sente emfim, a cada instante se avizinhar o momento de uma horrivel morte — então ha grande merito em ser corajoso. Entre as mais tristes horas da minha vida, conto as que passei durante dois dias e duas noites com a minha companhia num terreno minado, cuja explosão se esperava a todo o instante (Capitão D. — *La Grande Revue*, Paris).

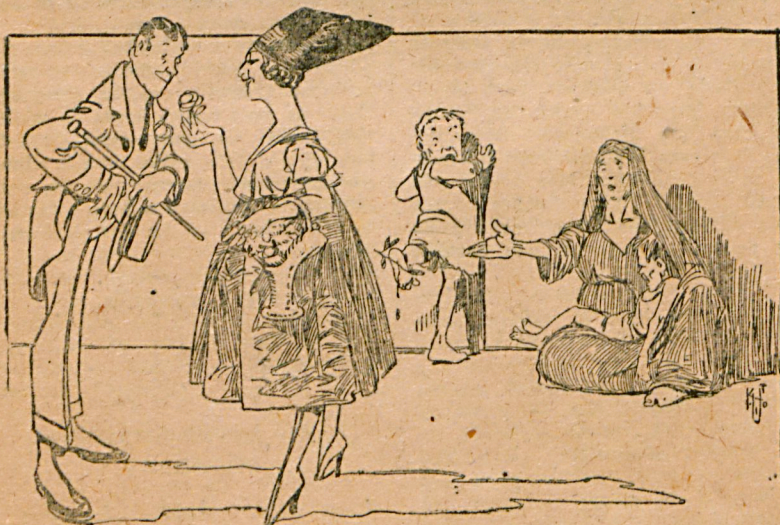
AS CARICATURAS DO MEZ IN EXTREMIS



Uma grande injeção de óleo camphorado

(J. Carlos — "Careta" — Rio de Janeiro)

CARIDADE PARA USO EXTERNO



ElbA — Já sei que vai aceitar uma flôr em benefício das crianças belgas...

(Callisto — "D. Quixote" — Rio de Janeiro)

OS DOIS EXILADOS



O CZAR — Resigna-te, Constantino. Talvez venha mais gente...
(J. Carlos — "Caretta" — Rio de Janeiro)

FUTUROS TRABALHOS ELEITORAES



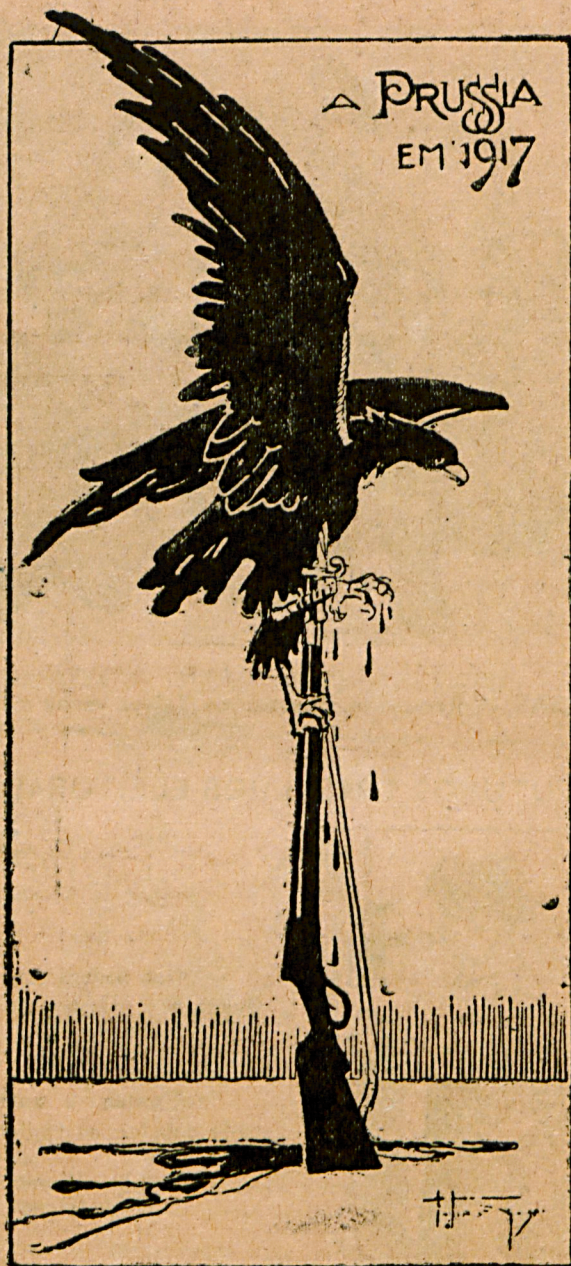
— Não contes com o voto das
Guimarães. Não podem votar amu-
nhã.

— !?...

— Porque a costureira não
pôde coucluir as "toilettes" a tem-
po.

(Julião Machado — "O Paiz" —
Rio de Janeiro)

EQUILIBRIO DIFFICIL



E espetou-se...

(Júlio Machado "O Paiz", Rio de Janeiro)

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO DO N. 18

JUNHO DE 1917

F. J. OLIVEIRA VIANNA — **Populações meridionaes do Brasil.**

MARIO PINTO SERVA — **O problema do transporte maritimo.**

OLIVEIRA LIMA (da Academia Brasileira) — **O meu professorado em Harvard.**

HELIO LOBO (do Int. Hist. e Geographico Brasileiro) — **Brasil- Estados Unidos.**

MONTEIRO LOBATO — **Pollice verso.**

AMADEU AMARAL — **Poesias.**

MARTINS FONTES — **Poesias.**

MEDEIROS E ALBUQUERQUE (da Academia Brasileira) — **Livros...**

GODOFREDO RANGEL — **Vida Ociosa** (romance).

COLLABORADORES — **Resenha do mez.**

RESENHA DO MEZ — Vicente de Carvalho — Ophir (**Othoniel Motta**) — Missões de professores paulistas (**Carlos da Silveira**) — Bibliographia — Movimento literario — Machado de Assis — NOTAS DE SCIENCIA (A paralyisia infantil — A vista das creanças — A utilização mechanica dos raios solares — O problema da morte — Os couraçados terrestres) **M. P.** — Expressões technicas da architectura (**João Ribeiro**) — A França e a Grecia (**Afranio Peixoto**) — Ricardo Wagner e o germanismo — O inventor do Esperanto — A educação da mulher — Um novo programma escolar — O patriotismo de Renan — As repetições da historia — O theatro francez e a guerra — Supers-tições de soldados e lendas da guerra — Ladrões intellectuaes — O medo do kaiser — Publicações recebidas — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: Vicente de Carvalho (**Wasth Rodrigues**) — As galeras portuguezas (**trichromias**).



ROBES & MANTEAUX

Lingerie de Luxe, Blouses, Troussesaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fournitures pour Modes

Rua 15 de Novembro, 30

São Paulo-Paris

Casa de Saude □

△ □ **Dr. HOMEM DE MELLO & C.**

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e menraes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvasenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

▽ Caixa do Correio, 12

SÃO PAULO

Telephone, 560 ▽

Companhia Mechanica e Importadora de S. PAULO

Fabricantes de Machinas de Café e para Lavoura, de Material
Ceramico e Sanitario - Fabrica de Pregos e Parafusos e Rebites
Fundição de Ferro e Bronze etc.

GRANDE SERRARIA A VAPOR ≡
CONSTRUCTORES e IMPREITEIROS

AGENTES de: Robey & C. (vapores) - Automoveis FIAT - Fabrica
de Ferro Esmaltado SILEX - Comp. Paulista de Louça Esmaltada -
Societá Italiana Transaerea SIT (aeroplanos e hidroplanos Bleriot),
etc., etc. — Depósito, fabrica e garage:

RUA MONSENHOR ANDRADE e AMERICO BRASILIENSE (Braz)

Estabelecimento **AGUA BRANCA** Telephone
Ceramico : N. 10-15

IMPORTADORES DE materiaes para toda a classe
de construcções e para estradas de ferro, locomotivas,
trilhos, carvão, ferro e aço em grosso, oleos, cimentos,
asfalto, tubos para abastecimento de agua, material
electrico, navios de guerra, rebocadores, lanchas e
automoveis FIAT, etc., etc.

RIO DE JANEIRO :

Avenida Rio Branco n. 25

Caixa 1534

SANTOS :

Rua Santo Antonio, 108, 110

Caixa 129

LONDRES - Broad Street House-New Broad - LONDON E. C.

EM S. PAULO :

Rua Quinze de Novembro n. 36

Endereço Telegraphico "MECHANICA"

Caixa do Correio 51 - Telephone 244

Codigos em uso: A. B. C. 5.^a EDIÇÃO - A. I. A. Z., WESTEN UNION
LIEBERS E RIBEIRO



COMP.^{IA} NACIONAL DE TECIDOS DE JUTA

Fiação e Tecelagem - Fabrica SANT'ANNA

Aniagens - Saccaria - Lona branca
Tapetes - Lona de cores
para colchão, etc. - Fios
de Juta simples ou torci-
dos de qualquer grossura.

Escritorio :

RUA ALVARES PENTEADO, 24

TELEPHONE N. 872

CAIXA POSTAL N. 342

Telegrammas: JUTA S. Paulo

CODIGOS

Particular

Ribeiro

A. B. C. 4.^a e 5.^a edição

A. I.

SÃO PAULO

Srs. lavradores e industriaes ! Como substituir o trigo ?

Não nos devemos surpreender se, — em consequencia das difficuldades oriundas da guerra — fôr totalmente impedida, para o futuro, a exportação da farinha de trigo para o Brasil.

Nem tão pouco devemos considerar indispensavel aquelle alimento, que podemos perfeitamente SUBSTITUIR por outros igualmente nutritivos.

Do milho, por exemplo, faz-se uma variedade infinita de farinhas, e assim tambem da mandioca — para não citar as numerosas feculas que constituem a riqueza do nosso sólo privilegiado.

Os lavradores brasileiros devem rejubilar-se com as difficuldades que vão apparecendo relativamente á vinda da farinha de trigo do estrangeiro — pois que isso concorrerá para valorisar productos do nosso sólo, criando para o paiz novas fontes de renda.

Ja se accentúa por toda a parte a grande procura do FUBA' DE MILHO; para as suas innumerables applicações; os productos extrahidos da MANDIOCA vão tendo, igualmente, boa collocação em todos os mercados.

Resta que, para a exploração destas industrias de tão grande futuro — os srs. lavradores e industriaes procurem machinismos que se recommendem pela sua PERFEIÇÃO e resultados praticos.

Nós temos os melhores MOINHOS HORIZONTAES PARA FUBA', com legitimas pedras ituanas desde 16" até 44", para produzir de 5 até 40 alqueires por dia, e de custo desde 460\$000. fabricamos tambem MOINHOS PARA FUBA' COM RODIZIOS, muito proprios para as fazendas onde haja uma pequena agua a aproveitar, com queda desde tres metros para cima — moinhos estes extremamente simples, podendo trabalhar dia e noite sem interrupção e sem vigilancia.

Para a fabricação da FARINHA DE MANDIOCA, fornecemos installações COMPLETAS, comprehendendo : — lavador de mandioca, cevadeira para ralar, ferragem de prensa para a massa, torrador cylindrico, aperfelçoado, prensa mecanica para separar, e machina completa para bater e coar a farinha. Esta installação é para uma produção de 1.000 kilos de farinha por dia. — PREÇO TOTAL : — 4:000\$000. — installação verdadeiramente economica, a titulo de propaganda.

Para mais informações, dirijam-se á

Companhia Industrial MARTINS BARROS

RUA DA BOA VISTA, 46 — :: — Caixa Postal, 6 — :: — SÃO PAULO

= CASA DUCHEN Grandes Armazens
de Alimentação =
ENORME SORTIMENTO DE VINHOS
em quartolas e por duzias

Grande variedade em
LICORES FINISSIMOS
Nacionais e estrangeiros

Não deixem de comprar uma
LAMPARINA IDEAL, ultima novidade:
pratica, economica e hygienica

RUA DE S. BENTO, 76

Telephone, 429

SECÇÃO DE OBRAS

— DO —

"O ESTADO DE S. PAULO,"

Jornaes, Revistas, Folhetos e Trabalhos commerciaes
com esmero e a preços modicos

TELEPHONE, 785

SECÇÃO ARCHIVO

RUA 25 DE MARÇO, 145 - S. PAULO



AMIDON



ESPLENDOR

Este é o verdadeiro amidon
brilhante, porque brilha como
:: nenhum outro ::

ooo

Industrias Reunidas
F. MATARAZZO
SÃO PAULO

ooo

N. B. — As engommadeiras, quando não quizerem dar brilho aos engommados, não devem empregar o “AMIDON ESPLendor”, porque este amido é muito brilhante, e, por isso, proprio para os engommados que requerem brilho. Devem, nesse caso, usar outros amidos, de diversas fabricas do paiz, que se encontram no mercado com a denominação de AMIDO BRILHANTE, — porque estes amidos são brilhantes só no nome, e, aos engommados não communicam o menor brilho.

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a layoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a layoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanisado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanisado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C
SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"

